

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO E DOUTORADO**

PAULO HENRIQUE RIZOTE BUENO

**DELEUZE E ARTAUD:
CORPO SEM ÓRGÃOS, UMA IMANÊNCIA DO SENSÍVEL**

CURITIBA

2023

PAULO HENRIQUE RIZOTE BUENO

**DELEUZE E ARTAUD:
CORPO SEM ÓRGÃOS, UMA IMANÊNCIA DO SENSÍVEL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Área de concentração: Ontologia e Epistemologia, da Escola de Educação e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Eladio
Constantino Pablo Craia

CURITIBA

2023

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Margareth Jansson Zanetti – CRB 9/1117

B928d
2023 Bueno, Paulo Henrique Rizote
 Deleuze e Artaud : corpo sem órgãos, uma imanência do sensível /
 Paulo Henrique Rizote Bueno ; orientador: Eladio Constantino Pablo
 Craia. -- 2023.
 133 f. ; 30cm

 Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
 Curitiba, 2023
 Bibliografia: f. 129-132

 1. Filosofia. 2. Artaud, Antonin, 1896-1948. 3. Imanência (Filosofia).
 4. Emoções. I. Craia, Eladio Constantino Pablo. II. Pontifícia Universidade
 Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. III. Título

CDD 20. ed. – 100



Programa de
**PÓS-GRADUAÇÃO
EM FILOSOFIA
PUCPR**

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 229
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

Paulo Henrique Rizote Bueno

Aos vinte e sete dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte e três, às dez horas, reuniu-se por videoconferência a Banca Examinadora constituída pelos professores: Prof. Dr. Eladio Constantino Pablo Craia, Prof. Dr. Eduardo Ribeiro da Fonseca e Prof.^a Dr.^a Mariana de Toledo Barbosa para examinar a dissertação do mestrando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, **Paulo Henrique Rizote Bueno**, ano de ingresso 2021, intitulada: DELEUZE E ARTAUD: CORPO SEM ÓRGÃOS, UMA IMANÊNCIA DO SENSÍVEL. Após apresentação e defesa da Dissertação, o mestrando foi aprovado pela Banca Examinadora. Proclamados os resultados, o Presidente da banca outorgou ao candidato o título de Mestre em Filosofia. A sessão encerrou-se às 12h00. Os avaliadores participaram da defesa por videoconferência e estão de acordo com os termos acima descritos. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelo presidente da banca e pela coordenação do Programa.

Presidente:

Prof. Dr. Eladio Constantino Pablo Craia (PUCPR)

Membro Interno:

Prof. Dr. Eduardo Ribeiro da Fonseca (PUCPR) Participação vídeo conferência

Membro Externo:

Prof.^a Dr.^a Mariana de Toledo Barbosa (UFF) Participação vídeo conferência

Prof. Dr. Federico Ferraguto
Coordenador do Programa de Pós-Graduação
em Filosofia – *Stricto Sensu*



*Dedico a meu amado avô,
Dalmo.*

*Que a seu modo, me ensinou
a ver a natureza da vida
e a vida na natureza.*

AGRADECIMENTOS

Ao longo do percurso, aprendi que pesquisar é um processo árduo. Mas que é compensado, pelo conteúdo adquirido, por todo o conhecimento e suas relações, e claro com texto final. Entendemos que nos afastamos, pois a pesquisa, tende a ser um processo solitário, nessa viagem que embarquei busquei desfrutar ao máximo, e pude apreciar o mágico e o charmoso, que me fez apaixonar ainda mais pela filosofia. E por isso agradeço;

Gostaria de estender meus agradecimentos a Minha Mãe Darlene e a Meu Pai Mauri, esses que nunca deixaram de me apoiar em minhas aventuras. A Minha família;

Nesse processo conheci um argentino, que não somente me orientou como me acalmou no desespero, ajudou a rir, deixou tudo muito leve, dentro do regime me deixou livre. Obrigado ao meu orientador Prof. Eládio;

Agradeço a minha banca, pelo tempo, paciência e disponibilidade, a Prof. Marina, a qual tive a sorte de conhecer pessoalmente durante a ANPOF, e ao Prof. Eduardo, um leitor de Artaud.

Ao meu amigo de todas as semanas André, O. sem sua ajuda não sei como seria;

Se amigos são as famílias que escolhemos, então vou dividir esses agradecimentos com vocês, Ingrid L.- a encorajadora; Luísa N.- a equilibrada; Nelson, M.- o paciente; Beatriz, M.- a animada; Helen, F.- a romântica; Ricardo, B.- o atencioso; Elaine, B.- a irmã; Gustavo, J. e Nicole D.- os exemplos; Deby E.- a guerreira; Rafaela L.- a conselheira; Tarik A.- o poeta; Tarini S.- a interessada.;

Em especial quero agradecer meu amigo que me ajudou muito em todo o processo, seja pelas conversas e os cafés, pelas trilhas e passeios, almoços, e pelo conforto, que nos fez fugir da solidão, quero te agradecer pela amizade Cesar Lavalle.

Ainda no momento especial quero agradecer a Andreia Carvalho, obrigado por olhar para mim e acreditar.

Agradeço a todos os colegas do grupo de estudos Deleuze/PUCPR.

Estendo também, a toda equipe do PPGF, professores, funcionários e colegas, mas deixo um agradecimento, “superespecial”, para a querida e “sempre resolvedora de problemas” a maestra D. Antônia.

Agradeço a CAPES, por ter oportunizado minha pesquisa.

E por último agradeço as relações, ao tempo, e, Mirella & Serena.

*Desde a infância eu tenho sido
Diferente d'outros – tenho visto
D'outro modo – minhas paixões
Tinham uma outra fonte e
Minhas mágoas outra origem -
No mesmo tom não despertava
O meu coração para a alegria -
O que amei – eu amei só.
Então – na infância – a aurora
Da vida atormentada – estava
Em cada nicho de bem e mal
O mistério que me prendia – [...]*

Edgar Allan Poe

RESUMO

A presente pesquisa demonstra de que modo o conceito de “Corpo sem Órgãos” cunhado por Antonin Artaud, foi recepcionado pela filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, na obra *Lógica do sentindo* (1969) e de que modo conceito se torna plano de fundo em obras posteriores, tais como em *O Anti-Édipo* (1972) e *Mil Platôs* (1980), onde o termo é referenciado em contextos diferentes entre os textos, com o intuito e com o propósito de clinicar ações diferentes em vários campos (social, linguístico, capital), a atribuição do termo resulta e contribuirá para o desenvolvimento de um pensamento sobre a imanência deflagrada a partir do horizonte do sensível. O caminho transitado passa pela compreensão de como o conceito “Corpo sem Órgãos” foi originado e aprofundado dentro da obra, - e até da vida-, de Antonin Artaud, tornando-se uma referência estética, em particular articulação com a esquizofrenia. Posteriormente, o texto verifica como a construção de um sistema pré-estabelecido de ordem semiótico e dinâmica normatizante, pode criar uma linha reguladora e, assim, “banir” ou marginalizar aqueles grupos ou indivíduos que não se assujeitam à regra e a lei imposta pelo sistema socioeconômico dominante, isto é, o capitalismo. Neste recorte, o trabalho apresenta, primeiramente, o desenvolvimento e uso do conceito “Corpo sem Órgãos” a fim de que este seja compreendido como forma de liberação de afetos e sentimentos de ordem não racional. Em seguida o trabalho investiga o agenciamento entre os conceitos previamente abordados e, finalmente, analisa como as relações afetadas no corpo do “marginalizado” potencializam a ação e a intensidade do próprio “Corpo sem Órgãos” como elemento constitutivo de uma linha não reguladora, a qual tende a gerar uma certa revolta anárquica no próprio corpo do sujeito. Deste modo, a pesquisa determina como, por meio da esquizoanálise, é possível ter acesso ao conhecimento sobre as composições e decomposições corporais, estabelecendo limiares de intensidade que alterem a realidade dos membros e dos grupos. Neste sentido, a dissertação analisa como, neste tipo de “caos afetivo-sensível”, o sujeito cria ações em prol de mudanças, fazendo nascer uma nova estética onde a experimentação abre caminho para “o absoluto”. A partir da obra e vida de Antonin Artaud, verifica-se que houve pequenas batalhas internas que originaram um grande “grito de guerra contra os órgãos”; nesse momento se concretizando o conceito pleno de “Corpo sem Órgãos”. A pesquisa resulta, a partir da análise da recepção do conceito de “Corpo sem Órgãos”, tornou-se possível identificar sua presença em qualquer corpo e em qualquer lugar, desse modo, foi possível atribuir o termo, na prática, sob a liberação das sensibilidades do sujeito, e assim, definir que o sensível é o “Corpo sem Órgãos” no corpo do sujeito e por isso imanente a cada ser.

Palavras-chave: Artaud; Deleuze e Guattari; corpo sem órgão; Imanência; afetos e sentimentos.

ABSTRACT

The present research demonstrates how the concept of “Body without Organs” coined by Antonin Artaud, was received by the philosophy of Gilles Deleuze and Félix Guattari, in the work *Logic of feeling* (1969) and how the concept becomes background in later works, such as *O Anti-Édipo* (1972) and *Mil Platôs* (1980), where the term is referenced in different contexts between texts, with the intention and purpose of clinically different actions in various fields (social, linguistic, capital), the attribution of the term results from and will contribute to the development of a thought about immanence triggered from the horizon of the sensible. The path taken involves understanding how the concept “Body without Organs” was originated and deepened within the work, - and even life-, of Antonin Artaud, becoming an aesthetic reference, in particular articulation with schizophrenia. Subsequently, the text verifies how the construction of a pre-established system of semiotic order and normatizing dynamics, can create a regulatory line and, thus, “ban” or marginalize those groups or individuals that do not subject themselves to the rule and the law imposed by the dominant socioeconomic system, that is, capitalism. In this section, the work presents, firstly, the development and use of the concept “Body without Organs” so that it is understood as a way of releasing affections and feelings of a non-rational order. Then, the work investigates the agency between the previously discussed concepts and, finally, analyzes how the relationships affected in the body of the “marginalized” potentialize the action and intensity of the “Body without Organs” itself as a constitutive element of a non-regulatory line, the which tends to generate a certain anarchic revolt in the subject's own body. In this way, the research determines how, through schizoanalysis, it is possible to gain access to knowledge about body compositions and decompositions, establishing thresholds of intensity that alter the reality of members and groups. In this sense, the dissertation analyzes how, in this type of “affective-sensitive chaos”, the subject creates actions in favor of changes, giving birth to a new aesthetic where experimentation opens the way to “the absolute”. From the work and life of Antonin Artaud, it can be seen that there were small internal battles that originated a great “war cry against the organs”; at that moment, the full concept of “Body without Organs” was realized. The research results, from the analysis of the reception of the concept of “Body without Organs”, it became possible to identify its presence in any body and in any place, in this way, it was possible to assign the term, in practice, under the liberation of the subject's sensibilities, and thus define that the sensitive is the “Body without Organs” in the subject's body and therefore immanent to each being.

Key-words: Artaud; Deleuze and Guattari; body without organ; Immanence; affections and feelings.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. O ÚLTIMO ARTAUD.....	18
2.1 A PROFUNDIDADE E A DOENÇA DO ESPÍRITO	18
2.2 A PESTE CRUEL À SERVIÇO DO CAPITALISMO	29
2.3 A IMORTALIDADE E A REALIDADE NO PROCESSO DO DESEJO.....	39
2.4 O SUICIDADO E DEUS COM SEU JULGAMENTO	46
3. A LINHA REGULADORA DO HORIZONTE	54
3.1 SISTEMA NORMATIZANTE.....	57
3.2 SISTEMA PRÉ-ESTABELECIDO	65
3.3 SEMIÓTICO.....	72
3.4 CORPO SEM ORGÃO	77
4. ESQUIZOANÁLISE E LIBERAÇÃO.....	84
4.1 AFETOS E SENTIMENTOS.....	84
4.2 A LEITURA NÃO-RACIONAL.....	92
4.3 UMA ABERTURA PARA O MÚLTIPLO.....	100
5. A IMANÊNCIA DO SENSÍVEL	110
5.1 CAOS SIVE NATURA, UMA NOVA ESTÉTICA.....	110
5.2 PRUDÊNCIA, DEVO USAR?.....	119
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
7. REFERÊNCIAS.....	130

1. INTRODUÇÃO

Essa Dissertação pretende, primeiro, identificar como, a partir do conceito de Corpo sem Órgãos recepcionado por Gilles Deleuze da obra e vida de Antonin Artaud, é possível pensar a imanência sensível. Além de falarmos sobre isso, podemos nos referir a este trabalho como um Manifesto da intensificação da existência através das coisas, ou de uma política das intensidades, de forma poética e desconexa de uma regra da escrita, tentamos, através dessa dissertação, fugir da regra, mostrando a sensibilidade e uma expressividade genuína. O desafio de trazer para a academia algumas formas, não aceitas, fugindo da monotonia e da superficialidade, apresentamos formas diferentes de intensidades. A vida tende a não ser perfeita e ela não se coloca dessa maneira. O que passar por displicência tratamos como desafios, um novo código talvez.

Para apresentarmos o caminho de nossa dissertação, vamos recorrer ao início desses que norteou a pesquisa com sua visceralidade. Antonin Marie Joseph Artaud (1896 – 1948), foi um poeta, ator, escritor, dramaturgo, roteirista e diretor de teatro francês. Sua obra é uma contribuição a arte do teatro, a história e a filosofia do século XX, a partir da compreensão do seu tempo enterra a arte moderna para pensar uma nova estética. Antonin Artaud, como é conhecido, é um exemplo anômalo de resistência, da aspiração anárquica, de literatura como caso e desafiante da arte contemporânea.

Com aspirações artísticas desde sua juventude, passamos a analisar suas produções, já na fase adulta vivida em Paris, a partir da tentativa das publicações de seus textos na *Nouvelle Revue Française*, por meio das correspondências trocadas com o diretor da revista Jacques Rivière em 1923, pincelando pensamentos, sugestões e ideias que vão surgindo em sua escrita até chegar em sua última produção, a peça radiofônica *Para acabar com o juízo de deus* (1948), onde surge o repúdio ao órgão, dando início ao conceito de Corpo Sem Órgão (CsO).

Esse estado último de Artaud, um dos mais conhecidos e recepcionados por outras disciplinas, como a filosofia, alimenta o estado do que permanece e por fim o que será fresco na memória, por ser recente a lembrança. O que mostraremos será o movimento desse pensamento até chegar ao Corpo sem Órgãos. Devido a complicações em sua saúde, Artaud em seu estado final, também representa um corpo que sofre a deterioração em vida, marcado pela relação das coisas em si, e de si nas coisas, criando força para continuar nesse estado ultimo onde a construção e a produção de sua obra não cessa, apesar das contravenções que o impedem, em seu tempo e no seu tempo, sua leitura se tornou incapaz de entendimento, desse ser que se debruçou no limite e nas finitudes das relações sociais, consigo, com seu corpo, com sua arte como potência de existir.

Sobre o conceito Corpo sem Órgãos, Gilles Deleuze, discorre o uso em seu texto *Logica do sentido* (1969), onde discute as experiências e vivências literárias de Antonin Artaud, em seu texto, Deleuze, apresenta dois modos diferenciados e periféricos de percepção de mundo, um aos olhos da menina (na figura da personagem Alice de Lewis Carroll) e do esquizofrênico (a respeito de Artaud). A distinção entre superfície — campo mutável das coisas e do *nonsense*^[1] em Lewis Carroll, contraponto a “profundeza” — lugar da rejeição total da superfície e retomada do corpo como real em Artaud. Posteriormente, com a colaboração de Feliz Guattari, em *O Anti-Édipo* (1972), os autores expandem o profundo por meio do conceito Corpo sem Órgãos relacionado como potência da realidade de mundo imanente ao corpo, o qual se caracteriza pelo seu conjunto de hábitos, movimentos, afetos e dimensões virtualizadas^[2], ao qual culmina a um *Corpo pleno sem Órgão*. Deleuze e Guattari na configuração do corpo-terra, corpo do déspota e no corpo do capital exemplificam o limite e o abalamento do socius por essas potências articuladas por meio do Corpo sem Órgãos, onde a frente em *Mil Platôs* (1980), perdera a noção do conceito puro e fora entendido, o Corpo sem Órgãos, como um conjunto de práticas subdivididas e diferenciadas em: O Corpo sem Órgãos vazio — cujo é desorganizando e não-produtivo. O Corpo sem Órgãos pleno — saudável, produtivo e oscilante em sua organização. O Corpo sem Órgãos,

canceroso — capturado em um padrão de reproduções sem fim, também chamo por Deleuze e Guattari de corpo-fascista.

Organizamos a pesquisa em quatro momentos isolados onde os conceitos analisados conversam entre eles, e compõem a discussão proposta, o onde o fio condutor é o conceito de Corpo sem Órgãos, os escritos de Antonin Artaud, e os pensamentos filosóficos de Gilles Deleuze e Félix Guattari, e, a contribuições de outros filósofos, pesquisadores e intelectuais na intenção de realizar as ligações necessárias que nossa pesquisa compõe.

No primeiro momento, capítulo o qual demos o nome de O último Artaud, consiste em apresentar por meio de sua obra, que seu estado último, encerrado com a peça radiofônica *Para acabar com o juízo deus*, não representa sua totalidade como potência, a peça datada de 1948, onde surge a abertamente a declaração que só seria possível o ser livre, quando criasse para um sim Corpo sem Órgãos, abre questionantes, sobre a sociedade, sobre a linguagem, sobre a arte. Desde seu início no mundo das artes, o pensamento de Artaud é complexo, e em dia atuais, para seu entendimento ainda é necessário de outras disciplinas para facilitar seu entendimento, tarefa qual Deleuze e Guattari desempenharam com maestria. O último Artaud tenta apresentar brevemente a vida e mostrar que existem outras reflexões, pensamentos, ideias, sugestões, para além das conhecidas, como a relação do teatro com peste, o duplo, o Teatro da Crueldade e o Corpo sem Órgãos. Iniciamos com a apresentação dos conceitos localizados que conversam que nosso objetivo final, passamos a analisar esses termos:

A Doença Do Espírito, nesse momento discutimos as questões estéticas da linguagem, as quais , fez com que Artaud tivesse seus escritos negado a publicação, devido uma falta de coerência, um julgamento estético por parte de Jacques Rivière, o qual em primeiro momento não aceitou realizar a publicação, porem nasceu um interesse em conhecer a pessoa do autor (Artaud), saber quais eram os mecanismos de criação, Artaud se refere a uma doença no espírito, doença essa que realiza instabilidade com o racional, não obedece padrões estéticos de gramática, são fluxos do inconsciente que comandam sua escrita, “*A lógica do sentido*” de Deleuze tenta colocar o

esquizofrênico e o perverso na mesma balança, Artaud contra Carroll, Deleuze usa os dois autores para realizar a distinção entre o que é profundidade, e o que a superfície, para o esquizofrênico, Artaud, não existe a superfície, esse que dado, de fácil acesso, que de novo não tem nada, estar ou ser a profundidade e revirar as vísceras, criar o novo, a base de excrementos (aos modos de artaudiano).

Artaud, artista presente no Primeiro Movimento Surrealista, indica por meio da *Metamorfose* uma atualização do pensamento revolucionário, onde esse processo no corpo do Ser corresponde a tentativa de uma mudança maior no meio em que se vive, a sublevação indicada pelo movimento consiste em uma insurreição na intenção de se livrar dos automatismos psíquicos que nos rege — a triangulação edipiana. Com intensão de não permanecer amarrado nas correntes da razão, Artaud relaciona o sentimento, que a sociedade tem em separar o que se entende por cultura e civilização, para ele, esse é um erro mortal que condiciona o Ser à prisão, pois o abandono do real sentido da cultura e separá-la da civilização e viver sobre um Modo artificial, para Artaud o entendimento entre cultura e civilização é o mesmo, o pensamento europeu se perde nessa distinção.

O teatro e seu duplo (1964), de Artaud, pode ser considerado seu texto mais conceitual, suas ideias são desenvolvidas a partir das artes, em especial o teatro, onde extraímos A peste, um conceito mortífero para Artaud, e, por ser a morte, relação direta com a função do atual Teatro europeu na conjuntura, a peste não serve ao capitalismo, inclusive o atrasa, porém, o capitalismo em certa medida que apodera da peste a seu serviço, uma forma de *territorializar* o medo, e o controle. Artaud comprara, pois, a doença do teatro é um mal necessário a todo. Uma atribuição cruel acerca das relações, quando Artaud fala da *Crueldade*, não está na forma de esfacelar o corpo em sangue, a crueldade em Artaud, é o puro devir — ação do desejo, uma crueldade muito mais refinada, que apenas ver o sangue saindo, a crueldade ataca os valores. Nestes momentos podemos ver a esquizofrenia do sistema, que usa da peste a seu favor, que não aceita que toquem nos seus sagrados valores, porém faz da crueldade na presença da fome, o sistema não deseja a fome, porém não faz nada para evitá-la. *O corpo-fome*, que Artaud nos descreve o corpo do

burguês que se alimenta da acumulação de bens, de banquetes luxuosos para promover a caridade, a máquina capitalista alimenta a fome com miséria, e quem tem fome se alimenta do que está disponível a violenta aceitação do esgotamento contra os gulosos da ganância.

Com o termo *Elixir da Vida*, Artaud retoma a busca, da base de crescimento espiritual, sobre a harmonia com a natureza e ir de reencontro com os valores perdidos, esses pontos são os mesmos da base da filosofia alquímica, por mais que os alquímicos foram para fogueira, por uma ideia de transformação de pedras em ouro, eles estavam realmente interessados nos mistérios da vida, da alma e do mundo. *O teatro de Bali*, nos mostra a potencialidade do estado puro do espírito na manifestação por meio de gestos, do corpo e da voz, distante de imagens e códigos que a cultura ocidental absorve como verdade, Artaud nos dias que a arte oriental, em especial a balinesa, elucida o abstrato no presente, são ideias metafísicas sobre uma arte que flui no real.

No final do primeiro capítulo, apresentamos o suicídio pela sociedade, Artaud descreve a triste vida de Van Gogh, um relação bem próxima à sua, em um tom quase autoral, Artaud, fala que o suicídio é um serviço promovido quando a sociedade estende o poder ao médico-legal - a psiquiatria, ambas validam verdades originais de seus próprios estudos, permitindo ou não que o sujeito viva na sociedade, os mesmos amortecem a mente com seus psicotrópicos, porém longe da cura, e sob a pressão de pertencer realmente no sistema como alguém ativo, o marginalizado e esgotado, se perde e o suicídio e sua única saída, um suicídio sustentado pela máquina capitalista. E por fim acabaremos com o juízo de deus, o Deus todo-poderoso criador do céu e da terra que morreu, e no seu lugar o homem apoderou e agora ele fez suas próprias leis, seus próprios sagrados, acabar com o juízo desse homem vivo, com a ilusão de ter o poder que acumula, que sentencia, que prende, que mata, que regula, que cria organismos, e neste posto, Artaud destaca sua ira, contra os órgãos, e se o homem quer ainda existir, só acontecerá quando ele tiver criado para si um Corpo sem Órgãos.

Em nosso passeio pela primeira parte dessa dissertação, tendemos à retrata uma linha no pensamento artaudiano sobre questões distintas, mas que tem a mesma essência, denunciar algo maior que sempre aprisiona.

Dedicaremos, o segundo capítulo, na busca conceitual de como o esgotamento, a exclusão acontece no sistema, *O Anti-Édipo* (1972) e sua “extensão”, *Mil Platôs* (1980), na voz de Deleuze e Guattari, traz uma denúncia as falhas da psicanálise arramadas no Édipo, envolto do desejo. A tradição faz referência ao desejo “a tudo aquilo que não tenho”, ou seja — a falta, e esse fluxo negativo, também cria seus esquizofrênicos, com seus delírios e fantasias. A razão é o grande pai dessa trama, e se quem delira o desejo, deseja a falta, modo positivo e negativo de uma mesma fonte, porem o sistema capitalistas facilita, a criação de outras máquinas, para conter, ou eliminar, os delírios e os esquizofrênicos, por meios das máquinas sistêmicas, normatizante, pré-estabelecidas e semióticas.

O Sistema Normatizante consiste por meio do uso do senso comum, bom senso e pelo poder hábito, normatizações a serviço da máquina capitalista funções que reprimem a diferença, fomentam a servidão e os mantêm cada vez presos ao regime, já *O Sistema Pré-Estabelecidos*, estabelece um regime ao que foi rudimentado pelo sistema normatizante, valores, regras, ordens, o que pudessem na convivência por tradição histórica, o terceiro braço desse regime, está posto sobre o *Semiótico*, sistemas, sociedades, e as leis, criam imagens que solidificam por meio da linguagem, referência de padronizações, regras, o todo momento somos alimentados por esses signos e imagens, que partindo da máquina capitalista muda a noção funcional da imagem para si, na explicação em interpretações que não condiz com a realidade no esquema de produção e reprodução de uma modelo já existe e funcional, porem todas aqueles que não aceitam esses regimes, que pensam diferente de seus regimentos, são marginalizados e separados pela que apresentamos como *Linha Reguladora Do Horizonte*.

Finalmente, no terceiro e no quarto capítulo, desenvolveremos como funciona a relação dos afetos e seus movimentos de relação no grupo, dos membros da sociedade, partindo do ponto central sobre aquilo que me afeta, e

relação com questões particulares sobre os sentimentos que são, sínteses e análises com relação aqui que nos afeta, diminuindo ou aumentando a potência de existir, uma breve leitura de Espinosa sobre os cuidados de Artaud, Deleuze e Guattari. O esquizofrênico é aquele que sente, e reflete sobre o que seita aceite o processo, a leitura não racional precisa acontecer, para não servir aos moldes julgadores que a razão na sociedade dissemina, irracionalidade que reduz a potencializa dos sentimentos e dos afetos, a serviço da castração. Pela busca e entendimentos das relações e dos afetos sofridos e causados, vamos analisar como funciona essa leitura das relações em nosso corpo, para entender sua ampliação, sem os formatos estipulados pelos sistemas, após essa leitura que chamamos de não-racional, estamos em frente a porta, uma por das possibilidades caminho do absoluto, onde qualquer coisa pode acontecer, vamos buscar por meio das liberações dos sentimentos em nosso corpo, pelo corpo se órgãos, o múltiplo. Diálogo com os fundamentos da esquizoanálise, na possibilidade de por meio da arte, no caos, liberar essas zonas de intensidades, conhecer os riscos e evitá-los, a experiência ao limite do corpo sem órgãos sem a devida prudência pode chegar ao suicídio por beirar a morte, porém só pela experiência e que conhecermos nossos verdadeiros corpos sem órgãos.

A morte parece menos terrível
quando se está cansado.

Simone De Beauvoir

2. O ÚLTIMO ARTAUD

2.1 A PROFUNDIDADE E A DOENÇA DO ESPÍRITO

Dissertar sobre Antonin Artaud é como estar na dobra que se dobra, se lançar em queda livre a um imenso precipício sem fim, onde por meios de suas experiências e vivências conseguimos chegar perto de uma ideia, de um pensamento que ainda hoje necessita da recepção de outras disciplinas para seu entendimento. Trabalho esse que Gilles Deleuze também se debruçou sobre obra do poeta marginalizado com o uso da filosofia para questionar a atualidade do mundo real e da vida em sociedade. E é nesse local, ao fundo, nas profundezas que Deleuze explora o pensamento esquizofrênico, para desembaralhar um sentido da linguagem. Na *Lógica do Sentindo*, pelo confronto o qual Deleuze julga dizer uma “armadilha da semelhança” (1969, p.86), que ocorre ao considerar dois textos, um deles o poema de *Jabberwocky*¹ de Lewis Carroll e a impressão de Antonin Artaud sobre o mesmo poema, no qual, para Artaud o poema de Carroll é uma espécie de apresentação ao outro mundo com outra linguagem, onde as palavra-valises tendem a ter outra função, Deleuze mede essa distância e separa a linguagem de Carroll, na superfície e a linguagem de Artaud na profundidade dos corpos.

Artaud considera Carroll como um perverso:

“Um pequeno perverso, que se restringe à instauração de uma linguagem de superfície e não sentiu o verdadeiro problema de uma linguagem em profundidade — problema esquizofrênico do sofrimento, da morte, e da vida. Os jogos de Carroll lhe parecem pueris, sua

¹ “Jaguadarte” (no original em inglês: “Jabberwocky”) é um poema nonsense que aparece no livro *Alice no País dos Espelhos* (1871 É considerado um dos principais poemas de nonsense escritos em língua inglesa).

alimentação muito mundana e até mesmo sua fecalidade hipócrita e bem-educada” (DELEUZE, 1969, p. 87)

O esquizofrênico, ao se referir a escrita do perverso, assegura que a invenção de uma de nova própria língua é válida, porém para que isso aconteça é necessário que o local da criação venha do pavor. Esse local de pavor e terror, profundo na criação, tem uma ligação direta ao que Artaud chamou de doença do espírito, em 1923, na tentativa de publicações de seus poemas na NRF², Jacques Rivière não desdobra interesse suficiente aos poemas escritos e sim ao autor de onde inicia uma longa troca de cartas há respeito da forma estilística diferente a qual Artaud apresentou e constrói seus poemas. Mediante essa reclusa e curiosidade do diretor da Revista ao não classificar os escritos de Artaud como publicáveis, nos perguntamos quem pode afirmar um escrito como literatura?

O processo de Artaud no mundo das artes literárias permeia uma não linearidade, distanciada da Arte Moderna³, o que em certa medida salienta em sua visão contrária a Europa como centro de tudo e como ponto de partida de outras possibilidades. A classificação geral sobre a criação poética, está pautado no poder de liberdade e de ilusão, no uso de palavras estabelecidas em verbos e na relação com o sonho, por meio da possibilidade imaginativas das coisas acontecerem ou não. Já a prosa está ligada diretamente ao estado concreto da língua vivenciada. Por mais que poesia e prosa se misturem constantemente, essa ação despende-se na escrita de Artaud, o qual é necessária uma não-identidade, sobre as lentes da poesia e da prosa moderna, para então nos deparamos com uma nova poesia. A resposta de Artaud para esse abandono da forma literária moderna, surge sobre o sofrimento de uma doença, “sofro de uma terrível doença mental. Meu pensamento me abandona, em todos os níveis” (ARTAUD, 1923, p.11), não refém desse problema da clínica, tanto em seu julgamento como artista como em sua patologia, Artaud

² *Nouvelle Revue Française* é uma revista literária com sede na França. Na França, é muitas vezes referido como o *NRF*.

³ Foi um conjunto de tendências que começou a se desenvolver a partir da segunda metade do século XIX, atingindo o ápice na primeira metade do século XX. A partir desse momento, começou a envolver uma série de rupturas com as tradições que vinham sendo acompanhadas na história da arte.

vive bem com sua diferença, “o mais ínfimo dos esquizofrênicos a conhece e vive também à sua maneira: para ele não há, não existe superfície” (Deleuze, 1969, p.89). Rivière sobre a obra de Artaud, “há em seus poemas [...] desleixos, sobretudo estranheza desconcertantes. Mas [...] me parecem corresponder a uma certa preocupação de sua parte que a falta de controle de seus pensamentos” (ARTAUD, 1923, p.13), tem essa percepção, pois sua leitura busca a superfície, o qual para Deleuze, Artaud, já abandonou, sendo a primeira evidência esquizofrênica. “não há mais fronteira entre as coisas e as proposições, precisamente porque não há mais superfície dos corpos.” (1969, p. 89)

A doença do espírito, presente em Artaud, referenciada quando não consegue estabelecer uma ligação racional os modos de escrita, e nesse ponto, utiliza como de justificar que a obra escrita se perde do próprio pensamento, havendo a identificação dessa ação, e por medo de perder a fluidez, Artaud, permite dar forma as palavras por meio da materialização da sua alma em seus escritos e qual ação, por sua vez tende a se dar como imperfeita. Podemos nos perguntar o porquê dessa não-identificação, que advém da justificativa na materialização intelectual do espírito?

A validade normativa na escrita se legitima pela presença de uma solidez na superfície, essa solidez de ordem racional capaz de justificar a verdade, marcada na estrutura da escrita, ou seja, se existe uma estrutura de criação identificada na leitura por meio da recepção lógica da escrita, existe a solidez. Sem ela não é possível afirmar uma autenticidade artística? Se os movimentos são fechados para o surgimento de outras rotações, permanecendo presos a uma forma de criação de uma escola em específica, o que se impossibilita reconhecer a criação a partir do profundo. Portanto, quando se afirmar que há uma solidez na criação artista e possível afirmar também que com ela vem a estrutura, sendo elas correlatadas e intrínsecas ao modo outro de fazer poesia. O que se torna diferente na escrita de Antonin Artaud, e que não existe a solidez racional da escrita, o lugar de acesso intelectual de onde se cria é o espaço do nada, esse nada é também um vazio de onde sai outra forma de verdade, outra forma de escrita não estruturada, portanto, não sólida, no apontamento de Deleuze como uma contradição “profunda que atravessa o corpo” (1969, p.90)

e por ser também uma das dimensões do corpo esquizofrênico, acaba sendo recepcionada pela escola artística do atual (em sua época a Arte Moderna) como uma poesia defeituosa, sem a absorção da forte beleza que o defeito pode conter, pela simples comparação⁴ com a poesia perfeita, estruturada e solida presente nas escolas de vanguardas já estabelecidas. Nota-se novamente o julgamento refém da clínica binária entre o aceito e o não-aceito.

A inquirição acerca da validade normativa da escrita, é pautada em um problema de pensamento, de uma doença presente no espírito, uma chaga que vai contra ao senso comum racional das estruturações estéticas da escrita, tirando o direito de repensar o verso e a prosa. Quando Artaud admite e questiona, que para uma publicação:

“Exija certo nível formal e uma grande pureza de material, mas deixando isso de lado, teria a substância de meu pensamento se tornado tão confusa e sua beleza geral tornada tão pouco ativa pelas impurezas e as indecisões que a semeiam que tal substância tenha acabado por não existi LITERARIAMENTE?” (ARTAUD. 1923, p.23)

Anuncia Artaud em suas correspondências, que por meio do mau jeito e pelas estranhezas perturbadoras em sua escrita, não se justifica como uma busca individual de presença (até mesmo, que escola artística se fundamenta ao descrever do estado do ser atuante que cria como forma de legitimar a criação?), tão pouco a falta de consciência, e nem sequer a aceitação de sua escrita, pois a posta doença do espírito só existe, pelo motivo de não existir uma estrutura solida que recepcione a sua poesia como legítima, “trada-se [...] para o esquizofrênico, recuperar o sentido que de destruir a palavra (DELEUZE, 1969, p.91). Por estar na profundidade, a doença do espírito é também um vazio.

⁴ Em maio de 1923, Antonin Artaud, recebe uma carta informando que seus poemas não poderiam ser publicados na *Nouvelle Revue Française* (NRF), a carta é assinada por Jacques Rivière. Rivière em resposta aos questionamentos de Artaud sobre a não publicação, a ponta que a escrita de Artaud não segue um padrão estético (do atual), que parecia inacabada e imperfeita e que por isso não poderia ser publicada, Artaud rebate e essas trocas correspondências que permaneceu por quase dois anos criou por meio de refutas e explicações, uma simpatia entre o autor e o escritor, seus textos foram publicados depois de um longo tempo. Juntamente com suas correspondências.

Jean-Paul Sartre (1948) reconhece haver verdade quando os temas solidificam os estilos (as escolas de movimento artísticos), porém não devem ser tomadas por essas influências e serem comandadas em virtude desses temas, a arte pura⁵ foi apenas uma manobra para defender a ortodoxia e rejeitar qualquer possibilidade de mudança da tradição, pois a “verdadeira e pura literatura é uma subjetividade que se entrega sob a aparência de objetividade, um discurso tão curiosamente engendrado que equivale ao silêncio [...]” (1948, p.28), silêncio esse que também representa a ausência de sonoridade — um nada, com relação direta ao vazio, ambos podem ser lidos como um nada em ação, para Artaud o nada é o lugar de onde saem suas criações de um espírito que está doente, e para Sartre o silêncio não é o mudo, é apenas uma não sonoridade que também pode haver a expressividade, ou seja, silêncio e vazio é uma ação que contesta a si, uma razão de ordem particular que se dá contra a vontade expressa daqueles que estruturam.

Partindo desse ponto de aceitação de uma escrita que difere da comum apresentada, para entender a profundidade, onde vida e obra se misturam para dar corpo ao um novo. Artaud foi de ordem contrária a revolução coletiva, isso porque, para significar um sistema que opera pelas modificações, será preciso buscar a fisicalidade entre a relação do corpo e da escrita. Deleuze (1969) reconhece que toda palavra é física e afeta imediatamente o corpo e devido à involução fundamental, o lugar desse corpo ganha atenção, agora não mais somente para delimitar esse espírito doente, mas também para posicionar a profundidade física e real:

“Tudo é corpo e corporal. Tudo é mistura de corpo e no corpo, encaixe e penetração. Tudo é física, como diz Artaud: “nós temos nas costas vértebras plenas, atravessadas pelo cravo da dor e que, pelo andar, pelo esforço dos pés ao se levantarem, a resistência ao abandono, formam caixas ao se unirem umas às outras.” [...] como não há superfície, o interior e o exterior, o continente e o conteúdo não tem mais limite preciso e se afundam em uma universal profundidade ou

⁵ Na arte, o purismo foi um movimento que defendia uma criação sem valores emocionais, sendo racional e rigorosa. Sem subjetividades e qualidades decorativas. O movimento foi fundado por Amédée Ozenfant e Charles Edouard Jeanneret, em 1918. Os dois se consideravam os criadores do cubismo puro. Existe uma simplificação das formas, geometrização. Representam a natureza morta sem volume, somente com as duas dimensões.

giram no círculo de um presente cada vez mais estreito, na medida mesma em que ele é cada vez mais repleto” (DELEUZE, 1969, p.90)

Essa força intensiva que atravessa, não pertence à ordem representativa das coisas e da escrita na presença material, uma maneira esquizofrênica de viver sempre na contradição, o que faz com que esse corpo-despedaçado, para encaixar e girar, permita-se relação o processo da metamorfose para pensar uma revolução por meio da escrita com relação direta ao corpo.

Apesar de Gilles Deleuze não fazer menção direta ao processo de metamorfose que Artaud passa, esse corpo no seu limite e na profundidade, necessita de uma atualização precisa para desenvolver o pensamento revolucionário, e por isso recorrer a outra disciplina para mapear esse movimento. Perante a biologia apenas os grupos dos metazoários, conseguem apresentar um processo aparente de modificações físicas, onde cada estágio tende a ser muito diferenciado ao estágio anterior e ao sucessor, longe dos mamíferos que de certo modo também apresentam um processo de modificações, porém esse processo acontece por meio direto, não se muda a estrutura física de um estágio para o outro. A metamorfose — o mudar de forma acontecesse por mudanças no habitat, alimentação e de comportamento, ou seja, fatores externos que acabam mudando a forma. Apesar de sua origem interna, a lógica comum é uma ação externa, capaz de afetar as formas, porém os mamíferos-humanos não são capazes de metamorfosear, o que são capazes de fazer é uma ação revolucionária em prol da mudança, pesando a importância dos micros em relação aos macros, ou seja, pelas bordas minoritárias tendendo a alcançar o global.

Ao contrário da conservação, a mudança indica alteração, que pode ser profunda ou completa de algo, ou das coisas, a alteração cruza o caminho da revolução, por ser também uma ação de insurreição, que visa as transições de ordens sociais por meio do movimento, beirando uma metamorfose biológica, por meio das condições interiores da alma, e por ser interior que aconteça de modo particular, em primeiro momento, para um entendimento de sua sensibilidade profunda, sem esse processo Artaud não reconhece a ação de uma revolução integral e coletiva. Principal causa de seu rompimento com

os surrealistas e de seus adeptos por haver incompreensão do que seria preciso para uma ação revolucionária ao entendimento de Artaud. A falta de domínio sobre questões acerca da mudança não eliminou o que para eles é o surreal, apenas por questões isoladas mentais, um deslocamento da demanda do próprio espírito com o coletivo.

O Movimento Surrealista⁶ tem sua estética voltada a um certo tipo de sublevação aplicado a todos os tipos de atividades humanas, variações de espírito e aos fatos morais estabelecidos, o que cogita buscar são as forças atuantes capazes de reclassificar a vida. Esse processo artístico revolucionário afirma-se-eia pela desvalorização dos valores sociais, pela desmineralização da evidência, pela não unificação das línguas, pelo distanciamento da lógica e pelo refinamento das coisas cujo se impossibilita elucidar sob o amparo da razão ordinária. O Surrealismo é um abismo entre a vida, o inconsciente e a própria morte. Artaud (1924) aponta o Surrealismo como sendo uma certa crença que manifesta um certo tipo de repulsão, é antes de tudo um estado de espírito que não preconiza formas, contanto que os surrealistas não julguem o espírito por meio da busca ou afirmação do não-sentimento e do pensamento em si, de modo que o pensamento não produz um mundo racional, aqui o que manifesta é o desespero do espírito, e dessa maneira: “finalmente ele está no espírito, é de dentro que se julga a si, e diante do seu pensamento o mundo não parece pesado.” (1924, p.54), até ao ponto que lhe caia a angústia da falta e da perda de si, onde surgira novamente as formas já estabelecidas de entendimento a seguir. A essência do que vem a ser o Movimento Surrealista conversa com o apontamento de Deleuze acerca da profundidade e distante de uma superfície plena “com espanto reconhecemos sem esforço: é a linguagem da esquizofrenia” (1969, p.86), sem a superfície, e de alguma forma ela se parte, por ser frágil, o não-senso subordinado ao senso comum e a razão, não

⁶ Foi uma das vanguardas artísticas europeias que surgiu em Paris no início do século XX. Esse movimento originou-se em reação ao racionalismo e ao materialismo da sociedade ocidental. A arte surrealista não se restringiu à pintura, de modo que também influenciou outras manifestações artísticas: a escultura, a literatura, o teatro e o cinema. No manifesto Surrealistas de 1924, escrito por André Breton, são apresentados os princípios surrealistas, dentre eles a isenção da lógica e a adoração de uma realidade superior, chamada “maravilhosa”. Nesse mesmo ano, circula o primeiro número da revista A Revolução Surrealista, que reunia todos os meios de expressão artística, com a ostensiva exclusão da música.

dão conta ao sentido recaindo ao profundo na intenção de afirmar e/ou criar algo.

O que segure uma criação artística livre? André Breton (1924) no primeiro Manifesto do Surrealismo intercala as ações da loucura, da lucidez e da imaginação para atacar uma arte ultrapassada que prega a liberdade de criação, porém em um limite exposto por uma lei utilitária arbitrária. A *lucidez* seria ela a constituinte da recordação da infância, um elo de percepção sobre os encantamentos que a vida adulta deixa de lado, a *imaginação* o caminho das possibilidades por meio do intelecto sem ordens normativas pré-estabelecidas e a *loucura* estado de inobservância de certas regras — alucinações, delírios e ilusões sem o senso crítico particular dos atos, não reconhecer esses elementos na vida do homem, esse, sim, é o total abandono da espécie sem luz. “mas é verdade que não se pode ir tão longe, não é uma questão de distância apenas.” (1924, p. 03) Vai além, utilizar das questões já expostas pelo racionalismo para desenham uma razão, que por sua vez não havia sido explorada, apenas, estava guardada no âmago da consciência individual e liberá-la. A definição sobre o surrealismo em seu manifesto:

“Automatismo psíquico puro pelo qual se propõe exprimir, seja verbalmente, seja por escrito, seja de qualquer outra maneira, o funcionamento real do pensamento. Ditado do pensamento, na ausência de todo controle exercido pela razão, fora de toda preocupação estética ou moral.” (1924, p.10)

Uma imposição ao realismo absoluto, que se faz por meio da receptação dos fatos já experimentados da vida humana, e o qual reduzir tudo o que é desconhecido ao conhecido, uma busca da forma classificável pelo cérebro. E novamente a oposição entre o que é real e o que é atribuído como criação da loucura ressurgue agora no manifesto, destruir o sentido e estabilizar a superfície.

Com essas declarações o movimento solidifica, elevando sua base de valoração artística, criando uma filosofia a ser seguida a respeito de como seria essa nova maneira de criar arte. Para Artaud essas indicações não representam a real força artística, uma vez o que se tornou indicado pelo manifesto, se

perdeu ao ser apresentado — uma contradição entre o que é o surreal e como está sendo executado fisicamente como arte, pois já sabemos como o mundo é, e como ele já foi nos apresentado, essa é uma das verdades do mundo, quando retiramos um elemento e transpusermos em outro lugar, e esse lugar não pertence a harmoniosa significação desse elemento, o que estamos realizando é apenas uma transposição de um elemento para um lugar que por sua vez não pertence a esse ambiente. Onde está o surreal nisso? Se Breton e outros surrealistas dão voz ao espírito, que fala por meio das alucinações, dos delírios e das ilusões, por que essa liberação artística do espírito não está sendo liberada? Essa linha divisora entre as propostas do movimento, tornam-se mais tênues quando o fazer artístico se pauta na revolução coletiva. Se a arte surrealista é uma desvalorização dos valores, uma aceitação da loucura como estado criativo do ser e o sonho como mapa das possibilidades do impossível, essas ações parte de um lugar particular, ou seja, de cada indivíduo o processamento do que se foi liberado é também uma ação individual que parte do corpo. Aqui, por meio das mudanças de uma arte, Artaud identifica e aponta que a própria revolução de nada serve se não for executada, antes de tudo, pelo próprio agente — como ação individualizada, e que o movimento surrealista se perde ao tentar mostrar na prática de uma maneira e sendo manifesta de outra.

A retirada de Artaud do Movimento, se tornou crucial para o desenvolvimento do pensamento Artaudiano a seguir, Deleuze (1972) ao retomar que a profundidade agora dos corpos individuadas, não se contaminam pelos fluidos que entrecruzam outros polos em outros corpos. O que fica exposto na separação do maldito (A. Artaud) não somente do Movimento Surrealista como da aproximadamente de outros participantes ativos ao Movimento. O desenrolar dessa metamorfose e o pensamento de profundidade, reverbera em Artaud sobre qual seria o papel de uma revolução e como ela aconteceria em um corpo? A ferramenta utilizada por meio da sintaxe para articular a diferença que a superfície aborta na questão do que é civilizado com o que é cultura. Para se desmontar torna-se necessário conhecer. A partir dessa articulação em Artaud o apontamento aos que recusam a profundidade

estão vivendo artificialmente, e sem uma revolução não existe a quebra e o tratamento da cultura permanece o mesmo de antes.

O que passamos a encarar é uma desmoralização da vida em prol da própria moral em sua superfície. O ser que abandonou suas origens instintivas e primitivas em busca de uma intelectualização da vida — tornou-se civilizado por meio de questões morais, de caráter artístico e por ordem de mudança do místico para o religioso, passou a organizar seus critérios de vida coletiva, distanciando do que se tornou civilizado ao que é cultural. Como se civilização e cultura fossem algo distintos, a cultura está em nós por meios das normas de comportamentos, pelo conjunto dos conhecimentos em que foram adquiridos e pelos hábitos sociais e religiosos que multiplicamos. Deleuze (1972) quando se refere ao movimento vivo que a linguagem realiza, entre a comparação da menina e do esquizofrênico, deixa em evidência que a linguagem na superfície se movimenta sem o uso da articulação, ou seja, a palavra que vive sem que a torne a ação de um corpo, outra maneira que possibilita a visibilidade do CsO circular no campo da superfície, já em Artaud (1964) a mesma discussão opera a partir de um modo artificial que atinge o *socius* por meios da utilização privada de uma palavra com amplos sentidos, a qual perde o próprio sentido com não se torna articulada.

Viver de modo artificial ou fazer de linguagem ser articulação, para Artaud tende a ser um sistema criado o qual firma uma importância a um terminado significado em contraposição a outra, uma dualidade entre ativo e passivo a serviço de uma moral. Esse sistema, não é um sistema de aplicação — como se tivesse um manual com coordenadas exatas do que fazer e não fazer, eles são sistemas de seguimentos — modos representativos das significâncias a serviço do senso comum, são apenas reproduzidos e replicados sem sentido, uma vez que criando no mundo da racionalidade, não se questiona o porquê desse fluxo, “age e padece abaixo só sentido” (DELEUZE, 1972, p.93). E qual o intuito de analisar o modo artificial de vida a partir da relação entre cultura e civilização?

O que é urgente será a criação de um novo órgão de unificação da civilização com a cultura, pois ambos regem nossas ações mais sutis, o

civilizado é avaliado pelo modo como se comporta e ele pensa tal como se comporta, é um ser informado de sistemas — age de modo artificial na superfície, quando analisa formas, signos e representações por meio desse sistema que não é de sua natureza, porém pertencem a ele por meio de um coletivo, ainda é um referem de uma linguagem articulado e sem vida. A crítica ao sistema equipara a “um mostro no qual se desenvolveu até o absurdo a faculdade que temos de extrair pensamentos de nossos atos em vez de identificar nossos atos como nossos pensamentos.” (1964, p. 3) Pensar é uma faculdade de exclusividade humana, se existir a unificação do sentido dessas duas palavras — civilização e cultura, será por meio do sentido delas que a mudança se tornara presente. E se não existir essa unificação, qual é o sentido que opera a cultura criando esse modo de viver artificialmente?

A vida foi afetada, não pela falta de sistema de pensamentos, foi afeta quando o humano estragou as ideias que deveriam permanecer divinas, quando desacreditou no sobrenatural e no momento em que inventou o “seu” próprio divino, quando Antonin Artaud (1964) profere sua visão do erro pela forma que a cultura está sendo recepcionada, ele afirma que vivemos a ausência de uma cultura que não aceita o diferente proposto pelo eurocentrismo — e assim seguimos desse modo, pela busca de uma civilização, o homem, firma uma idolatria da cultura, cria uma dualidade que separa a vida da cultura e que, no entanto, aproxima a ideia de cultura com a ideia de arte, esse pensamento ocidental de aproximação do mesmo sentido e significado entre arte e cultura, foi ele que fez perder a real função da cultura, a verdadeira cultura age por sua exaltação e por sua força, e a arte no ponto de vista europeu, age por sua atitude separada da força e apenas contempla sua exaltação, o eurocentrismo usa da arte como proveito de uso. A própria esquizofrenia de uma sociedade que articula por meio da linguagem em estabelecer uma norma, porém se perde quando não aceita as outras possibilidades, sendo uma delas a junção, e nesse caso, o não deslocamento de sentido do que é cultura, essa tentativa firmar os polos, fortalece as partes separadas dando vida ao corpo sem órgão.

2.2 A PESTE CRUEL À SERVIÇO DO CAPITALISMO

Existe na literatura de Artaud um ponto que devido ao fracasso de viabilizar seu pensamento sobre arte teatral de sua época, desempenhou uma missão particular de reformular o próprio valor da Arte, em especial a teatral, uma ação de importância visibilidade no *socius*. Em 1934 também inicia o projeto de denunciar a vida e a relação com a superfície, esse início, deu origem no seu texto teórico, *O teatro e seu duplo* (1964), o qual não teve a chance de ser publicado em vida, antes de chegamos a seu manifesto sobre a crueldade, outros escritos abrem um importante pensamento sobre o corpo e a sensibilidade. Artaud utiliza da peste para exemplificar como deveria ser o movimento de produção teatral, não conseguindo alcançar o entendimento de seu pensamento, “tudo isso o abate e o curva incessantemente sobre o único modo de expressão que lhe resta: o trabalhado sobre a língua. E mostra-se nesse terreno, particularmente sagaz.” (MÈREDIEU, 2011, p.484). Sem fazer uma relação direta com o teatro ou como a arte deveria ser, Albert Camus, em julho de 1947, publica seu texto, titulado como *A Peste*, essa obra torna-se importante para dissolvermos os caminhos que a peste percorre, tanto na sociedade como no corpo individualizado, para chegamos no campo político da cura da peste, para que esse corpo volte a ser ativo na “*produção capitalista*” (1969)

Instalada a peste em uma cidade, os doentes não apresentam um semblante de tranquilidade, pois a peste corrói, é rápida e gera modificações grotescas no corpo aparente, como úlceras, bubões, alteração na cor da pele, secreções externas, tudo para anunciar um fim à morte, o corpo aberto não apresenta tanta alteração interna, o que move a peste deixa órgãos vitais quase intactos, como o fígado, a vesícula e o reto, sem perda da matéria, o que move a peste parece atacar nitidamente os órgãos como os pulmões e o cérebro, órgãos estes que estão ligados diretamente a vontade e a consciência. Quando a morte chega, os leitos precisam ser desocupados por existir um próximo, as famílias perdidas fazem filas em funerárias, não existe terremos em cemitérios

para todos, os corpos não podem ser velados, a atmosfera escurece e o chão some. A comida acaba, não existe mais ordem, as cidades passam a funcionar de uma maneira improvisada para manter vivo quem permanece. O afastamento, a castidade e a solidão nada podem contra os efeitos do flagelo, pois a peste é o mal que age no coletivo e perpetua o medo, para Deleuze e Guattari (1972) o medo é um fluxo descodificado, e essa reação atacaria o funcionamento do capitalismo, assombrando o fluxo dos trabalhadores “que possuem apenas sua força de trabalho” (DELEUZE; GUATTARI, 1972, p.186), isso torna-se possível, pois a produção desejante só existe se houver a produção e a reprodução na sociedade, a peste desestabiliza esses fluxos e por mais que o desejo exista o caos que permeia a contaminação descodifica os fluxos, deixando o capitalismo operando no limite e atingindo o *socius* “desterritorializado (onde) dá lugar ao corpo sem órgão” (DELEUZE, GUATTARI, 1972, p.185), dividida em partes a sociedade e a produção desejante perdem seus fluxos e seus códigos. Então, o caos é apresentado em primeiro momento individualizado no corpo, e por mais que os movimentos do flagelo aumentem veloz ou gradativamente no sujeito, o fator da negação é presente.

A negação da pestilência de um flagelo maior, é também uma ferramenta a serviço do capitalismo, o qual não aceita um corpo doente, pois um corpo doente, não, alcança nem a máxima e nem a mínima da produção. A peste surge gradualmente, e refém da negação, seu bloqueio acontece imediatamente, a infecção captura os corpos, esse movimento se multiplica rapidamente, a aceitação de um fantasma que assombra a coletiva demora a acontecer.

Camus e Artaud ao descrever a estrutura inicial e pandêmica de uma peste, os dois autores traçam o mesmo sentido, uma vez que a uma peste tende a seguir os mesmos caminhos de contaminação. Após a fase inicial de negação, a peste toma corpo e nesse momento caótico, a ação, em função da permanência, age de maneira contra aos sentimentos particulares, pois agora “os flagelos, na verdade, são uma coisa comum (ao coletivo), mas é difícil acreditar neles quando se abatem sobre nós” (1947, p.24), difícil por atingir seus hábitos e interesses, o medo surge, e não como alerta de uma possível não-

existência, e sim por afetar o plano de suas preocupações pessoais rotineiras presos ao desejo do capital.

Estabelecida a peste seus efeitos além de fatais, criam uma nova, e agora lei, ordem de funcionamentos tanto nas cidades afetadas como nos grupos sociais e no próprio sujeito, quando Camus representa em seu romance que o homem não é uma ideia, e Artaud quando retrata a peste afirma que o homem é uma ação, essa ação e a ideia, acontecem por meio da violência que a pandemia gera, tão violenta que ataca também os juízos de valores, (principal norte que permeia a crueldade a qual desenvolveremos a seguir), por assim dizer, a peste que se organiza por meio do caos tanto como efeito presente o flagelo, e nesse ponto, será o flagelo que acolhera a todos, tornando um problema de ordem coletiva, em um primeiro momento, as pestes tendem a se estender por um longo tempo, “é que nada é menos espetacular que um flagelo e, pela sua própria duração as grandes desgraças são monótonas” (1947, p.116) pois mediante a tanta reorganização de uma nova ação por permanência, os flagelos, quando se tornam rotinas, perdem seu efeito de gerador de medo, tendo sido tratado como banalidade. O que aproxima o apontamento que descreve o pensamento crítico de Deleuze e Guattari (1972) sobre a produção de fantasmas e produção de expressão, que a psicanálise freudiana priva os agentes coletivos criando uma anti-produção, este movimento é possível, pois agora o medo que descodificou o funcionamento dos capitalismos, “*territorializou*” e codificou o medo, a peste e a morte como algo rotineiro e que não deve afetar a produção do capital.

Se uma peste, tende a ser violenta, caótica e eliminadora de vida, por que para Artaud o teatro deve ser como a peste? As causas e os efeitos trazidos por uma pandemia, ficam entorno do flagelo e sob a ação deles, “os quadros da sociedade se liquefazem. A ordem desmorona.” (1964, p.09) — uma desordem, nos é apresentada. A peste é uma ação que não representa meio-termo, não existe uma “meia-pestes”, o flagelo é o agente causador de mudanças constantes e contínuas e será por meio dos efeitos dele que o sujeito ira agir, as ações e causas que a desordem traz e devido ao caos descobrimos o esgotamento tanto coletivo como individual que essa nova ordem caótica traz consigo, porem os fluxos coletivos e individuais tendem a seguir certas normas

de convivências e vivências e nesse ponto um novo modelo a ser implantado se faz presente devido a uma reorganização por um permanência maior — sobreviver. Quando Antonin Artaud utiliza da peste para exemplificar como a ação a teatral deve funcionar, a analogia acontece pela simples aproximação de causas e efeitos que o teatro pode gerar, pois assim como a peste o teatro não acontece pela metade, é inteiro e presente. Se a peste descodifica códigos, o teatro deverá ter a mesma ação, exclamando mensagens e sensações capazes de gerar uma mudança maior a partir do incômodo e do esgotamento que os juízos de valores geram, e como a peste o teatro consegue reorganizar, não somente valores esquecidos como também é uma arma de premência. No Diálogo entre o médico e o padre, Camus (1947), coloca uma loucura que advém de um cansaço e que isso gera uma certa revolta, porém a revolta só existe, pois, por ela ultrapassa a compreensão “mas talvez devamos amar o que não conseguimos compreender” (1947, p.139) e orienta que não se deve explicar um espetáculo que uma peste gera, e sim que devemos aprender o que com ela podemos aprender.

A “doença do teatro” é um mal necessário a todos, e que por ser doença existem contingências e medidas a serem tomadas em momentos de desespero, assim como na peste orgânica, a linguagem de ordem é modificada devido às reações pandêmicas gerando um novo sentido de entendimento ao novo a ser seguido. Se a peste orgânica afeta a ordem, o teatro é uma peste sintética que afeta os costumes, e por ser peste também apresenta as mesmas características de uma peste orgânica, porém o corpo afetado, aberto, não tem seus órgãos vitais destruídos, a peste que afeta os costumes também tende a se instalar nos pulmões e o cérebro, nesse momento atacando o desejo e a moral. “à peste mais terrível é a que não divulga suas feições” (1964, p.15). A verdadeira crueldade em movimento. Com essa possibilidade até então pouco trabalhada, Artaud utiliza a peste como base para a formulação e criação do seu Teatro da crueldade, o qual Correia e Barbara apresentam que:

“Artaud fez emergir de um cenário torturante, de agressões psicológicas, uma atenção especial às necessidades de um corpo que vinha sendo apartado de suas possibilidades de vida. Artaud, para além dos diagnósticos e dos rótulos da medicina mental, se fez louco

e achou na loucura uma forma de se libertar, achou uma forma autêntica de enfrentar o mundo pela poesia, pelo teatro, pela crueldade, pelo Teatro da Crueldade. Antonin Artaud, o louco autêntico, com sua arte cruel, nos possibilitou pensar o corpo liberto dos seus automatismos, do organismo que limita e que impede a criação e afrontou diversos princípios dominantes.” (2019, p.135)

Por mais que Deleuze, e posteriormente com a colaboração de Guattari, não descreve a ação da peste, utiliza do pensamento sobre a crueldade em Artaud para desenvolver as reverberações entre crueldade, corpo sem órgão, arte e a vida, para denunciar o sistema capitalista. Trazendo a “novidade da imanência e do puro devir do pensamento. Como um filósofo artista que encara a filosofia como arte de inventar e fabricar conceitos, Deleuze busca na não filosofia formas de conteúdo e formas de expressão para sua Filosofia.” (CORREIA; BARBARA, 2019, p.129), invertendo os códigos do pensamento artaudiano e devolvê-los de outra maneira. Negando os órgãos como efeito de uma ação cruel para liberar-se da organização, da imposição e da constituição de um corpo a serviço de leis e normas.

A noção de crueldade não é uma característica que advém da natureza do acesso ao mundo, portando sua proximidade funcional com a palavra fica a uma certa distância da barbaridade que a palavra em si carrega, essa característica ou condição do cruel se apresentada a priori do ser, permeando a via negativa da representação constante do mundo no corpo do ser humano. Essa ordem de criação que entrepassa e se funde a um plano de vida que logo é identificado como atuante do princípio da vida, essa noção, é ela capaz de gerar vida, pois para Artaud, “tudo o que age é uma crueldade” (2006, p.96), sendo assim o cruel aproxima daquilo que continua cru, que não sofre um cozimento social civilizatório para seguir uma codificação cultural, o cru concernindo como força e potência de criação pura, uma experiência não mediada.

E voltamos a nos perguntar, por que dessa relação comparativa da arte do teatro com a ação da crueldade? O fundamento entre essa relação cerca a vida, enquanto constituição humana e na arte (em Artaud teatral) por meio de afrontar e denunciar anarquicamente a conjuntura, para Artaud arte e vida não se separam, por isso a crueldade está presente em viver e conviver com seus

duplos. Ou, ao que se refere Deleuze e Guattari (1972) com os corpos marcados, refém da memória. Um dos caminhos de interpretação sobre a comparação, parte da crueldade como potência geradora de vida e de presença, dessa maneira, o que se torna gerado é a própria arte como matéria, e a própria vida uma afirmação de movimento contínuo.

“A crueldade nada tem a ver com uma violência qualquer ou com uma violência natural, com que se explicaria a história do homem; ela é movimento da cultura que se opera nos corpos e neles se inscreve, cultivando-os. Isto significa crueldade. Esta cultura não é o movimento da ideologia: ao contrário, é à força que ela põe a produção no desejo e, inversamente, é à força que ela insere o desejo na produção e reproduções sociais.” (DELEUZE; GUATTARI, 1972, p.193)

Teatralmente falando, o Europa ocidental, cativa a um modo nada original, irritou Artaud a ponto que criar relações para desenvolver um teatro que se atente a urgência de uma revolução total, não somente da ação teatral, como também de não separar a arte e vida. O teatro ocidental amarrado na hermenêutica é afetado apenas no logos que a dialética do diálogo estabelece criando a relação lógica das coisas, o teatro se reduz ao texto, uma forma de ilustração muito refinada do texto e não de ação de um corpo em movimento que ocupa um espaço físico, reduzindo o teatro ao mínimo de encenação, quem sofre a ação, sofre apenas as codificações culturais da própria palavra, sofre do tratado social que a palavra limita ao sentido das significações culturais dela própria e da fala, negando a palavra falada como um certo tipo de encantamento capaz de afetar todos os corpos, para referenciar como uma somente dialética, palavra ilustrativa do texto como uma descrição da norma. Abandonar esse entendimento e seguir a recuperação de um teatro que não é normativo, que foi estruturado sobre regras das codificações sociais, abandonar o sentido da fala e buscar uma linguagem concreta, ou não separar a voz do corpo e do texto, e que essa linguagem fale as coisas e que essas coisas despertem e liberem reações diversas, esse teatro terá a sua força e não a sua forma, já esse movimento no *socius* dar-se-á pela memória individual afetada por outra corrente coletiva, “uma memória de signos e não mais de efeitos. Sistema da

crueledade, terrível alfabeto, esta organização que traça signos no próprio corpo.” (DELEUZE; GUATTARI, 1972, p.192)

A função de uma criação, para além da representação, segue uma direção reta à ação do movimento, e esse movimento presente em uma “ontodramaturgia”, pensada como um jogo, onde se é articulado através da linguagem e pela linguagem, visando pensar aquilo que não pode ser dito por ela, utilizando do real ou do imaginário para desvencilhar das codificações que a cultura estipulou sobre as coisas e sobre as ações. A relação do real no teatro se perde na decadência de uma realidade simplesmente posta como ela é em si, fadigada na representação de um drama banal com o real vivido, as ações políticas-sociais, a teatralizações das cidades e das estéticas, o místico, o ritual e a encenação transcendente vão se opor as crenças limitantes, uma vez que já contaminado pela análise e exposição de como seria o teatro como devir. Para Artaud o real é o desgaste de uma sociedade submissa a modismos, já para Deleuze e Guattari (1972) o desgaste tende a ser o reflexo da *máquina social* com a *máquina desejante* no seu limite onde surge “a falha, ela só funciona rangendo, desarranjando-se, arrebentando em pequenas explosões — os desfuncionamentos fazem parte do seu próprio funcionamento e este não é o aspecto menos importante do sistema da crueldade.” (1972, p.192)

O refinamento do real e das relações de nada serve, pois, essas ações já estão presentes no mundo cotidiano, pensar fora do teatro, no local dos acontecimentos é remexer as vísceras, é aceitar o absurdo, pensar num teatro em abolição da fronteira do acontecimento, abolição dos limites como presença de contágio. Tais modos novos de pensamento e de existência, abriram espaço para um sentido renovado da arte, uma arte motora da vida conivente ao real que coloca em jogo a própria vida e suas premissas de existências, um teatro de materialização corporal e espacial e não mais do sentido e da significação, uma linguagem que não é medida pela cultura civilizatória, e que traga consigo a fisicalidade do elemento corpóreo presente na voz, que deixa seu lugar privilegiado do sentido para ser o lugar da presença em onda material, que reverbera e mexe os corpos na finalidade de apresentar a humanidade como um sentido vazio de sentido, de significado de causa e de moral. Esse efeito

de discordância com a arte teatral e com vida não favorece a morte da *máquina social*, pois para o capitalismo a morte por desgaste não é uma possibilidade.

A ação da peste, que apresenta a forma dura da crueldade, é somente uma das ações que viabiliza o pensamento artaudiano para uma compreensão maior do que é realmente estar vivo, esse corpo que permanece vivendo necessita de outras possibilidades para também estar presente e atuante na *máquina capitalista*. As necessidades, primárias de um corpo, como se alimentar, defecar e gozar, repousam na escrita de Artaud e na filosofia de Deleuze e Guattari para mostra outra face da crueldade, a agora na potência da fome, em um corpo que precisa se alimentar — um “*corpo-fome*”.

Como diz Artaud: “não amo os poemas da comida, mas sim os poemas da fome” (1979, p. 203). As ideias, como pensamentos de romper com o consenso das vanguardas, circulam por meio de polêmicas conceituais deixadas de lado com suas poesias em um lugar de um novo surrealismo ou em uma esquizofrenia crônica. Nesse tom uma violência silenciosa, porém mortífera é aberta aos corpos, na sociedade e na própria cultura, causando erosões, criando desertos e atrofiamento do cérebro, desnutrição e a morte, assim como a fome.

A fome presente no corpo, é uma sensação fisiológica de necessidade de alimento para assim manter atividades corpóreas vivas, a privação de comida em certas populações gera uma insegurança alimentar, onde não é possível prever o dia do amanhã, é o limite de uma vida, cruel tal como Artaud indica. Mas como falar da fome sem vivê-la? É possível pensar uma estética da fome enquanto potência? A Europa, em sua grande alavancada em busca de novos territórios a serem “colonizados”, ela se alimentou incessantemente para suprir sua necessidade “*econômica-fisiológica*” do desejo e da gula. Se alimentou das culturas de povos colonizados, de suas riquezas, devorou suas ideologias e se manteve satisfeita. Os povos colonizados presenciaram em seus territórios a fome, e por isso resistiram, criaram formas de alimentar suas culturas, seus ritos e seus povos, por meio da negação de um alimento cultural que não os apeteciam, transformaram sua dor da fome em uma potente e autêntica manifestação, provando que para alimentar uns, é gerada a fome, e a com ela

a sua violência cruel no corpo. Quando a *máquina capitalista* se alimenta a fome surge, Deleuze e Guattari em *O Anti-Édipo* (1972) discorre o sentido da fome ligado ao prazer e com isso a *máquina capitalista* por meio do medo intensifica a fome como o limite do “*socius*” e produto a serviço das *máquinas desejantes*, e por ser limite codifica os corpos-famintos-esgotados. E como se vive por meio da fome?

A fome no sujeito causa dor em todo o sistema, porém com fome a gula também se faz presente na mesma intensidade, uma não existe sem a outra, as quais são de extrema importância para permanência do sistema capitalista, “Como se não houvesse gente que come sem o mínimo apetite; e quem tem fome. Porque isso também existe ter fome sem apetite” (Artaud. 1948, p.77) dessa forma o impossível e o inaceitável é apresentado, o acúmulo desenfreado que um sistema econômico pode causar em indivíduos ligados as mesmas relações presente na construção social, a miséria, a fome e o apetite — A *máquina desejante* da gula do homem ocidental moderno. E será por meio de quem tem mais fome que os limites serão estipulados, a fome como potência transformadora, onde indica por meio da realidade in-vivível, pela insuportabilidade, tal como o teatro da crueldade pensado por Artaud.

O silêncio da fome é por onde Artaud se alimentou para registrar um corpo que encarna a força mortífera da fome, por isso aqueles que comem sem ter fome, se alimentam do vazio de uma essência que não quer dizer nada, apenas a ganância e a gula, comer por apenas se alimentar, agora, alimentar-se para estar vivo é resistir a própria fome que consome dia a dia, é o estado esquizofrênico de um lugar onde se rompe com as ideias de um corpo e da fome.

Se entendermos o fluxo do aparelho digestivo pela ingestão do alimento armazenado no estômago tendo seu processo fisiológico para seguir o fluxo de processamento nos intestinos até que seja transformado em excremento, o não alimento que causa a fome pode ser entendido como o CsO do aparelho digestivo. Se para Artaud a peste, que mantém as vísceras intactas, afeta os pulmões e o cérebro, órgãos destinados à consciência e a moral, a fome descodifica o corpo, afetando ao funcionamento da máquina capitalista que não

deseja a fome, mas não a evita existir mais uma vez a própria esquizofrenia de um sistema. Deleuze e Guattari, ao descrever o limite absoluto, elucidam como uma ação esquizo dos fluxos, que por sua vez tendem a ultrapassar os muros, porém quando esse movimento ganha força os códigos (corpo-fome-gula-capital) embaralham e vemos o CsO, agora do Socius abalado, pois a *máquina capitalista* está em um “deserto onde escorrem os fluxos descodificados do desejo, fim do mundo, apocalipse.” (DELEUZE; GUATTARI, 1972, p.233). Artaud quando utiliza da fome para denunciar a morte, e uma sociedade que se alimenta para servir a própria sociedade subdividida em grau de elitismo, sempre refém da gula por capital. Cria uma estética ligada ao seu teatro da crueldade.

Para Ana Kiffer (2011) o revés — estética da fome tem uma ligação direta com o conceito antropográfico, onde o povo com fome, alimenta seu desejo por alimento, daquilo que está disponível ou que foi inserido por meio da violência em sua dieta, para depois, realizar o processo inverso do desejo em saciar a fome, regurgitando, escatológico, sua alimentação, e agora, uma cultura própria e potente como estética cultural. “Cria-se uma nova série antropofágica e para entendê-la necessitamos pensar melhor no que significa a força da fome” (2011, p. 03), essa força subordina-se ao processo de representação, a uma ordem simbólica da própria linguagem que atravessa zonas de intensidades de um corpo que sente fome ou de um corpo que se alimenta daquilo que não apetece.

“Artaud reivindicava uma verdadeira necessidade que agenciasse nosso desejo de estética. As ideias que mereciam ser pensadas ou encenadas deviam arrastar consigo a mesma força viva da fome. Sair do teatro morto ou mórbido para adentrar o palco da vida. Mas nada que se assemelhasse à vida enquanto representação da realidade vivida.” (Kiffer. 2011, p.06)

A fome é uma realidade presente nos corpos, e que não circula nos grandes gabinetes eloquentes da sociedade, é uma realidade que movimenta em grandes desertos em todos os sentidos beirando o limite, e nesse deserto onde abitou Artaud, não somente por sentir a solidão como forma de criação em solo do pensamento estético potente, “contrapondo à realidade

subdesenvolvida, podre, suja e faminta.” (2011, p. 07). A potência da fome como centro-nodal de suas experimentações artísticas, colocam a intensidade no limite e no desespero, pois aqueles que tem fome tem pressa e são capazes do impossível para saciar sua fome. A peste descodifica os corpos e se faz devido o esgotamento um novo jeito de organizar o socius, a fome também descodifica os corpos levando ao limite, Deleuze e Guattari reiteram que esses fluxos descodificados na formação social capitalista só faz escorrer um movimento mais opressivo fazendo com que o sistema contrarie a sua própria tendência, pois, “não para de se aproximar do muro e, ao mesmo tempo, de afastá-lo” (1972, p. 233), ou seja, o capitalismo lida com um limite relativo à situação dos movimentos que surgem, como a peste e a fome, e para Deleuze e Guattari a esquizofrenia é o *limite absoluto*, e os movimentos contrários da *máquina capitalista* fazem com que surgia diversos CsO no sistema levando a uma discordância que imprime a esquizofrenia, porém a sociedade que vive para os fluxos do dinheiro e para os fluxos de produções não reconhecem a crueldade ou o limite real, “quando tais sociedades se chocam com o limite real, limite reprimido de dentro, mas que lhe revém de fora, é com melancolia que elas veem nele o signo da sua morte próxima.” (1972, p. 233), o que confirma que a crueldade só é cruel porque contesta a própria existência e a permanência, para Artaud reconhecer o limite real é findar em um colapso de dor, fome, angústia e desejo de vida.

2.3 A IMORTALIDADE E A REALIDADE NO PROCESSO DO DESEJO

O que seria desejar a vida? A partir do pensamento platônico podemos assegurar que Artaud desejou aquilo que não tinha, a vida como falta dela, pois quando afirma que viver é um ato cruel, é possível aproximar pela negação aquilo que lhe fez falta, entretanto para Deleuze a concepção daquilo que se deseja opera distante de uma visão amarrada ao senso comum ou preso no mundo das ideias, o desejo não é uma falta, é real, é uma potência, e, é uma produção.

“Se o desejo produz, ele produz real. Se o desejo é produtor, ele só pode sê-lo na realidade, e de realidade. O desejo é esse conjunto de sínteses passivas que maquinam os objetos parciais, os fluxos e os corpos, que funcionam como unidades de produção. O real decorre disso, é o resultado das sínteses passivas do desejo como autoprodução do inconsciente. Nada falta ao desejo, não lhe falta o seu objeto. É o sujeito, sobretudo, que falta ao desejo, ou é ao desejo que falta sujeito fixo; só há sujeito fixo pela repressão” (DELEUZE; GUATTARI, 1972, p.43)

Então se Artaud no limite desejou a vida, para findar uma crueldade assistida e não percebida, e se Deleuze e Guattari trazem o desejo como uma produção, uma máquina, como base nesses pensamentos: é possível desejar a imortalidade? A imortalidade, como desejo, surge pela observação da natureza, diante da percepção, de que a vida tem um fim, e se reações físicas e químicas, alteram a natureza de uma matéria específica, a busca, por algo que alterasse o corpo sólido físico, a morte e os seus males, passou a ser uma busca infundável de diversas culturas pelo planeta. A alquimia foi responsável por criar esses códigos e simbolismos com o intuito de alcançar o grande efeito de permanência — a imortalidade, porém essa teatralização desses símbolos cada vez mais secretos e indecifráveis, acontece por meio da proibição da prática de alquimia durante a Implantação do Tribunal do Santo Ofício⁷, tornando a alquimia uma prática obscura pela Igreja Católica. Obscura por buscar a imortalidade, o fim dos males e por buscar a transformação de metais simples em metais nobres de valor como o ouro. O cerne da alquimia era identificado apenas como a transformação de substâncias, Artaud recorre à base filosófica da alquimia pelo sentido mais amplo no plano do crescimento espiritual, de harmonia com a natureza e o reencontro com valores perdidos, pois para ele a alquimia está concentrada em desvendar os mistérios associados à alma e a existência no mundo, uma essência muito próxima à ação do teatro e ao desejo.

O teatro é uma arte que, para Artaud (1964) ópera no virtual, assim como a alquimia, essa relação análoga, existe, pela presença do místico como identidade de essência decorrente da ciência, da arte, e da magia, essa

⁷ O Tribunal do Santo Ofício foi instituído pelo Papa Gregório IX, em 1233, com o intuito de investigar as heresias dos cátaros, também chamados de albigenses. O pontífice entregou o funcionamento do Tribunal à Ordem Dominicana, criada por São Domingos.

semelhança que traz de sua base a espiritualidade e a imaginação, a sua própria atualização ao domínio físico e por isso deslocado e representado no “real”. Essa representação no fazer alquímico, identificado como teatro, é uma ação de validação, por meio de símbolos que constitui a sua teatralização no real (o modo físico em que o símbolo se apresenta), e a sua evolução, como personagens, objetos e imagens. O teatro e a alquimia por meio da ação teatral, que representa o sentido oculto dos símbolos para constituir a “Grande Obra⁸” (1964, p.50), onde, atinge no âmbito social comum como um local de representações inumana, porém existente, pois a sua própria validação acontece com a fantasia, as miragens e as alucinações, cujo são formas factuais no plano da matéria real, pois o humano aceita e é atraído pelo fantasioso ao mesmo tempo que distância essas verdades com a mesma força. A redução dessa cópia inerte da vida cotidiana que o teatro atual eurocêntrico está amarrado com a finalidade da possibilidade real das relações, não deixando espaço para o imaginativo, apesar da imaginação ser uma qualidade humana, a atualização desses símbolos ocorre com uma finalidade positiva da verdade.

“As pessoas não costumam perceber como esse simbolismo material que serve para designar esse misterioso trabalho corresponde, no espírito, a um simbolismo paralelo, a uma ativação de ideias e aparências através das quais tudo o que no teatro é teatral se designa e pode ser distinguido filosoficamente. [...] Talvez já se tenha compreendido que o gênero de teatro a que nos referimos nada tem a ver com esse tipo de teatro social ou de atualidade, [...] as ideias do teatro típico e primitivo o mesmo acontece com as palavras, que, com o tempo, deixaram de produzir imagem e que, em vez de serem um meio de expansão, já não são mais do que um beco sem saída e um cemitério para o espírito.” (1964, p.51)

O que aproxima a percepção de Artaud sobre a conjuntura da arte de seu tempo com o pensamento deleuziano, sobre como são os movimentos do processo de produção na sociedade por meio do desejo o qual não obedece à lei e nem a falta, é que para Deleuze e Guattari (1972) a produção desejante dentro da síntese limitativa sob divide-se em dois polos o imaginativo e o simbólico os quais não se reduzem à esfera do significante, pois, o desejo é

⁸ A Pedra Filosofal (chamada de “Grande Obra” ou “Medicina Universal”) foi o principal objetivo dos alquimistas, principalmente no período da Idade Média.

imane e responde ao inconsciente, porém a sociedade apresenta mais um ponto de esquizofrenia quando se limita ao significante interpretando signos de modo que essa interpretação irá resultar em “a proibição e a transgressão” (1972, p. 154). Os alquimistas perseguidos elucidam essa ação da sociedade, por não obedecerem à lei. Artaud transborda no uso da alquimia como obtenção de uma verdade mística com origens a um lugar primitivo de liberação da fantasia, se opondo a interpretação de signos, esse seria o natural ligado a uma crença. A interpretação na sociedade, para Deleuze e Guattari, é por sua vez estrutural, “e de nada adianta interpretar” (1972, p.152)., e dar forma ao inconsciente e ao desejo, em privações, pois o significante que nunca pertencera ao efeito do natural, do mágico e da descoberta. Antonin Artaud não se reduz a fantasiosa da transformação de pedra em ouro, e sim no lado obscuro em todo o processo, esse obscuro é também o local onde abita um movimento que separa o ator do espectador, a obra pintada do observador, o racional do fantasioso, o alquimista do ourives. A imortalidade não está na lapidação de pedras e sim na transformação e manipulação de elementos em outro, e não distante da crueldade, a produção desejante na ação de separação de órgãos de um corpo com efeito de produção do real.

Quando a sociedade europeia, pelo respalda da ordem e da lei, tenta transformar a produção desejante em significante, ela se “auto-castra”, quando limita se a tratar a arte teatral como representação de um real mimético e não primitivo, “natural”. O teatro ocidental, buscou sua verdade em uma ideia texto-centrista, e fez de sua interpretação do texto sua estética maior, alimentada por outros signos, a fim de fortalecer, não somente o texto como a ideia de um teatro capaz que transmitir e fugir do perigo, Artaud (1964) ratifica que o teatro ocidental vive uma ditadura de palavra e seu uso concreto. O teatro pautado em uma linguagem concreta e falada não enxerga um teatro para além de um diálogo, esse jogo cênico com diálogo — da palavra e da escrita pertence ao livro e não à cena. A modernidade separou um canto em sua grande prateleira da história da literatura a uma história da linguagem articulada — teatro e a sua dramaturgia escrita.

A produção do real que não reconhece ou deixa espaço para o primitivo e significa tudo, inclusive o desejo, distanciando os movimentos e os gestos

presentes em rituais e na crença produtores de simbolismos e signos, que tenderam a ser interpretados não como produtos do desejo mais, sim, como significantes. Existiria espaço diferentes para uma não interpretação? Os movimentos e os gestos que ocupam a ação teatral pode estar, eles, desconectados de uma psicologia interna e individual?

O teatro tradicional europeu, que tem como aprimoramento de regras sociais, para alimentar de maneira pedagógica o entretenimento, com suas afirmações, busca em suas criações por meio do medo e alucinações para transmitir suas mensagens, Artaud (1964) salienta que uso da alucinação está presente na utilização do “pré-texto” — condições psicológicas onde no Método proposto por Constantin Stanislavski (1964) tem a função de dar a vida ao personagem, ou seja, uma técnica interna (via-positiva) que gera condições anteriores da vivência do personagem como, por exemplo: na infância (o personagem) sofre maus tratos e por esse motivo, quando adulta é uma pessoa que não sabe se relacionar, ou uma pessoa foi sequestrada na rua e a partir disso tem medo de andar sozinha, com essas informações a construção presente do personagem e construída com um propósito, como uma verdade, e com essas informações não necessariamente expostas ao expectador, dar-se-á o dissentimento da ação teatral. Outra presença do teatro psicológico, existe na relação gerida pelo “esquete⁹ simbólica”, também presente no Método (1964), como forma de evolução de um sentimento em ação, ou seja, a própria representação atualizada de uma criação originaria no virtual, com o propósito do alinhar e trazer uma certa proximidade ao cotidiano, essa atualização do simbólico funciona como mastigar e soletrar os sentimentos para que todos os captem o entendimento rapidamente. O Método de Stanislavski segue um caminho contrário ao teatro proposto em Artaud, pois o drama em si não pode se ancorar em evoluções simbólicas dos sentimentos transformados em ações, para Artaud o verdadeiro se manifesta puramente pelo estado que o espírito se apresenta puramente, como acontece no Teatro de Bali. Seria então essa internalização que o método propõe, uma esquizofrenia que obedece e cria outra forma a partir de uma voz interna?

⁹ Termo utilizado para se referir a pequenas peças ou cenas dramáticas.

“A produção como processo excede todas as categorias ideias e forma um ciclo ao qual o desejo se relaciona como princípio imanente. Eis porque a produção desejante é a categoria efetiva de uma psiquiatria materialista, que situa e trata o esquizo como Homo natura. [...] acaba causando o esquizofrênico artificial.” (DELEUZE, GUATTARI. 1972, p.15)

Desse modo, o inconsciente é significado em uma dramaturgia que responde a um personagem e a sua natureza, que obedece à voz interna, quando a sociedade legítima o texto e a palavra e com ela sua organização contextual em início, meio e fim, sentido e entendimento, aceita a beleza do esquizo e sua potência artística, agora como realidade, então a esquizofrenia nesse ponto é aceita pelo de fato de representar a realidade. Quando os alquímicos por meio das manipulações de matérias de signos e simbologias atacaram, ao constatar do socius, os valores, a religião e o poder da riqueza, por ser secreto e obscuros para que nem todos tivessem acesso a suas descobertas, esse processo esquizofrênico não foi aceito, e mais uma vez podemos apresentar a esquizofrenia do sistema que aceita o que lhe convém. Artaud desconfigura esse jogo de interpretação — significante — organizada. Talvez esse seja o passeio do esquizo que Deleuze e Guattari propõem quando indicam que “a esquizofrenia é a produção desejante como limite da produção social” (1972, p.54).

Voltando ao Teatro de Bali, “nos propõe uma realização estupefaciente, no sentido de que ela suprime toda possibilidade de recurso às palavras para elucidar os temas mais abstratos e inventa uma linguagem de gestos feitos para evoluir no espaço e que não podem ter significado fora dele.” (1964, p.65) Pois, recorre à utilização de uma ideia de metafísica extraída do gesto, da produção do som corporal e da voz, um Duplo entre o real e o além, cujo efeito é de distanciar o pensamento e suas formações psicológicas de sentido e apenas liberar os automatismos do inconsciente. Sem que haja um desligamento entre ações físicas realizadas pelo corpo, o corpo presente em sua totalidade expressa a fisicalidade no espaço pelo movimento de seus gestos, a arte balinesa desconfigura toda e qualquer ação cotidiana do corpo, para realizar o efeito contrário de uma ação psicológica proposta pela utilização do “pré-texto”,

esse corpo que movimenta é o corpo-verdadeiro a seu modo e não ao modo de representação social, ou seja, pelo uso do método o teatro ocidental evolui os sentimentos para trazer em cena a verdade já conhecida, já no teatro balinês o espírito se manifesta puro como, por exemplo, a expressividade do olhar no teatro de bali, esse modo no olhar não representa o medo é o próprio medo.

Essas nuances diferenciais no fazer teatral no ocidente, com base interpretativa, de essência do teatro russo, posteriormente, do teatro alemão, na França, houve uma demora em adquirir essas impressões oriundas de outras regiões, essa relutância não durou muito tempo, e logo as influências se misturaram trazendo uma grande identidade estética de como seria o teatro europeu em um todo. “Lembremos que o teatro é uma arte efêmera.” (Mèredieu, 2006, p.321) e por possuir um caráter temporário e de curta duração, Artaud sonha em realizar em seu teatro, um lugar onde o corpo em ação ocuparia um espaço maior que a verbalização emocionada dirigida, buscou a imortalidade quando transforma o corpo em outra coisa que somente um corpo.

“Os balineses, com gestos e uma variedade de mímicas para todas as circunstâncias da vida, devolvem à convenção teatral seu valor superior, demonstram a eficácia e o valor superiormente atuante de um certo número de convenções bem aprendidas e, sobretudo, magistralmente aplicadas. Uma das razões de nosso prazer diante desse espetáculo sem excessos reside justamente na utilização por esses atores de uma quantidade precisa de gestos seguros, de mímicas experimentadas e adequadas, mas, acima de tudo, no invólucro espiritual, no estudo profundo e matizado que presidiu a elaboração dos jogos de expressão, dos signos eficazes e cuja eficácia nos dá a impressão de não se ter esgotado ao longo dos milênios.” (1964, p.57)

O teatro europeu se perde com ideias de trazer a realidade da fantasia para a cena, perdeu a metafísica dos movimentos, a fim de servir aos textos, as direções da voz e a grande dramaturgia cênica que invade o ocidente, tudo nesse teatro é calculado e tabelado, não deixando espaço para o acaso e a surpresa do movimento de um corpo-vivo em cena, a busca por traduções psíquicas perdeu o que Artaud (1964) chama de impulso secreto, sendo a Palavra anterior as palavras, é o magistrado. O Oriente não perdeu, em especial na Arte balinês, o estado físico primeiro do qual o espírito nunca falhou ou foi

corrompido pelo grande teatro do texto escrito. Analisado por uma filosofia alquímica, que aceita a natureza e a sua relação com alma, Artaud planeja fazer o mesmo movimento de validação de algo, ação recorrente da sociedade quando significa o desejo e trata o absurdo e o maravilhoso como proibição, porém em Artaud essa ação não se fecha em castração, muito pelo contrário, o passeio do esquizo é também produzido pelo desejo, não somente como busca a imortalidade mais como produção real de uma potência, que por mais que a sociedade tende a não ouvir essa voz do esquizo, ela, a sociedade, não pode negar suas reverberações em seu plano. “O real flui.” (1972, p. 54).

2.4 O SUICIDADO E DEUS COM SEU JULGAMENTO

Com Deleuze e Guattari (1972), a realidade flui, pertence a um fluxo que transborda e escorre, porém, o socius, que nega a afirmação da própria verdade do primitivo e do mágico, cria meios para marginalizar e contextualizar a lucides, um de seus caminhos é de similar o processo do esquizo a uma redução patológica de doença mental. E nesse ponto conhecemos um novo braço, um novo-velho órgão, a medicina-legal, a serviço do estado e da sociedade. Para que consigamos desenvolver o poder da medicina e sua relação com o pensamento artaudiano, precisamos refutar sobre: O que é uma “boa” saúde mental? Quem tem o direito de atestar a positividade ou negatividade de uma saúde mental? As barbaridades assolam a sociedade, essas imagens reais replicadas em ações em todo o planeta, a sociedade cultiva cotidianamente essas ações:

“à vida presente se mantém em sua velha atmosfera de estupro, de anarquia, de desordem, de delírio, de desregramento, de loucura crônica, de inércia burguesa, de anomalia psíquica (pois não é o homem, mas o mundo que se tornou um anormal), de proposital desonestidade e de insigne tartufice, de imundo desprezo por tudo aquilo que tem raça, de reivindicação de uma ordem inteiramente baseada no cumprimento de uma injustiça primitiva.” (Artaud. 1947, p.257)

Se a sociedade banaliza tais barbaridades, é porque para Artaud (1947) a consciência social, doente, existe em função do capital, e por isso ela deve permanecer doente, a própria esquizofrenia do sistema. Deleuze e Guattari, nos diz que a sociedade “constrói o seu próprio delírio” (1972, p.22), e que esse delírio não é pertencente ao campo da consciência e sim de uma consciência que é falsa por validar-se por falsos movimentos. Porém, o sistema busca não transparecer a sua doença maior ao classificar outras doenças individuais e assim menor no social, desse modo a sociedade para legitimar a sua sanidade “criou” a psiquiatria, “para se defender das investigações de certas lucidezes superior cujas faculdades de adivinhação a incomodavam” (Artaud. 1947, p.258), seguindo a tradição de uma lei sagrada, para manter os princípios de soberania. O poder médico-legal, no plano social, pautado em uma razão, perdida em suas terminologias para separar os loucos dos não-loucos, Artaud ao se referir ao poder da medicina, diz que o que move (a psiquiatria) é um produto de “seus cérebros tarados” (1947, p.258), por assim dizer, o poder motriz da psiquiatria seria a erotomania que alimenta a grande máquina do pecado. A igreja utilizou do pecado, como forma negativa de não alcançar as terras sagradas após a morte, ou seja, não sucumbir ao pecado seria um meio caminho aos céus, porém a igreja sustentou a criação e a permanência de legislações estatal, como princípio de soberania, as classificações da medicina tem uma aliança com mensagens religiosas nesse sentido. Antonin Artaud não crê no pecado católico e nem no crime erótico, mas viveu exclusão social em asilos, onde de certo modo o preservou “alienado”.

“Um alienado é também um homem que a sociedade não quis ouvir e a quem ela quis impedir de dizer verdades insuportáveis.” (1947, P.260), quando uma sociedade não cria espaço para ouvir, ou quando o que se é falado não tem continuidade com o que já está pré-estabelecido com a norma. Pois o esquizofrênico é “interpelado” (1972, p.27), por meio de medicamentos, drogas e terapias cruéis, não com o intuito de devolvê-lo a caserna, mas sim de o aquietá-lo. A sociedade tem meios para punir, e o poder médico-legal é o respaldo dessa punição, que estrangula indivíduos em seus tratamentos de exclusão, para se livrar ou defender, daqueles que não quiseram aceitar contratos das normatividades, para o sistema são os loucos, e seus

movimentos de libertação são sufocantes, suas punições são severas, a sociedade lentamente “o suicida”.

Segundo a definição durkheimiana (1987), suicídio é todo caso de morte provocado direta ou indiretamente por um ato positivo, ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que devia provocar esse resultado. O suicídio, portanto, é um ato intencional na qual a vítima age com objetivo de provocar sua própria morte. Existe uma via negativa que alimenta ao suicídio? Jacques Derrida (2001), aproxima o termo de autopunição com o suicídio — as regras institucionais e racionais do sistema na força da sociedade, e por isso via negativa por vir de fora do indivíduo, sustenta um castigo supremo de ordem racional sistemática, se opondo a razão do que se opõem ao já delimitado, esse movimento inverte a identidade da punição, trazendo um próximo entendimento de uma *autoexecução*, por estar errado e contrário ao sistema social que pertence, dessa maneira a *autoexecução* lava as mãos do sistema social médico-legal, “e como se o culpado se suicidasse” (Derrida. 2001, p.181). É uma forma de limpeza velada. Deleuze e Guattari (1972) afirmam que o Estado já não é lei transcendente, mas que seus movimentos desenham uma nova estrutura a qual fora imanente, ópera pelo *sistema normatizante*, (desse o qual trataremos mais a frente). “O Estado já não determina um sistema social, mas é determinado pelo sistema social ao qual se incorpora no jogo de suas funções” (1972, p.293), ele não deixa de contribuir com a concretização propostas pelos movimentos do *socius*. Essa seria uma das causas de não representação dos marginalizados, depressivos e esquizofrênicos, os quais não tem espaço livres, ou somente em asilos da reforma, tendo sua última saída a morte por suicídio.

“Dir-se-ia que as formações sociais pressentem, com um pressentimento mortífero e melancólico, o que lhes acontecerá, embora o que lhes acontece lhes advenha sempre de fora e se precipite na sua abertura. É talvez por esta razão que isso lhe advenha de fora; sufocam sua potencialidade interior à custa desses desfuncionamentos, que desde então são parte integrante do funcionamento de seu sistema.” (Deleuze; Guattari. 1972, p.203)

A partir dessa relação Estado-Sociedade com os marginalizados, podemos avaliar que quando Artaud escreve sobre o processo de exclusão a que Van Gogh foi submetido pela sociedade, pelo sistema, pela família e pela psiquiatria, esse recorte, traz consigo uma aproximação muito verosímil, da atual situação vivenciada por Artaud, traços de tinta e versos se misturam, para reclamar uma sociedade que não aceita a genialidade do delírio. Quando Derrida (2001) traz a melancolia e a sua binaridade, pois ela, ao mesmo tempo, contém a fonte de criatividade como também o poder de destruição, existe uma cobrança social pelo encaixe e uma rejeição do novo, a sociedade não cria espaços para a arte do extremo, porém instituiu o exílio social em prol da ordem. Artaud ataca aquilo que o mais sagrado, a vida, porém a todo momento a sociedade faz o mesmo processo sem ser afetada, pois ela tem o respaldo de ordem, ao falar da vida e como a sociedade não sabe lidar com questões peculiares a respeito do delírio, Artaud, assim como Van Gogh, gritam um sofrimento subjetivo político beirando a tortura. A ordem é afetada diretamente quando a razão é colocada em xeque, a arte norteia um espaço de elucubrações diferente de ações reais aos olhos da sociedade, quando essas ações de questionamento partem da arte do extremo, em lugar que pertence ao limite da vida, não existe um aval legal de reconhecimento para essas ações. Para Deleuze e Guattari, no sistema capitalistas os fluxos do esquizos são aceitos por animar “nossas artes e nossas ciências, assim como os coagula na produção dos nossos doentes” (1972, p.325), e assim denunciam uma sociedade que cria esquizos como produtos, o problema é: que como não são vendáveis, sua única saída é o descarte. Viver no limite ou trabalhar com limites é questionar os próprios limites, e suas linhas que demarcam o sistema, pensadores do limite sem espaço de ação são sufocados e condenados pelo peso da normalidade.

Um indicador forte da violência cometida pela sociedade em Van Gogh, é a *automutilação*, que por sua vez é atualizada, como renúncia de um corpo presente no social, atacou outro fator sagrado, o corpo, “pois a realidade é terrivelmente superior” (Artaud. 1947, p.266), assim trouxe uma crueldade sangrenta no questionamento de uma razão, atacando diretamente a ordem social, porém para Derrida (2001) nem toda crueldade é sangrenta. A sociedade

devolve essa crueldade em um corpo doente e adormecido, com o uso de uma crueldade primordial psíquica. A psiquiatria não suporta a realidade, mas principalmente detesta os gênios que utilizam desse meio para gritar as irregularidades do sistema.

“É quase impossível ser médico e honesto, mas é crapulosamente impossível ser psiquiatra sem, ao mesmo tempo, estar marcado pela indiscutível loucura: a de não poder lutar contra esse velho reflexo atávico da turba, que faz de todo homem de ciência aprisionado na turba uma espécie de inimigo nato e inato de todo gênio. A medicina nasceu do mal, se é que não nasceu da doença ou, pelo contrário, não provocou e criou inteiramente a doença para dar a si uma razão de ser; mas a psiquiatria nasceu da turba vulgar dos seres que quiseram preservar o mal como fonte da doença... há em todo demente um gênio incompreendido.” (Artaud. 1947, p.267)

Van Gogh chegou em seu extremo eliminado a sagrada vida, Artaud sujeitou ao vício prescrito como forma que tranquilizante, ambos utilizaram do delírio, e viram uma saída para os estrangulamentos rotineiros da razão, “ninguém jamais pintou ou escreveu [...] a não ser para sair, realmente, do inferno.” (1947, p. 272), e por fim em carregar esse peso no pescoço, durante a vida inteira, tendo o luxo do pensamento negado, foi sufocado lentamente no fim foram, drogados, contraídos e suicidados.

Entretanto, a denúncia de Antonin Artaud sobre a sociedade que recorre ao poder médico-legal para excluir o sujeito marginalizado do sistema, os quais são incapazes de outras ações somente veem a saída no suicídio, contudo sua visão sobre o sofrimento de Van Gogh, onde nas entrelinhas se aproxima a sua própria história de vida, com final diferente, pois Artaud não foi consumido pelo desejo de morte, sua saída foi inverter a situação vivida, contra-atacando, e nesse momento suicida a figura máxima da divindade humana — Deus, por mais que Nietzsche (1882) tenha anunciado a morte de Deus, e não temos uma declaração explícita do pensamento nietzschiano em Artaud, conseguirmos ver uma ligação muito próxima entre os dois. Nietzsche relata um homem que gritava incessantemente: “procuro Deus!”, depois das zombarias de outros homens que desconheciam a divindade, obteve a conclusão: “Nós o matamos — vocês e eu. Somos todos assassinos.” (1882, p.137), nesse momento em

que Deus está morto, homens o substituiu pelo próprio homem, e agora, o Homem-deus, se faz presente e próximo, esse, “que pode tudo”. Em *O Anti-Édipo*, Deleuze e Guattari, retomam a discussão sobre Deus dentro da crítica a psicanálise, dizendo que para Nietzsche, pouco importa se deus está morto ou vivo, pois não existiu fora do inconsciente e/ou mantido por uma crença.

“Ele não quer dizer a que a morte de Deus leva muito tempo para seguir seu curso no inconsciente; ele quer dizer que o que leva tanto tempo para chegar à consciência é a notícia de que a morte de Deus não tem importância alguma para o inconsciente” (1972, p.146)

Existe uma abstração que antecipa a visão do homem no mundo, desconfigurando sua própria relação com a natureza, ou que ela seja exterior, e nesse ponto a crença estrutura e dá um suporte de validação de uma regra, da mesma maneira que a sociedade sente o poder na voz do médico-legal. O transcendente e o imanente caem por terra o que importa agora é o corpo — “O corpo organizado é o objeto.” (1972, p.147) Com esse pensamento podemos dialogar com Artaud quando se refere ao cheiro da merda como o próprio cheiro do ser, como forma de questionamento sobre os modos de vida e de ser, pois:

“Para existir basta entregar-se ao ser, mas para viver, é preciso ser alguém, para ser alguém é preciso ter o um OSSO, não ter medo de mostrar o osso, e de perder a carne ao fazê-lo. O homem sempre preferiu a carne à terra dos ossos” (1948, p.71)

Nesse momento podemos perceber que o referido Deus em Artaud não é o mesmo de uma tradição histórica, como de certo modo, aceitou a morte de Deus proposta por Nietzsche e seguiu um pensamento superando o assunto, porém permanece um questionamento: Quem é Deus? Se para Artaud, Deus é um ser, e se for ele é merda. Com a morte de Deus e sua substituição dele pelo homem, e para Artaud esse homem é um ser, e se é ser é também a própria merda, pois, nas possibilidades do homem sobre a ideia de mundo, dois caminhos foram oferecidos “o do infinito fora, e o do íntimo dentro.” (1948, p.73), e o homem escolheu o íntimo dentro, onde para Artaud, é local que Deus

espreme seus movimentos, sufoca até a morte. Agora Deus-homem-ser-merda organiza seu reino e cria seus próprios dogmas, Artaud condenado a morte gradualmente antecipa um fim maior:

“Não vão acreditar em mim e daqui eu vejo o público dando de ombros, mas esse tal de cristo não é ninguém além daquele que diante do piolho deus aceitou viver sem corpo, enquanto um exército de homens descidos de uma cruz, onde deus pensava tê-los pregado há muito tempo, se revoltou, e, armado de ferro, de sangue, de fogo, e de ossos, avança, invectivando o Invisível a fim de acabar com o JUÍZO DE DEUS.” (1948, p.74)

Juízo esse que não se refere a transcendência dívida, e sim do homem que está na posição de Deus e controla a organização do corpo. Artaud sentiu uma necessidade que partiu do externo para afirmar sua presença em um corpo, foi reduzido ao ser obrigado a dizer que tem um corpo, perdeu a noção de espaço, do tempo, da dimensão, do devir, do futuro, do não ser, do eu, e do não eu, apenas queria se libertar da dor seu corpo que ameaçou um sistema inteiro, é então que se depara com a negação, e o que sobra? sobra a pressão, o sufocamento, o suicídio e a ideia de ser um corpo, “e foi então que eu senti o obscuro/ e que peidei/ de “des-razão”/ e de excesso/ do meu sufocamento. É que me pressionavam até meu corpo e até o corpo/ e foi então que explodi tudo porque no meu corpo não se toca nunca.” (ARTAUD. 1948, p.81).

A indignação ao seu corpo ser tocado, parte da ideia de que o homem está doente, causa essa que em Artaud se refere a própria construção do homem, por meio das normas, das regras, da crueldade, das validades pelo poder médico-legal, Artaud ainda indica um fim, ou um caminho para a vertente mudar, “temos que nos decidir a desnudá-la para raspar esse animálculo que faz que ele se coce mortalmente, deus, e com deus seus órgãos.” (ARTAUD. 1948, p.85), propôs um avesso de seu verdadeiro conforme, esse que o Deus-homem-ser-merda-médico-legal organiza, dar um fim com o juízo de deus, e acabar com a organização que prende o sujeito e o deixa sem ação, e rasgar o manual de como viver, e apenas viver a forma primitiva e mágica que o homem esqueceu quando inventou a regra. “quando terão feito para o homem um corpo

sem órgão, terão então liderado de todos os seus automatismos e o terão devolvido à sua verdadeira liberdade (ARTAUD. 1948, p.85).

Artaud não teve tempo de vivenciar as reverberações de seus últimos textos, foi acometido pela morte, na autopsia que realizamos a fim de apresentar não somente seu pensamento final, e nem tão pouco o inicial, obtivemos informações necessárias para entendermos seu pensamento, partindo da relação entre a linguagem e a escrita, sobre os micros processos revolucionários, e sobre o poder da cultura, entendemos que o teatro em sua voz, desconfigura o entretenimento, denuncia a visão eurocêntrica da arte e do poder, apresenta uma crueldade que não é sanguífera, mas que ataca os valores, o apetite e o sistema em geral, retoma o valor do sagrado, do místico, do gesto, do ritual e do primitivo, e por fim é negada a sua diferença, onde sua única saída seria o suicídio, o qual não aceitou, desmontou o sistema, o estado, a religião e o corpo, pois um fim na organização e nos alimentou da possibilidade de viver sem órgãos.

*A loucura é diagnosticada pelos
sãos, que não se submetem a
diagnóstico. Há um limite em
que a razão deixa de ser razão,
e a loucura ainda é razoável.
Somos lúcidos na medida em
que perdemos a riqueza da
imaginação.*

Carlos Drummond de Andrade

3. A LINHA REGULADORA DO HORIZONTE

Os textos, *O Anti-Édipo* (1972) sua “extensão”, *Mil Platôs* (1980), na voz de Deleuze e Guattari, traz uma denúncia das falhas da psicanálise arramadas no Édipo, no pai, e na psiquiatria. Pois, Édipo permanece vivo e incontrolável (?), seja no seu teatro, como complexo, como máquina, como instituição, como discurso, porém a resistência promovida por Deleuze e Guattari, consiste em penetrar nas feridas, expor as pulsões sexuais, aqui tudo está envolvido, o caminho utilizado foi a de reformar a entendimento da História, essa utilizada como arma de guerra a favor do capitalismo, e acordar desse pesadelo, e viver a multiplicidades, que ultrapassam a distinção entre consciência e o inconsciente, entre a natureza e a história, corpo e alma. A exemplificação da resistência que marca o corpo de Artaud, o qual tem sua obra como plano de fundo em *O Anti-Édipo* (1972) e *Mil Platôs* (1980), e possibilita o desenvolver, a saída, a trajetória e também a origem, nesse momento, vamos nos debruçar na formação, na origem da marginalização e no esgotamento.

O esgotamento do modelo atual de mundo fez com que Antonin Artaud aderisse a sua própria ética, sobre o seu modo de ser, o poeta maldito, rompe com o silêncio, com a tradição, com deus e cria a ruptura radical com seu tempo, se livrando de quaisquer julgamentos, abandonou os céus para viver na terra, liberou seu desejo de Ser. Momento em qual o desejo pode ser o decline ou a solução.

A tradição refere-se ao desejo como aquilo que não tenho¹⁰, uma ligação direta com a falta de algo, esse desejo com essa recepção, segue um fluxo negativo do desejo — a falta. Para Gilles Deleuze e Feliz Guattari (1972), o desejo é um processo positivo de produção, o desejo produz a realidade. As *máquinas desejantes*, por meio do desejo, conseguem produzir o real, essa produção gera uma recepção social do desejo. O mesmo desejo que grita pela liberdade também pode gritar pelo aprisionamento. Uma vez que desejo e social não têm suas relações próximas, pois, o desejo e o social são regimes diferentes de funcionamento de uma mesma realidade, portanto não tem relações próximo, o desejo é um fluxo, e por ser fluxo — escorre, já o social é um processo codificado por instâncias com suas relações próximas com as repressões, por meio da operação de codificações, sobrecodificações ou decodificações, que o caracteriza, reprimindo o processo desejante. Essas instâncias de conexões do sujeito firmam um desejo doente, para Artaud o desejo é órfão, é ateu e não circula pelo corpo, desse modo esse desejo doente circula pelo social como forma de aprisionar o sujeito em um sistema macro operante — as *maquinas capitalistas*, que, precisam desse desejo doente para assim também dominar os corpos dos sujeitos, pois um corpo potente não obedece aos poderes, segundo Artaud, a um regime de normas, a uma domesticação sombria opera no sujeito desejante para levar a uma produção codificada¹¹, a tensão dessa relação está no movimento das intensidades do social e com o sujeito na produção, e essa tensão não é interna da realidade social, ela é de borda, sem identidade, na casca do ovo. Por residir a beira, a realidade social e as *máquinas desejantes*, que podem desejar qualquer coisa e articular para conseguir, expulsam os que não são representados e organizados. Estão à beira, no limite, para serem banidos, marginalizados.

Aquilo deixa enfraquecer, que “*enfraquece-me*” é o alimento da doença desejante depondo contra a si, a rotina de trabalho semanal é compensada com o dia de pausa, na pausa a depressão se instala, devido à semana que irá

¹⁰ Oriundo de uma tradição platônico-cristão, que constituiu o desejo como falta de algo. Para a psicanálise a ideia de desejo é agressivamente platônica. O uso do desejo é extremamente poderoso para favorecer a manutenção, o controle, a submissão, a disciplinarização e a docilização dos corpos.

¹¹ Exemplo do indivíduo que indica a semana odiando o que faz já pensando que logo vem um fim de semana ou um feriado próximo.

iniciar-se, um ciclo operante entre suas vontades e necessidades por meio de suas obrigações com uma primazia de ilusão de controle sobre o que se deseja, o que nem sempre é o positivo individual e sim a própria esquizofrenia de um sistema que opera no limite. E quem são realmente os esquizofrênicos? A esquizofrenia, o delírio e o desejo, são presentes no desenvolvimento social da *máquina capitalista*, a qual se atualiza constantemente, transformando tudo em produto. Se para Artaud o desejo não anda pelo corpo, ele se faz presente pelo delírio, uma vez que os esquizos são traidores de seu tempo, podemos anunciar que: O delírio é histórico e faz parte de uma potência maior de superação com relações já passadas, e por isso não é tratado pelo social como negatividade, esse delírio para ser mais bem aceito e para poder permanecer engendrado no sistema, é denotado como um querer para além daquilo que foi apresentado como possível. E assim ligado ao real. O capitalismo aceita o delírio, ao alimentar uma corrida sem fim que vê o passado como uma projeção possível como exemplo para o futuro.

O sujeito¹² que deseja também delira a história, o desejo é uma produção do real e seu segmento futuro, para o social o desejo não tem polo, então a relação de positivo e negativo não tem tanta importância nessa instância, o desejo tende a ser uma construção canalizada de um fluxo que escorre e contamina, um desejo de libertação que pode trazer uma revolução e esse mesmo desejo pode instalar democracias de ultra direita que cultuam a tortura e uma hegemonia pura, o fascismo é uma realidade, que foi desejada e segmentada a partir de ações desejantes. Agora o ser esquizofrênico é o marginal, não tem espaço e nem contribuição, na instância patológica da esquizofrenia é um indivíduo¹³ inoperante e na instância de processo é um

¹² Craia (2013), relaciona que em Deleuze, existe uma distância entre o conceito de sujeito analisado por uma noção clássica a qual a modernidade atribuiu a Descartes, — em Deleuze a noção de sujeito pertence ao campo reflexivo, não somente na ordem filosófica como também, social, político e antropológico. Pois, a função que o conceito de sujeito ocupa tem mais implicações que a de indivíduo porque é um conceito que organiza e tem mais “responsabilidade” que o indivíduo, uma vez que o conceito de indivíduo ocupa outro ponto de vista, o qual tem uma carga distinta que sua história do uso.

¹³ *Idem* 14.

indivíduo intensificado, matéria sem forma, objeto, é um traidor, com seu inconsciente ateu, aqueles que gritam, assim como Antonin Artaud.

A descodificação que arrebenta o limite absoluto do sistema capitalista e suas máquinas, a esquizofrenia, não pode ser uma máquina que representa o delírio e o desejo, e sim, a figura contra a repressão das máquinas capitalistas, por isso não representa, tende a ser a própria intensidade de um estado puro do desejo, e com isso torna-se algo perigoso. Perigoso para quem?

O assombramento em terreno social e histórico que afeta a sua base organizada é causado pelo delírio dos esquizofrênicos como processo. Afeta a moral, os costumes e os valores, que de certo modo cimentam o sujeito em uma doença importante para todo o sistema capitalista, a liberdade e delírios são ao mesmo tempo, verdades e razões de ser para os esquizofrênicos, sendo de certa forma colocadas a uma margem periférica do escopo da sociedade, em sua margem distante pela afirmação social dos valores, das regras e dos desejos comuns, uma linha excludente é alimentada por esses diálogos, o esquizofrênico marginalizado tende a ser colocados sobre o efeito dessa divisão, entre os que aceitam o desejo doente com os que não aceitam a doença como regra. A linha reguladora do horizonte, que limita, por meio de regras e sistemas, um ideal, uma forma correta e absoluta de estar atuante no social. O delírio, a esquizofrenia e o desejo são um linear, um paradoxo, uma positividade e uma negatividade que fazem do sistema capitalista um criador de máquinas sistêmicas normatizante, pré-estabilizantes e semióticas.

3.1 SISTEMA NORMATIZANTE

Um livro, compilado de palavras e frases organizadas em páginas, um livro é uma ferramenta, é um produto de ordem intelectual, sendo assim, apresenta deduções de pensamentos individuais ou coletivos a fim de entreter, comunicar e/ou difundir conhecimento, para Deleuze e Guattari (1980) um livro é uma pequena máquina que por sua vez mensurável, é também visto como

uma *máquina*¹⁴ *abstrata* que traz consigo outras máquinas como a *máquina de guerra*, *máquina do amor* e a *máquina revolucionária*. Um livro não tem objeto e nem sujeito, não sendo esses os aspetos sobre o que pode preocupar um livro, o que pode ser problemas para um certo grupo pode ser a solução para o oposto, o problema está na interpretação e no uso dela, pois quem escreve torna-se responsável por suas palavras e não pelo que ecoa e reverbera a partir do entendimento delas. Trazemos o exemplo a própria Bíblia, uma mesma palavra com múltiplos entendimentos, com diversas aplicações e apropriações distintas, no qual cada grupo resolveu aderir por meio de suas realidades a melhor utilização de seu entendimento, por um proveito individual como também coletivo. Um livro é uma potente fábrica em funcionamento. E o que podemos fabricar? Se o problema não está no livro em si e sim na recepção, a questão aparente está na linha comunicativa que abandona o sentido intelectual do entendimento e entrepassa e liga os grupos sociais, a continuidade dessa ligação cria o senso comum.

O senso comum sempre esteve presente em todos os grupos que dividem um mesmo espaço geográfico ou até mesmo social, o senso comum tem uma função filosófica de utilidade para o facilitamento da comunicação na vida pública, nas recepções e nas criações de normas legais. Sem rigor, apenas como fluxo de segmento, o senso comum caracteriza-se por juízos, sem a reflexão metódica, de modo que uma ordem pode ser criada a partir do que as pessoas acreditam, seguem, duvidam, afirmam ou esperam, essas ações são comumente compartilhadas e cada vez mais engendradas ao âmbito social. As normas criadas e admitidas pelos grupos são ligadas pelo que, Deleuze e Guattari (1980) chamam de *linhas de articulação* — as quais são espécies de ligamentos entre dois ou mais pontos com o intuito de atribuir uma maior flexibilidade entre os pontos ligados, o senso comum é ligado diretamente ao bom senso, se o senso comum é apresentado sem reflexão, será por meio da ligação do sentido a outro termo, outro ponto — o bom senso — acaba por ser a representação de sensatez e de inteligência por afirmar por meio da sua

¹⁴ O termo “máquina” aplica-se geralmente a um conjunto de peças que operam juntas para executar o trabalho. Geralmente estes dispositivos diminuem a intensidade de uma força aplicada, alterando o sentido da força ou transformando um tipo de movimento, ou de energia em outro.

utilização o não abandono de uma norma, mesmo que social e de juízo. A decorrência do uso dessa ação gera um “sistema normatizante”.

É o que mais se aproxima de uma lógica estrutural: as normas existem para serem seguidas. O termo que evidencia o desenvolvimento de uma norma, são os *estratos* (1980) — que são como coagulações no sistema articulatorio, ou seja, são ao mesmo tempo, molares e moleculares que prognosticam as codificações de substâncias formadas, também são capazes de servir a outro estrato sem seguir um padrão evolutivo, estratos são como pequenos furo em uma barragem por onde escoar a água, esses mesmos furos devido ao escoamento podem juntar pequenas pedras e galhos e devido à pressão d'água no tanque e ao fechamento dos furos, em razão aos acúmulos de outras matérias, pode causar um transbordamento ou até mesmo o rompimento da barragem. São de extrema importância, pois os estratos podem surgir em pequenas articulações e tomar grandes proporções na esfera geo-social, firmando a consistência de uma forma ligada por meio de uma linha de articulação em uma norma. Esse alagamento causado, não afeta o indivíduo, apesar de molhado o sujeito está em casa, em seu “espaço subjetivo vivido” (1997), uma subjetividade fechada em si sem danos aparente.

Causado pelo simples poder do hábito, uma constância de ações que reproduzida automaticamente orienta as atividades rotineiras, estreita fronteiras, solidifica as linhas, firmando as regras de continuidade e fortificando seu território. Essas ações provocadas pela força do hábito aproximam-se ao que Deleuze e Guattari apresentam como *territorialização* — surgimento de uma ação capaz de reorganizar um território, uma vez que essas ações são ligadas por outras ações correlatas, onde o coletivo reconhece a ação a ponto de reproduzi-la, sem uma reflexão mais rigorosa, pequenos grupos dão início à construção de certos sistemas, em primeiro momento por um fluxo automático que leva a outro fluxo de continuidade por meio da reprodução. O movimento inverso dessas ações geram a fragmentação, que em um sistema todo ligado e articulado, causam uma ação de desordem, porém quando acontece uma *desterritorialização*, esse grupo pode não se desligar totalmente do grupo matriz de origem, ou seja, o grupo partido alimentado pelo uso frequente do senso comum, do bom senso e o hábito, criam outros caminhos a partir da base, o

que já foi adquirido, tornou-se intrínseco ao indivíduo, esse “novo” grupo desterritorializado se mantém ligado ao um sistema de origem, seguindo a caminhos já pré-estabelecidos pertinente a uma tradição, uma cultura.

Quando um novo surge por meio da fragmentação, e segue os fundamentos originais de base, o coletivo conecta-se por meio de novos fatores políticos, psicológicos e sociológicos, razões pelas quais o coletivo legitima suas condutas por meio das ações de adaptação em prol da mudança, uma maneira de fluir e não fugir da base, pois a *linha de fuga* só aparece quando outras linhas estruturantes se cruzam, criando outros pontos, assim novas de estruturas são apresentadas, o escape desse cercado acontece, até mesmo porque esses pontos tendem a se “*molarizar*”, causando a ruptura eventual, ação das linhas de fuga, porém à frente a linha tornara por meio de outro cruzamento qualquer, uma nova estrutura, não é um ciclo vicioso, são rupturas, desligamentos e escape que conseguirão criar outras ligações, junções com as outras partes desconexas e assim criar outros espaços, a própria multiplicidade da dimensão cujo para Deleuze e Guattari marca:

“à realidade de um número de dimensões finitas que a multiplicidade preenche efetivamente; a impossibilidade de toda dimensão suplementar, sem que a multiplicidade se transforme segundo esta linha; a possibilidade e a necessidade de achatar estas multiplicidades sobre um mesmo plano de consistência ou de exterioridade, sejam quais forem suas dimensões.” (1980, p.25).

E o que tudo isso tem a ver com o livro? O livro é um *agenciamento* gerador de *multiplicidade*, ele é apresentado por Deleuze e Guattari, como caminho de uma mudança, caminho para as realizações de novas práticas, por meios de seus processos específicos na potência de criação de novas linhas. A multiplicidade acontece “somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno, com o sujeito ou com o objeto, com realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo.” (1980, p. 23). O agenciamento é o crescimento dessa forma multifacetada à medida que surja outras necessidades de conexões, um encontro absoluto onde se pode mudar tudo. A relação da multiplicidade advém

das linhas já bem demarcadas e solidas, o que é possível pela estabilização de estruturas por meio de micropolíticas-sociais, onde ocorre por meio da organização, oriunda do Estado, com o intuito de ampliar e/ou frisar suas linhas.

O Estado busca uma representação hierárquica de sua atuação, preso a uma unidade original, ao menos esse é o ideal que o Estado busca, um esquema no qual se aproxima ao da árvore genealógica, o fluxo dessa organização segue a um esquema de síntese — onde cada nível carrega traços do anterior e assim na decorrência, os pontos pré-determinados são apresentados nas bifurcações, sem grandes opções de deslocamentos, pois o caminho é sempre de cima para baixo, O Estado, vincula suas ações, nesses movimentos consolidados por suas estâncias, e quem “*molariza*” esses movimentos, acaba sendo a sociedade, os movimentos e suas ações não apresentam um ponto de partida solido, ao ver da sociedade, e nem mesmo existe uma importância de onde esse movimento, representado por meio de uma linha surgiu ou pode chegar, se todas as ações e os movimentos seguem uma ordem hierárquica de cima para baixo, essas linhas seriam apresentadas como uma fila de linhas — listras, não haveria cruzamentos e não surgiam pontos desses encontros. Um sistema diferencia desse padrão hierárquico. Um corpo é um bom exemplo de um sistema, representado fisicamente, por tecidos, ossos, órgãos, fluidos, etc. Os órgãos em especial, cada um tem uma função de importância dentro do conjunto-corpo, não existe uma representação hierárquica entre eles, todos acabam sendo vitais ao conjunto, e por ser assim um depende do outro, estão ligados, se existe essa ligação é por meio de linhas, como não seguem um padrão hierárquico de cima para baixo, cada órgão se liga ao outro seguindo a direção necessária para alcançar mutualmente, os movimentos são contínuos e circulares, a síntese e a análise acontecem simultâneas, o sistema corpo é apresentado em sua totalidade e sua originalidade, pelo fato que, durante nossa existência, ainda não um novo órgão além dos já conhecidos dentro do sistema-corpo-original, claro algumas melhorias ao sistema-corpo sempre são apresentadas, melhorias que parte de uma necessidade de permanência, por ser um sistema complexo e complementar ligado, um órgão isolado tem voz de alerta e pode anunciar uma possível falecia comprometendo todo o conjunto, esse anúncio pode não ser

necessariamente do órgão “lesado” em si, podendo ser de qualquer outro, são um sistema estão ligados e conversam entre si para se manter operante.

Como em uma apresentação árvore, preso a uma unidade que segue uma ordem, esse tipo de formação não funciona para acolher a multiplicidade, é uma relação de dicotomia do Uno, assim como em um sistema, por mais que órgão dependa do outro, é um sistema fechado, existe uma interação entre os órgãos, pontos-sistemas em sistemas, porém ainda é amarrado a uma ideia original sem espaço para o múltiplo. E onde encontramos a multiplicidade?

A máquina social, não abandona as estruturas hierárquicas, apresentadas em linhas de cima para baixo, e nem seus sistemas fechados que operam por meio de pontos de interação. O que acontece com essas linhas estruturantes e esses sistemas, é que alguns grupos tendem a criar outras linhas a partir dos cruzamentos de linhas com linhas, esses cruzamentos geram outros pontos, que são capazes de conectar a outros pontos que não estavam conectados, em um movimento de juntar coisas. Dentro do espaço geo-social, o senso comum cria linhas sólidas de seguimento, esse movimento é contínuo, ou seja, por meio de senso comum, do bom senso e do hábito, novas linhas são criadas, por meio dos estrados, das linhas de articulação, territorialização e pelas linhas de fuga. Uma espécie de cerca, a qual tem um poder de influência sobre seus cercados. O mecanismo social é apresentado por meio do caos, as linhas não mais retas e contínuas, podem se cruzar, desse cruzamento surge mais linhas, que entrecruzam sistemas fechados, que cruzam estruturas hierárquicas, pois esses caminhos pré-determinados são de importância para desenvolver futuros processos que são práticas atribuídas ou utilizadas. E dentro deste que Deleuze e Guattari (1980) chama de *Rizoma* — é o que mais se aproxima de um sistema aberto absoluto e possível. Um rizoma não exclui outras formas de estruturas como os que seguem um padrão hierárquico(árvore) e são apresentados por meio dos sistemas fechados:

Existem estruturas de árvore ou de raízes nos rizomas, mas, inversamente, um galho de árvore ou uma divisão de raiz podem recomeçar a brotar em rizoma. A demarcação não depende aqui de análise teóricas que impliquem universais, mas de pragmática que compõe as multiplicidades ou conjuntos de intensidades. No coração

de uma árvore, no oco de uma raiz ou na axila de um galho, um novo rizoma pode se formar. Ou então é um elemento microscópico da árvore raiz, uma radícula, que incita a produção de um rizoma.” (1980, p. 33)

Não se inicia um novo paradigma sem abandonar o anterior completamente. E em um rizoma acontece um acoplamento de uma produção de inconsciente. Pois bem, o Estado por suas atribuições, ordena que nas segundas-feiras a população deve usar verde, a sociedade passa a aderir à norma, porém o Estado indica que nas sextas-feiras podem-se usar o azul, apenas uma sugestão para o uso da cor, diferente da segunda-feira que é obrigatório o uso da cor indicada. A sociedade que já segue a primeira ordem, passa aderir a nova indicação como norma, todos agora além de usar o verde nas segundas passam a usar o azul nas sextas, a sociedade a serviço do Estado, agem da ordem e da indicação que gerou uma convenção social e matem o seguimento da ordem e da indicação pelo uso bom senso de. Temos aqui uma linha articulatória — reta e de seguimento. Um subgrupo saturado de seguir esse padrão imposto, se organizam e passam além de seguir o que foi ordenado, passam nas quartas-feiras a usar o amarelo, esse movimento dentro da estrutura é uma espécie de coagulação — estrados, a base da estrutura permanece a mesma — uso de cores, um novo padrão foi criado, uma nova linha surgiu a partir da linha já estruturada. Não se sabe mais o local exato de onde surgiu essas indicações de cores em certos dias, porém como é de seguimento, a sociedade passa a cumprir rigorosamente seu esquema, o uso de cores determinadas em dia determinado passa a fazer parte de uma tradição, a sociedade sente-se bem e identifica-se com essas estruturas que passam a representá-las, o poder do hábito que as *territorializam*. Durante um processo, outro grupo dentro dessa estrutura não se sente representado pelo uso de cores determinadas em certos dias da semana e rompem com a tradição e passam agora a tingir seus cabelos com cores variadas, essa fragmentação não é total, pois eles ainda usam cores nos dias da semana, pode não ser a indicada, mas usam, o uso de alguma cor durante a semana passa a ser cultural, o rompimento é por um acréscimo nas atitudes, esse que estavam representados, passam a criar um novo lugar de representação, em um sentido totalmente oposto, uma linha de desterritorialização, cruza as outras linhas.

Depois de todas essas práticas, outro grupo aparece, esses agora totalmente opostos as estruturas apresentadas, eles passam a seguir com uma nova prática, usam somente preto e vão à igreja todo fim de semana, uma linha de fuga — não no sentido literal de fugir, mais sim de fluir em um novo propósito rompendo com o original, mais a frente essa linha tende a solidificar-se como um novo original, uma nova estrutura.

Todo esse movimento de linhas, formam um polígono (uma suposição, pois as linhas podem criar diferentes formas geométricas), cada linha estruturada representa um lado, essas linhas são de segmentos e continuas, ou seja, não importar de onde elas surgiram e nem onde elas terminam e se vão terminar, quando uma linha cruza com outra, esse cruzamento cria um ponto, e será dele que pode surgir uma nova linha, essas linhas cruzadas criaram um novo espaço cercado, um espaço vazio, por ser um espaço absoluto — onde qualquer coisa pode acontecer, a opção de quem permanece nesse espaço, pode ser a de seguir a ordem das linhas estruturantes, de permanecer inerte nesse espaço, podem também sair, fluir e solidificar em outro local, podem fragmentar e ainda transbordar. As linhas que as cercam criam influências diretas em seus cercados, à medida que essas linhas vão expandindo e cruzando com outras linhas e criando outros espaços vazios ligados a estruturas hierárquicas, a sistemas fechados, uma nova forma do agir social é criada, seguida e replicada. O sujeito dentro deste cercado, agente de uma produção contínua de inconsciente, mesmo que não sendo global a ponto de atingir por totalidade a sociedade, é local e espalha no ambiente social, as linhas são expressivas em sua participação no indivíduo, estar cercado de linhas estruturantes é estar pertencente ao “sistema normatizante”, cujo é capaz de moldar, formar, manipular e influenciar o sujeito. O “sistema normatizante” por pertencer ao rizoma, também é absoluto e por isso múltiplo.

E o indivíduo que não age conforme a orientação de suas linhas que o cercam?

3.2 SISTEMA PRÉ-ESTABELECIDO

Um organismo pode ser definido como um conjunto de moléculas que se agrupam, quando se agrupam aos sistemas orgânicos, é possível obter por meio de uma combinação, uma conformação, uma ordem, um sistema, uma característica física de elementos primordiais que refere a todos os seres vivos que habitam o planeta, o movimento desses organismos visa o desenvolvimento e o crescimento para desempenhas todas as funções vitais, e com isso manter o organismo vivo. Uma cadeia de ações e razões, de conjunto e de ordem. Seguindo uma construção natural e orgânica das ações sofridas, se opondo a lógica natural de desenvolvimentos dessas combinações, os organismos também podem ser manipulados, com essas combinações podem apresentar alterações induzidas para favorecer a outros tipos de características desejadas, sua estrutura genética é alterada por meio de mudanças em sua codificação e/ou pela introdução de outro gene com o intuito de melhoras fatores como a cor, tamanho, resistência, permanência, inclusão, entre outros. Organismos também podem ser criados para atender interesses particulares e/ou coletivos, assim como a sociedade.

A sociedade atual funciona como um organismo vivo em desenvolvimento, ela surge de diferentes combinados de estruturas, assim como os órgãos, ela é feita de diferentes tipos de tecidos, uns centralizados, outros periféricos, porém como o mesmo objetivo de desenvolvimento de ações vitais para a permanência da forma que os mantêm, um corpo, e seus órgãos, uma sociedade e suas micropolíticas. Uma linha articulatória que opera por meio da estabilização de um Uno, hierárquico e binário, uma linha principal que rege as ordens, uma subjetividade cujo desconhece o todo, ou quando identifica acaba generalizando a um indivíduo ou caso isolado. As micropolíticas operam pelo procedimento de redução, abandonando suas identidades de múltiplo para criar um inconsciente, esse, por sua vez, firma uma redução nas atividades, uma micropolítica conversadora que não deixa espaço para o múltiplo, a fixação desses inconsciente solidifica identidades sociais reconhecendo o hétero-macho-branco-ativo como a grande massa, o devir, biológico, social e histórico, aparece intrínseco nos desenvolvimentos e no crescimentos da sociedade em

geral, esse movimento por meio das micropolíticas, faz com que surja a criação de enunciado e uma reprodução desse enunciado, um “faça ou não faça — pode ou não pode”, uma ordem, pela qual “dá um elevado valor positivo, ao passo que as massas só integram tais linhas para “*segmentarizá-las*,” bloqueá-las, afetá-las com um signo negativo” (1980, p. 61) esses enunciados criam e que vão para além da própria dialética e sentido das ações, pois a reprodução desses enunciados na grande massa criam signos negativos que sustentam o padrão a ser seguido. No Início da década de 1980 uma pandemia a partir do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), causou a morte de milhões de humanos, a síndrome de imunodeficiência adquirida leva a casos potencialmente a morte, causado por meio da infecção (AIDS) com o vírus, as principais formas de transmissão do HIV, tem origem em transferências de sangue e práticas sexuais sem proteção, a proliferação do Vírus ganhou visibilidade com a abundância de pessoas pertencente a comunidade homossexual, logo o HIV ficou conhecida como doença dos gays, a peste gay, o câncer gay, a sociedade por medo e preconceito, marginalizou o Vírus e o centralizou em um grupo específico, criou um enunciado o qual foi replicado sobre o preconceito com os homossexuais, reduziu o Vírus a um determinado grupo, e com isso o grupo operante branco-macho destaca-se em relação à pandemia, o signo negativo que uma certa comunidade é epicentro de uma contaminação mortal fortalece a relação hétero-ativo da sociedade, a forma de garantir o padrão é alimentado pelo preconceito social com outros tecidos da sociedade. Um organismo é diretamente subordinando a estrutura hierárquica e excludente de outros tecidos que não fazem relação com o conjunto. A forma padrão é sustentado pela conservação de valores, doutrinas, relação de poder, pelo pudor na intenção de criar o que é o certo.

Esse movimento da sociedade é simbólico por caracterizar o estado de convenções sociais para “acreditamos nas coisas”, invenções de palavras e coisas para legitimar suas atitudes neuróticas de quem perdeu ou poderá perder algo. Uma linha molar — geradora para ser seguida e replicada, um padrão, esse padrão cronológico e binário, é apresentado por Deleuze e Guattari (1972) como *aparelho edipiano*, é possível, pois a sociedade atual defende uma forma triangular para a representação de uma regra base, o

esquema pai-mãe-filho — exemplo da família ideal (burguesa e capitalista), essa forma que vem primeiro como pré-estabelecida, só é articulada ao modo que as castrações são apresentadas, uma castração ao sistema social representa as normas, conjunto de leis e proibições que dão uma identidade, uma subjetividade ao sujeito, com essa linha molar o inconsciente da sociedade é afetado e inicia o processo da reverberação no sujeito, com a intensão que transformar esse eco inconsciente em algo cronológico e binários e passível de realidade, um processo de ações para transformar o inconsciente em algo consciente e assim replicável.

O complexo de Édipo, age no real desejante — age primeiro no âmbito do imaginário, o poder de realizar tais coisas, porém a castração dessas possibilidades gera a criação de uma regra, no caso a proibição do incesto (Édipo), é uma falta de realizações no plano consciente, não que a regra não possa ser quebrada, deixada de seguir, a castração, ela tem um sentido de perda de algo, uma perda de realização de um desejo em posição de uma regra que sustenta essa perda como certa ou errada, o plano consistente por sua vez é cronológico e binário e segue princípios de realidade, a castração se opõe ao múltiplo, pois para se ter algo será necessário renunciar a outra, um “isto ou aquilo”. No plano do inconsciente, onde as possibilidades criam os desejos, tudo é possível, não existe contradição, não existe a lógica e nada envelhece, ou seja, o desejo e a proibição desse desejo se alimentam continuamente, acaba sendo uma disjunção inclusiva que aceita os dois lados ao mesmo tempo, sem a castração de um ou de outro. Se está no inconsciente, como que chega até ao movimento coletivo da sociedade? Qual o sentido de criar movimentos que abalem o inconsciente social? O problema está na criação de possibilidades (múltiplo) porém que são reduzidas a algo molar com a possibilidade ilusória de poder — “isto ou aquilo” concretado na racionalidade a partir do seguindo das regras, os sistemas pré-estabelecidos precisam de exemplos diversos para legitimar sua futura molaridade sobre as coisas, por mais que opere por limitações, seus movimentos de força potente são fragmentos de uma estrutura que liga diretamente ao padrão — uma forma.

No prefácio da versão norte-americana de *O Anti-Édipo* (1977), Michel Foucault não se reduz principalmente a preparar o leitor ao início da obra, como

também, apontar os principais inimigos que serão apresentados, e ainda, traçar um breve manual de como não cair nas graças apaixonantes da organização, do poder e do fascismo. Nas palavras de Foucault (1977), “os lastimáveis técnicos do desejo”, que seriam responsáveis em reduzir a organização múltipla do desejo a uma lei da estrutura, que serão responsáveis por não reconhecer a multiplicidade, os fluxos e o desejos, transformando-os nos reais inimigos ao sistema, desse modo, os “*micro-fascismos*” é imanente ao socius, e quando se refere ao fascismo:

E não somente o fascismo histórico de Hitler e de Mussolini — que tão bem souberam mobilizar e utilizar o desejo das massas —, mas o fascismo que está em nós todos, que martela nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar esta coisa que nos domina e nos explora. (FOUCAULT, 1977)

E seus desencadeamentos de ações e reações diversas, como o racismo, machismo, xenofobia e a homofobia. Uma ação do inconsciente que dá o poder atuante no consciente de excluir, distanciar ou eliminar os contrários aos padrões, todas essas ações e movimentos partem da grande massa, que sente de alguma forma protegida ou se sente encaixada em um padrão contra uma minoria que se opõem os movimentos do padrão. Uma forma como meio de significativa. O formato, a forma advêm primeiro como linha molar e estruturante, deixando o sujeito adaptado aos movimentos possíveis. Como a base é “*rizomática*”, um sistema “pré-estabelecido” se apoia em um “sistema normatizante”, um acaba sustentando o outro por meio das atualizações que os movimentos desencadeiam nos sistemas, quando algo é atualizado, essa linha ultrapassa outros movimentos que estão em acontecimentos, é um fluxo, em primeiro momento pelo modo de organizar as coisas, ações e movimentos para depois moldar um pensamento binário e social — os grupos dos neuróticos, dos esquizos, dos obcecados, dos fanáticos, dos cristãos legitimam seus movimentos por linhas molares — pré-estabelecidas, a forma já foi dada para o encaixa da matéria, a verdade para esses grupos não existe fora da forma, e seguem sempre um mesmo padrão.

Em Deleuze o processo de atualização:

“O atual é o complemento ou o produto, o objeto da atualização, mas esta não tem por sujeito senão o virtual. A atualização pertence ao virtual. A atualização do virtual é a singularidade, ao passo que o próprio atual é a individualidade constituída. O atual cai para fora do plano como fruto, ao passo que a atualização o reporta ao plano como àquilo que reconverte o objeto em sujeito.” (Deleuze, 1996, p.51)

Uma espécie de caminho, um carreiro, uma passagem, utilizado para ligar um ponto “A” ao ponto “B”, esse caminho é muito utilizado para realizar um trajeto, devido sua utilização frequente, o caminho precisara ser modernizado, “melhorado”, ou seja, atualizado, por meio de um processo de atualização. Sua atualização não acontece do nada, ela precisa ser planejada, em primeiro momento um pensamento de como será o a melhor viabilidade da modernização do caminho, sua atualização, também não acontece do dia para noite, demora e serão necessários passar por diversas instâncias, (uma linha com diversos pontos — obrigatórios), esse local onde se é pensado (Virtual). O melhoramento do caminho é fechado em si, em geral, que a linha surgida por meio das estratégias encontram seus pontos, outras estratégias podem surgir, ao ponto que o distanciamento e suas passagens operam do contínuo (Virtual) ao descontínuo(Atual), isso acontece porque sua atualização está ligada em uma visão de mundo finito, o que era pensamento tende a se tornar matéria, físico — atual, algumas forças externas são necessárias para a nova construção do caminho em uma estrada, equipamento, mão de obra, matérias diversas, serão necessário para o objetivo final, como todo obra antes de sua finalização, gera uma certa desorganização, uma desordem, o local desse ponto de estado de caos (Intensidade), antes do final da linha, essa intensidade é muito importante para um reforço do objetivo final, desse espaço de caos intensivo surge outras linhas que disparam para outros caminhos opostos, linhas de fuga com a intenção de localizar outras saídas possíveis, a atualização do caminho em algo “melhor” pode gerar outros movimentemos. O Caos e sua desordem, são pontos obrigatórios de parada para a formulação de um novo movimento como forma, sem o caos não se pensa as novas possibilidades, o questionamento e o novo são legitimados pela desordem. Após a crise da atualizam o caminho enfim fica pronto, recebe placas, um afastamento

duradouro, sentidos, outras opções de caminhos, atalhos entre outros. A desordem que a construção gerou logo será esquecida, a funcionalidade e a praticidade do novo caminho atualizado, convém a todos. Lembrando que a falta de manutenção ou a manutenção excessiva pode desgastar e até interromper a praticidade de caminho, sua atualização é constante e nem sempre atinge seu “melhor estado” de funcionamento e praticidade.

A função da sociedade já esta pronta antes mesmo do indivíduo estar nela, seguindo em linhas retas de cima para baixo suas estruturas e suas pré-disposições a certas estruturas duras, fazem dela um órgão de poder e de criação de poder para quem as constituiu, uma macropolítica que legitima micropolíticas e individualização em ideias conservadores, não deixando espaço de criação para algo diferente daquilo já pré-estabilizado. Antes de chegar nos delírios dos micro-poderes ilusionados, a sociedade precisa ditar os limites, a convenção social que criou por meio da língua, Para Saussure (2006) a língua é:

“Assim, a língua é: um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o uso da faculdade da linguagem entre os indivíduos. A faculdade da linguagem é um fato distinto da língua, mas que não pode se exercer sem ela. Por fala designamos o ato do indivíduo de realizar sua faculdade por meio da convenção social que é a língua. Na fala há uma ideia de realização do que é permitido pela convenção social.”

Desse modo, por meio de um sistema léxico, social e sincrônico, criador de palavras que ordena algo, esse sistema é estruturado por outra de mão, no sentido da fala, sendo ela individual, capaz de colocar a língua em ação, diacrônica e histórica. A língua serve a sociedade como poder de ordenação e estrutural, fechada em si com ampla abrangência em seu domínio territorial, a língua estrutura palavras em sujeitos que representam suas ações em falas legitimados suas ordens, o aprendizado desse ciclo acontece por meio da repetição e reprodução da fala, por seguinte com a maturação dos indivíduos, se orienta também de uma estrutura gramatical que a língua carrega em si, sem ela a língua não seria uma estrutura formal, seria somente uma replicação de palavras, se a língua que ordena aparece no âmbito social por meio da

reprodução, ela também reafirma micro-poderes intrínsecos, o sujeito que opera língua por meio da fala tem em si uma estrutura pré-definida, quando o racismo, homofobia, a xenofobia e o fascismo tomar corpo no indivíduo, seria por meio da reprodução de uma linguagem que esses micro-poderes ilusionados surgiram dentro do indivíduo? Por ser estrutural?

Em uma relação homoafetiva, dois indivíduos que não se identificaram com a grande estrutural normatizante que os cercava, se lançaram para fora das linhas que firmaram o padrão — hétero normatizante, esses dois indivíduos derivados de uma linha de fuga, e desterritorializado, parte em busca de uma aceitação e de um espaço de representatividade, esses indivíduos pertencem a uma minoria marginalizada e excluída, pelos órgãos sociais, como a igreja, a família, a tradição entre outros, lembrando que sua construção e seu movimentos de crescimentos, aconteceu por meio das linhas estruturantes que esses mesmos órgãos sociais estabelecem, ou seja, traços de linhas estruturante fazem parte de sua constituição individual. Em seu novo lugar, apesar de todo o peso contrário de seu gênero e/ou natureza sexual, um novo ambiente tende a se “*territorializar*”, e outras linhas passa a cercam seus espaços, dentro de seu espaço surgem os traços gerados por sua criação, como a representatividade binária, de homem e mulher, macho e fêmea, ativo e passivo, em seu meio homoafetivo, busca suas relações em casos de padronização com a grande massa, de modo a terem suas aceitações dentro da sociedade, em uma relação homoafetiva, dois indivíduo com o mesmo sexo, não representa o movimento social de binaridade, porem devido a traços tão forte e marcados que a sociedade faz questão em afirmar, em prol da binaridade dita como certa e reafirmada em outros órgãos sociais, como a igreja — a questão da procriação, o civil — a questão do casamento e na escola — a questão da manifestação de formação patriarcal e seletiva pela simples separação menino-menina, azul e rosa, criam um casal homoafetivo com afirmações “*normatizantes*”, a própria sociedade se atualizada e cria um certa ilusão de aceitação desses grupos, porem essa aceitação tende a seguir os mesmo traços de binaridade o indivíduo “*gaycis*”¹⁵, masculinizado, negando a

¹⁵ “*Cis* e *trans* são termos em latim que significam o que está próximo e o que está para além, termos ressignificados para utilização nas identidades de gênero. Cis gêneros são aqueles homossexuais que seguem as normatividades de masculino e feminino consoante o

aceitação e distanciando para além da margem ao *gaycis* afeminado, esses movimentos micropolíticos que reforçam a banalização e a exclusão de pequenos grupos minoritários.

3.3 SEMIÓTICO

A ideia de estrutura social caminha junto a diversos movimentos na afirmação de algo, em uma direção coletiva para o individual, e ao inverso, individual ao coletivo. Os recursos utilizados para desenvolver uma organização maior vem da instauração da palavra de ordem — aquela que ordena. Existe um erro nessas estruturações das linguísticas como estrutura, Deleuze e Guattari (1980) indicam quatro postulados principais com a função de questionar uma tradição linguística e apresentar uma dissolução de um equívoco social com a linguagem. O primeiro deles que a linguagem tem uma obrigação de informar e comunicar, contrário a isso o uso social da língua vai para outro lado no sentido de ordenar — transmissão da palavra de ordem. O segundo, uma questão, se havia uma máquina abstrata da língua que não, reconheceria qualquer fato extrínseco: indicam que a língua não pode ser pensada como um sistema fechado em si, ela tem movimentos próprios os quais habilitariam a como uma máquina abstrata e não classificatória de movimentos sociais. A próxima, se haveriam constantes ou universais da língua, onde seria capaz de permitir um lugar da língua como um sistema homogêneo: o que se tornou padronizado é o som, os fonemas, um olhar apurado para as científicas da linguagem e pragmático, onde aproxima a fatores de linguísticas ligado a questões sociológicas, culturais e psicológicas, o que resume apenas em uma universal e sem variantes. E por fim, Deleuze e Guattari indagam a ideia de que só se poderia estudar cientificamente a língua sob as condições de uma língua maior ou padrão: essa ideia de língua padra ela existe, uma forma de como deveríamos utilizar de uma linguagem e da fala, seu estado solido de nada comunica uma totalidade, além de uma estrutura de

seu sexo, transgêneros são os que transitam ou não se reconhecem nas normatividades do gênero determinado pelo seu sexo.” Calou (2019).

um língua maior, outros movimentos são criados e executados, que podem de certo modo informa e comunicar, o problema está na recepção e sua força contra uma minoria que não aceita a padronização como regra.

Uma doutrina de ordem epistêmica pautada em uma ciência dos significados, a semiótica é um modo de reflexão sistemática dos signos, opera por meio da classificação e pelas leis que regem seus usos, nos enunciados e no segmento, por onde busca uma produção dos significados e do sentido, esse fenômeno de produção traz consigo os agenciamentos coletivo de enunciação, as máquinas narrativas e os discursos, ambos sempre retomam algo (uma fala e suas ações) de alguém absorvido no próprio discurso, passando a ser territorialidade na própria fala. O movimento de “re-produção” distância do ponto zero de partida por estar presente em um movimento circulatório social, o discurso presente é o de “ideia” (ilusionada, distante do sentido real do que seria ser livre) de liberdade, ainda que preso em uma sociedade do controle, a liberdade e poder de fala, é onde habita uma estratégia e também uma contra estratégia a fim de multiplicar as narrativas.

Em uma certa democracia, entrelaçada por golpes e mentiras, um sentimento de mudança e de renovação paira sobre a nação, uma reforma política que nada tem de atualização, o discurso de uma nação maior e melhor é alimentada constantemente por uma classe imergente a média que não sabe de nada, além de suas viagens, seus carros e suas empresas. A classe média vai à rua e grita por uma liberdade e por um poder de compra maior, alegando pelo discurso absorvido, agora, ao seu, que o crescimento está pautando devido a uma ação aos movimentos sociais e aos grandes desvios de remessa pública, de um governo no poder. A indignação alimenta a mudança, o discurso é bom (visando um governo não corrupto), e essa nação esquece o passado e nem a pesquisa, os ditos como ladrões e corruptos são dispostos, essa nação é então dívida entre os que apoiam (estratégias) e os que não apoia (contra estratégias). As minorias não são representadas pelo atual governo, militam e mantém o seu discurso de mudança para algo melhor, essas máquinas narrativas gritam a toda parte a sua liberdade de discurso, em forma de ataque e contra-ataque, o governo no poder, não se tornou honesto e nem verdadeiro em seus discursos, dentro dos movimentos que aceitavam suas narrativas, já

não compactuam, uma divisão da divisão e suas narrativas. Essa disputa que as máquinas narrativas estabelecem buscam uma ressignificação, uma estruturação de diferentes pontos de vista de um mesmo desejo — o da mudança, porém, são pontos de vistas que se relacionam intimamente com o desejo, uma vez que os agenciamentos traz em si os polos do desejo e do enunciado, a narrativa não é desejante, tende a ser uma atualização de discursos e seus ruídos, onde Deleuze e Guattari (1980) destacam como um bombardeiro semiótico que cobra um posicionamento social, agora em busca de um lado. Cada grupo social discursa para seu bloco social, marcando uma linha excludente por meio de uma expressão no discurso narrativo.

A formalização de uma expressão, como significante, parte da ideia de interpretação das coisas como objeto de sentido completando por um signo, essa forma de expressão é por sua vez, descolada do conteúdo, um signo nada mais é que um estrato, dividido em expressão, essa que será a forma do signo sendo por meio da voz, da música, e do som, e por meio de seu conteúdo — o corpo aos quais as expressões estão ligadas. Sendo assim, a expressão nada mais é que um código interpretativo que leva a uma forma final. A sociedade capitalista cria sujeitos os quais são compostos por sequências de signos interpretados que dão origem ou estão ligados a outro signo, um indivíduo que nasce, cresce, vai à escola, aprende doutrinas, usa do bom senso, trabalha, tem sua remuneração, compra o que produz, relaciona-se, constituem família, tem filhos, passa seus valores recebidos, alimenta a produção e o consumo, e assim por diante. Um círculo vicioso: Sequência de signos — mutações e suas interpretações — produzindo um novo corpo — a que terá sua nova interpretação — transformado em signo.

Suas mutações, são também uma *desterritorialização*, porém traços da parte sempre estão presentes na formação de uma nova base em seu novo território, a mutação não é ela descolada do conteúdo, estabelece estruturas de linguagem entre a linearidade e as constantes, essa última, pertencente a língua, por mais que ambas são conectadas, em alguns casos, a língua é presente na linguagem, que por sua vez não está fechada apenas na própria língua, vai além. As máquinas narrativas que podem dividir a esquerda e a direita, criou por meio de senhas suas significações onde estrutura o real como

forma de imperialismos da linguagem, sendo o uso de certas palavras pode denunciar por meio de confirmações as senhas e assim descobrir a narrativa de um lado, por exemplo. Essa moral que a linguagem traz é uma pragmática na construção e no suporte da narrativa, uma forma de usar da semiótica como disciplina para alertar os indisciplinados. O movimento pragmático existe na função de saber como se faz e para que funciona a moral na análise social.

Não existe uma semiótica, existe uma mistura de semióticas, várias tendências e muitos sujeitos. A língua, em um regime de signo, cria senhas em seus discursos, sobre aquele que fala seu ponto dentro de sua personalidade diretamente, outro que se abstém da personalidade e põem em sua fala indiretamente a fala de outro, e o qual que livremente desprende seu fluxo de consciência indiretamente, e o fala, são agenciamentos coletivos de enunciação, na fala com suas senhas que expressam ao retomar algo de alguém em um discurso próprio, uma presença da reduplicação da fala do outro em mim. Se a palavra ordena, as máquinas interpretativas codificam as senhas que a fala cria em suas palavras, o processo é o mesmo, diferenciando, porém, existe um código que não deixa os indivíduos falarem devido as suas interpretações pré-estabelecidas por meio da metáfora e a metonímia, o real e a fantasia, a divisão acontece no momento em que se pode dar a liberdade imaginativa poética sobre um código, analisadas sobre esse recorde (uma possibilidade não real e criada), de que não existe espaço para aceitação da loucura no meio social. As máquinas interpretativas que separam, agem pela valoração de uma linguagem maior (branco-hétero-macho-cis) como modo de controle, disciplinado, contido e calmo. Nesse caso, a loucura seria possível como uma possibilidade de uma análise social como fortalecimento de um estado de ação negativo do invidio. A operação de uma língua maior semântica interpretada como a fala correta, atribuir suas regras e as consolidam como unanimes. Não existem grandes manuais de como falar no âmbito social, apenas, existe como interpretá-los. A devida constatação de uma língua menor (preto-trans-afeminado-periférico), utiliza na mesma análise sintaxe interpretativa, o que difere nesse caso é o contexto de um discurso como expressão, essa variante é possível perceber quando em um discurso em uma língua gramaticalmente estruturada, o indivíduo a utiliza de forma não-correta

gramaticalmente, um discurso que firma a norma, como, por exemplo, uma fala conservadora de ultradireita, preto-afeminado, que milita por medidas estruturantes do branco-macho.

O que condensa a estrutura a um regime significante, é uma ideia de interpretação que não tem relação direta com o significado. Um signo é por sua vez ligado a outros, em movimentos de territorialização e de desterritorialização, cujo marcam as condições extremas dos enunciados, que seria apresentado por meio de uma ligação do significante a outro significante onde se estabelece melhor o sentido. Esse sentido é para Deleuze (1969) uma suposição ao qual o sentido já está presente quando algo se é designado por meio da fala, existe uma circularidade que o signo percorre devido a sua repetição, que só é interpretado pelo uso língua maior, pois aos que não interpretando esse sentido de significante e significado, contentam ao valor da norma, lugar onde a própria norma marca o paranoico e suas elucubrações, uma interpretação excludente que referência a culpa — o transgressor (significante) e as medidas carcerárias (significante por um Estado que representa a lei), nessa relação existe um espaço para o sentido oculto, o significante maior, que opero por excesso e da força ou pela falta na intenção de não criar um paranoico, sendo que quem segue ou quem transgride a lei, continua dentro da lei. É possível pensar em um regime que não opere por essa lógica semiótica significante?

As sociedades primitivas, não se hierarquizavam, não existia uma figura central no poder, não existia, a religião, a economia, a política, a arte, o estado (como conhecemos hoje) as crianças eram criadas de modos coletivos, Deleuze e Guattari (1980) revelam uma segmentariedade das coisas misturadas, essa homogeneidade dos signos, que opera de modo natural sem a necessidade de uma organização. Os povos nômades, ao se ocuparem de forma quantitativa, através da força, traçando uma linha da morte através das máquinas de guerra, criaram um significado próprio para seu significado, muito próximo ao regime capitalista, que absorve tudo e todos, em um sentido numérico de valor. Além disso, ocupam espaços, criam espaços seus, micros e macro guerras, com um significado maior como marca de valor elevado. O valor aqui tem um significante que organiza o regime, uma interpretação desconexa, que firma a diferença, quando um valor tem um significado numeral, esse

número ocupa um espaço único que não pode estar em outro e nem no mesmo lugar ao mesmo tempo, sendo que para o estado moderno que utiliza da subjetividade como significante, o sentido faz presente pelo fato de todos estarem ligado pelo desejo, de ter, ser algo a priori, esse significado quantitativo do número, reconhece a individualização, só que deturpada transformado o indivíduo em escravo de si, o discurso e de unicidade em uma expressão de subjetividade em um sentido oculto de aprisionamento, quando o CAOS¹⁶ é apresentado e surge outra possibilidade, o regime significante atual abre espaço para o poder de escolha que aprisiona o indivíduo dentro de sua própria liberdade. Existe um espaço para o pensamento do fora desses regimes significantes?

3.4 CORPO SEM ORGÃO

O que resta quando não sobra mais nada? Quando perde o eu? Qual o propósito de pensar um corpo sem suas partes, um corpo que pode não funcionar?

O homem está doente porque é mal construído. / Temos que nos decidir a desnudá-lo para raspar esse animálculo que faz com que ele se coce mortalmente, / deus, / e com deus/ seus órgãos. / [...], mas não há nada mais inútil do que um órgão. / Quando terão feito para o homem um corpo sem órgão, terão então liberado o homem de todos os seus automatismos e o terão devolvido à sua verdadeira liberdade. (ARTAUD, 1948 p.85)

Os órgãos são responsáveis por diversas maneiras particulares em nosso corpo de se ter acesso ao mundo, nossos cinco sentidos, são fragmentos genéricos sensórias de sentir o externo. Nosso corpo e seus órgãos têm as condições de sentir uma experiência da natureza. E, porque viver sem eles, sem essas experimentações? Artaud ao travar um embace com os órgãos e juntamente contra os organismos, também apelou para um novo modo de

expressão, que não se resume em uma falência mortífera do corpo e sim de uma potência de vida. Estar sem órgão, é criar uma ruptura entre o sistema normatizante, sistemas pré-estabelecidos e semióticos que organiza os movimentos da sociedade e do sujeito. Ter um corpo sem órgão (CsO) é também, não estar representado por um sistema organizado.

No mundo artístico, especialmente no teatro, o termo CsO é interpretado como uma continuação do termo sobre a crueldade, como forma de estética em uma proposta artística, o que não deixa de ser um olhar clínico ao autor, maldito, esquizofrênico, louco e no seu limite.¹⁷ Essa técnica desconstruiu o organismo e transforma-o numa intensidade imanente, criando formas de um corpo social, atualizado e livre de padrões estruturais e organizacionais. A sua recepção em Deleuze é entendida como um processo para além da falta e do corpo, sendo, portanto, uma prática. Se Deus “fez” um corpo organizado, uma questão de ética ao modo de ser, o CsO inaugura a não instrumentação dos órgãos unificados em um corpo, aceitando a saída de propósitos, que não sejam apenas de significâncias e de subjetividades, como também é um fenômeno de acumulações do externo para o interno. “E foi então que explodi tudo porque no meu corpo não se toca nunca.” (1948, p.81)

A ideia de algo despedaçado está ligada à forma de organização que remete a uma unidade de falta e ao seu juízo. Os sistemas, organismos e os movimentos pré-estabelecidos, por O que resta quando não sobra mais nada? Quando perde o eu? Qual o propósito de pensar um corpo sem suas partes, um corpo que pode não funcionar?

O homem está doente porque é mal construído. / Temos que nos decidir a desnudá-lo para raspar esse animálculo que faz com que ele se coce mortalmente, / deus, / e com deus/ seus órgãos. / [...], mas não há nada mais inútil do que um órgão. / Quando terão feito para o homem um corpo sem órgão, terão então liberado o homem de todos os seus automatismos e o terão devolvido à sua verdadeira liberdade. (ARTAUD, 1948 p.85)

¹⁷ O Teatro da Crueldade é o nome dado à teoria proposta pelo ator, diretor, poeta e teórico francês **Antonin Artaud** (1896–1948), surgida na década de 20, como uma maneira de fazer uma crítica à cultura do espetáculo e à própria forma que a sociedade ocidental enxergava o mundo.

Os órgãos são responsáveis por diversas maneiras particulares em nosso corpo de se ter acesso ao mundo, nossos cinco sentidos, são fragmentos genéricos sensórias de sentir o externo. Nosso corpo e seus órgãos têm as condições de sentir uma experiência da natureza. E, porque viver sem eles, sem essas experimentações? Artaud ao travar um embace com os órgãos e juntamente contra os organismos, também apelou para um novo modo de expressão, que não se resume em uma falência mortífera do corpo e sim de uma potência de vida. Estar sem órgão, é criar uma ruptura entre o sistema normatizante, sistemas pré-estabelecidos e semióticos que organiza os movimentos da sociedade e do sujeito. Ter um corpo sem órgão (CsO) é também, não estar representado por um sistema organizado.

No mundo artístico, especialmente no teatro, o termo CsO é interpretado como uma continuação do termo sobre a crueldade, como forma de estética em uma proposta artística, o que não deixa de ser um olhar clínico ao autor, maldito, esquizofrênico, louco e no seu limite.¹⁸ Essa técnica desconstruiu o organismo e transforma-o numa intensidade imanente, criando formas de um corpo social, atualizado e livre de padrões estruturais e organizacionais. A sua recepção em Deleuze é entendida como um processo para além da falta e do corpo, sendo, portanto, uma prática. Se Deus “fez” um corpo organizado, uma questão de ética ao modo de ser, o CsO inaugura a não instrumentação dos órgãos unificados em um corpo, aceitando a saída de propósitos, que não sejam apenas de significâncias e de subjetividades, como também é um fenômeno de acumulações do externo para o interno. “E foi então que explodi tudo porque no meu corpo não se toca nunca.” (1948, p.81)

A ideia de algo despedaçado está ligada à forma de organização que remete a uma unidade de falta e ao seu juízo. Os sistemas, organismos e os movimentos pré-estabelecidos, por serem estratos, impedem a estratificação de um corpo. Espinosa (1677) questiona o que um corpo pode ser, por ter

¹⁸ O Teatro da Crueldade é o nome dado à teoria proposta pelo ator, diretor, poeta e teórico francês **Antonin Artaud** (1896–1948), surgida na década de 20, como uma maneira de fazer uma crítica à cultura do espetáculo e à própria forma que a sociedade ocidental enxergava o mundo.

infinitas e múltiplas capacidades e o que se pode descobrir através dele, uma ética do corpo para além de sua forma ou função, e principalmente por seus movimentos e seus afetos, uma etologia, que abala a moral do juízo. Sua grande questão, o que afeta um corpo? De que modo? Quando o juízo por meio de uma moral, de uma regra, limita as possibilidades de um corpo, esse corpo tem sua liberdade afetada por meio da reclusão, é, também, uma representação de um organismo que serve a moldes sociais já pré-estabelecidos. Um CsO é contrário a esse teatro, é uma fuga da ideia de representação em prol de uma experimentação desligada de um pré-dado.

O CsO por ser uma prática de experimentação a ponto da criação, utiliza do corpo para criar algo sem as limitações de uma forma ou de uma função, características de um organismo, o qual não reconhece a existência ao nível das intensidades do corpo. Munhoz (2020) indica a perspectiva do corpo, nesse contexto, é:

“Totalmente distinta daquelas que partem dele como unidade ou individualidade de alguma coisa (um organismo ou CsO). Não há imagem anterior ou projeto dele, nem uma totalidade, somente há um lugar e um tempo próprio em que as máquinas desejantes o produzem por convergência de seus fluxos produtivos. Sendo somente uma convergência, o CsO define algo que, em si, é improdutivo. No entanto, a condição da subsistência desse improdutivo é que as máquinas desejantes sigam em produção, e aí está seu paradoxo, a sua tensão intrínseca.” (2020, p.56)

O desejo é operado dentro de um sistema. Um único corpo produz e segue suas ações de acordo com um padrão. No entanto, esse mesmo desejo alimenta o anti-registro de um CsO, pois só se descobre quando os seus desejos são contrariados a um determinado padrão estipulado. A improdução ocorre na superfície de registro dos fluxos, que, por sua vez, também “adéquam às singularidades e é em torno delas que ele reúne os seres, formando o CsO.” (2020, p.56) Existe uma ligação direta entre as experimentações desse corpo e o lê, e, nesse campo de experimentações permanente possível com seus conjuntos de práticas até o infinito — lugar até onde uma potência pode alcançar, não tem o reconhecimento como verdade, uma vez que a sociedade a todo momento priva certas experimentações, o seu controle deve ser absoluto

em todos seus regimentos. A negatividade, ao ler o CsO, o classifica como um não-desejo. Deleuze e Guattari (1980), contrariando a psicanálise, apresentam o oposto, a qual é a liberação de um CsO, que é também um desejo. A substituição que a psicanálise realiza para afirmar suas interpretações, translada a anamnese pelo esquecimento, a experimentação pela interpretação, e recorre à dicotomia para também encaixar esse corpo somente, dentro do âmbito social, pelas afirmações entre, morte e vida, tristeza e alegria..., ou seja, não cria um espaço. Esse espaço de dualidades surge dentro dele, um espaço também absoluto que não aceita a binaridade das ações, um corpo que não se contenta com isso ou aquilo, é um corpo que grita. Esse grito pela liberdade é interpretado pela psicanálise como um sinal de uma doença, e o que ela não retira é justamente o fantasma, o conjunto de significâncias e subjetivações. Ela “faz o contrário: traduz tudo em fantasma, vende tudo em fantasma, preserva o fantasma e perde o CsO.” (1980, p. 188)

Certas ações sociais implicam, senão em eliminar o CsO, em organizá-lo a porto de aprisionar, para Deleuze e Guattari, essa ação acontece em três momentos. A primeira é a Lei Negativa, que bloqueia de imediato qualquer diferença, no caso do corpo não-binário. Apesar de a sociedade parecer aceitar as diversidades sexuais e de gênero, certas naturezas não são aceites e nem compreendidas. Essas ações fazem voltar ao binarismo, do “isto ou aquilo”, que deixa o espaço para outras opções. Todas essas ações sociais são pautadas no sentido de castração como falta, as relações homoafetiva, fluidas e não-binárias, que, não buscam o que se falta aos moldes da heteronormatividade. O Segundo ponto é o *prazer como Descarga*, extrínseco ao corpo, são estímulos externos em uma função ligada ao prazer, como, por exemplo, a masturbação; a partir de consumo de pornografia ou a vontade de comer, a partir de imagens sensórias olfativas, visuais ou paliativas em certos alimentos. Bateson (1936) sustenta que esses estímulos externos que alimentam o prazer são provocados pelo aumento de intensidades. O masoquista não busca o prazer na masturbação, que tem como objetivo final o alívio em forma de fluidos. O objetivo dele não é gozar, mas sim transformar a dor em seu prazer, tão representativo quanto a função da masturbação. O desejo que respalde o CsO

acontece quando não acontece o objetivo.¹⁹ A cultura balinesa pratica o estímulo em regiões erógenas desde o nascimento da criança, o sentido não é sexual, e sem vital ao funcionamento de todo o corpo até a fase adulta, em culturas ocidentais esse estímulo tem outro sentido e por fim não permitido. O terceiro e último modo, é, o *Ideal Transcendente* — “Uma renúncia do prazer externo, ou sua postergação, seu distanciamento ao infinito, dá testemunho, ao contrário, de um estado conquistado no qual ao desejo nada mais falta, ele preenche” (DELEUZE; GUATTARI. 1980, p. 20), existe o prazer em qualquer pessoa e em qualquer lugar, mas a sociedade considera esse prazer como um ideal a ser funcional e permitido. É um estado neurótico das coisas, como o uso de substâncias entorpecentes, alguns como o café, o açúcar, os analgésicos, o álcool e o tabaco são aceitos socialmente, outros sintéticos ou naturais, não têm o mesmo efeito, e quem o usa acaba sendo marginalizado. Ao buscar o prazer que certas substâncias podem trazer, esse corpo, que recorre ao isolamento, ou a lugares onde o uso, não passa por julgamentos. Amortecer o corpo para alcançar um estado que sozinho (sem estímulos) o corpo não alcança, liberar esse desejo, é alimentar o CsO, aumentar as percepções do corpo de do mundo, pois o CsO, não de se desfaz dessa sensação de gozo impossível, ele o faz real.

Cada corpo tem um tipo de desejo, e como permanecer no estrato e como sair dele? O CsO, entrepassa para além dos estratos, não dobrando a forma ou a um organismo, é uma existência ao nível das significações, com tudo um CsO pode falhar, um corpo canceroso dentro do sistema que afetado pela doença explode, como o caso do fascismo, ele também foi desejado, articulado em forma primeira de processo e depois solidificado, por conversões o CsO pode ser aceito quando uma pequena massa o faz uso, para esse grupo é potente e verdade, por ser também uma verdade do real, se cada corpo tem o seu desejo, e se esse corpo pode ser canceroso, a medicina não impede a formação da metástase, apenas sugere o pensamento de alternativas para

¹⁹ Foi um antropólogo, cientista social, linguista e semiólogo inglês, cujo trabalho abarcou diversos campos do saber. Suas primeiras experiências antropológicas de trabalho de campo foram com os nativos da Nova Guiné e da Ilha de Bali. A partir da Nova Guiné, escreveu o livro *Naven: a Survey of the Problems Suggested by a Composite Picture of the Culture of a New Guinea Tribe Drawn from Three Points of View* (1936). A partir de Bali (de março de 1936 até 1939).

tratamentos isolados, o CsO que não foi acometido pela doença do imparcial, visa acabar com as formas de dominação a todo tempo, essa busca tende a beira a destruição, e voltamos, no isso ou aquilo, pois sem essas ações contrários o espaço fica aberto para o fascismo e para esse ponto que exista é preciso identificar o perigo — achar que o erro são os outros. Problema esse que retomaremos quando tratarmos da prudência.

*"Não sei quem sou, que alma tenho.
 Quando falo com sinceridade não sei com que sinceridade falo.
 Sou variamente outro do que um eu que não sei se existe
 (se é esses outros)...
 Sinto crenças que não tenho.
 Enlevam-me ânsias que repudio.
 A minha perpétua atenção sobre mim perpetuamente me ponta
 traições de alma a um carácter que talvez eu não tenha,
 nem ela julga que eu tenho.
 Sinto-me múltiplo.
 Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos
 que torcem para reflexões falsas
 uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas".[...]*

Fernando Pessoa

4. ESQUIZOANÁLISE E LIBERAÇÃO

4.1 AFETOS E SENTIMENTOS

Os afetos são trados como coisas que não representam a natureza humana, ou que são coisas que não condiz com o natural, na mão do homem, Espinosa nos diz, "que o homem mais perturba do que seguem leis naturais"(p.233), o ser superior, que inventou seu próprio divino, se arruinou em suas próprias leis, preso na sujeição e no "castramento", bonecos da obediência e ignorantes, perdidos na busca da razão a qual nem ao certo se sabe, entretanto, são humanos e estão vivos. Quando o humano se tornou um ser racional, abandonou o primitivo, manipula a natureza e desconhece sua verdadeira origem, e hoje se auto-classifica como um ser racional, dono da verdade e das ações, escritor de seu próprio destino, talvez essa ideia de racionalidade esteja equivocada, o ser humano também é um ser afetivo, o qual aprendeu a perfeita programação, para deixar em segundo plano seus sentimentos. Por meio de mediações que banalizam os sentimentos a um estado de fragilidade e fraqueza, condicionamos os afetos a uma racionalidade maior que não os deixam florescer nem ao menos perceber sua presença. Valorizamos em excesso a racionalidade e com isso esquece-se de aferir a dimensão das emoções, todo ser humano vive, e constantemente afetado pelo

fora, algo disso fica marcado no interno do sujeito, como suas vivências, a pressão do sistema, a velocidade e a produção constante de bens, fazem com que a vivência interna subjetiva seja deixada de lado, o tempo-calmo tem uma contribuição precisa na relação do afeto nos corpos, porém o sistema opera com o tempo-rápido e da forma mais racionalizada possível. Afetar e ser afetado, precisa do tempo para relacionar os acontecimentos no corpo, na pele, na alma, e é isso o que nos torna humanos.

O afeto que passamos a enunciar, difere da linguagem comum e usual que trata o afeto a partir de noções de carinho, ou algo positivo somente, iremos à origem verbal da palavra — afetar, sobre aquilo que afeta, aquilo que mexe com o sujeito, aquilo que move, e a partir dessa leitura, as causas de suas ações, sejam elas, positivas ou negativas, são válidas e todas têm um espaço. Qualquer coisa que afeta, qualquer corpo, seja um som, a chuva, um gosto, a percepção física necessita dos sentidos do corpo, porém, existe uma relação no virtual, o qual também afeta, a subjetividade, a que necessita de espaço onde somente o sujeito pode processar sua relação com os corpos afetado e dizer o que aconteceu ou qual será a ação resposta. Tempo e espaço são categóricos na identificação de afeto, pois, sem eles a reflexão não existe e sem a reflexão o afeto é deixando em segundo plano, entendemos que os afetos estão no tempo do pensamento e no espaço individual, entretanto, o sujeito vive em sociedade ordinária de uma relação coletiva, antes de depurar os “afetamentos” no coletivo, (o qual será necessário recorrer a esquizoanálise), precisamos viabilizar a reflexão, o pensamento e o respeito a si, e romper com fantasmas da racionalidade, a fim de entender a dimensão dos afetos e dos sentimentos.

A todo momento os corpos estão sendo afetados, no sistema capitalista, o que nos afeta está ligado ao consumo, a produção e acumulação de bens. As pessoas, o sistema, o estado e a política mediam os sentimentos e os atualizam em prol da produção — órgão vital do capital. Como forma de recompensa, o sujeito que trabalha o mês inteiro e no fim do mês, mesmo sabemos que seu capital não é o necessário para suprir suas necessidades, consome a culpa transformada em recompensa, “— eu trabalhei, mereço, só se vive uma vez...”. São formas que a máquina capitalista media o consumo na satisfação do

próprio consumo, o tempo acelerado, não deixa a possibilidade de o sujeito refletir sobre essas ações, se os afeta positivamente ou negativamente. Deleuze e Guattari segmentam que a produção social de grupo e a produção de bens impõem o desejo na figura dos próprios bens, um ciclo fechado da racionalidade e da produção.

A Produção desejante dos afetos, impõem uma regra que é somente lida como pulsões, em uma abordagem somente negativa das relações, uma espécie de seguimento ao pensamento freudiano sobre os afetos, Deleuze e Guattari ao criticar a psicanálise revelam que para Freud, a única importância das relações dos afetos são as negativas, a qual deixa de lado a intimidade das pulsões, os afetos e as relações que unem a forma normal e positiva, o mesmo movimento acontece no Estado e na política que solidificam pela razão o negativo, pois, assim torna-se mais fácil prender o sujeito no sistema. O negativo e o positivo das relações têm um mesmo grau de importância e precisam ser refletidos juntamente, “pois, eles fazem parte e estão presentes em todas as maneiras” (Deleuze; Guattari, 1972, p.90), reconhecer os dois polos das relações afetadas, é reconhecer o princípio da diferença, dos desejos, dos delírios, das alucinações, tudo se mistura, tudo acontece, são devires e migrações intensas. Há uma semelhança muito tênue entre os pensamentos da psicanálise freudiana com as ações do Estado em manter vivo não somente o sistema como a máquina de guerra, ambas, precarizam a razão na fundamentação dos afetos em somente infelicidades, Espinosa (2015), diz que a felicidade não existe, ou seja, desse modo o seu oposto — infelicidade, também não existe, o que existe são as transições dos encontros que representam os encontros bons (composições) e os encontros ruins (decomposições), a infelicidade e o angustamento do sujeito é uma forma de controle, de cárcere à força e na violência que a máquina de morte se movimenta para não criar espaço do sujeito reconhecer as causas verdadeiras da natureza ao seu modo, por isso o homem é ignorante — aquele que sofre, pautado na razão e na consciência, que marca todos os signos externos no campo da obediência e não no campo do conhecimento, todas as relações sejam elas positivas ou negativas tem uma ligação com as relações do corpo afeto, por mais que a razão a serviço das máquinas, que geram

o “castramento” e o banimento dos afetos em seu estado positivo. O sujeito, dentro do campo relacional, precisa receber esses dois estímulos, a partir de suas vivências, das suas relações e de seus encontros, passa por um filtro, o qual pelo conhecimento e pelo pensamento terá autonomia para distinguir seus afetos, a composição em Espinosa, vem nos bons encontros, o lado positivo dos afetos, por exemplo, o sujeito ao escutar uma música a qual lhe adoça aos ouvidos, trazendo boas lembranças, paz, lhe faz bem, nesse momento a potência de agir aumenta em estado de alegria. Quando o encontro é bom o sujeito procura novos encontros parecidos, pois, agora sabe o que será bom, que será afetado positivamente pelo encontro, teve contato pensante e descobriu o conhecimento favorável para si, e desse modo tende também distanciar dos maus encontros (decomposição), como, por exemplo, ao provar uma comida diferente a qual não agradou seu paladar, o encontro foi negativo, teve o conhecimento do que lhe apetece e a partir desse encontro não visa ingerir o mesmo alimento, ao saber que não será bom, aqui temos a decomposição, uma diminuição da potência de agir.

Os afetos são a potência do sujeito em ser e de agir, existem estratégias políticas a serviço da máquina e do sistema para bloquear a percepção imanente dos afetos, existe uma utilidade do homem em permanecer na ignorância, aceitando as verdades impostas, porém é preciso conhecer a natureza para conseguir dominá-la ou viver em equilíbrio junto a ela. É possível romper com o que já existe? É possível viver assim? Para Deleuze e Guattari, os primeiros livres são os esquizofrênicos, os que vivem sem regras, ou rompem com as que existem, são artistas que criam o novo, rompem com os valores, com a tradição, são loucos, os que deliriam. o delírio retratado em *O Anti-Édipo*, vem de um investimento do campo social, econômico, político, cultural, racial e racista, pedagógico e religioso: o delirante desarmoniza o sistema, para criar o seu próprio, eles deliram a história, ao viverem sobre o corpo sem órgão, os esquizofrênicos e os paranoicos, tendem a ter a facilidade de perceber as relações dos corpos que os afetam, não mais individualizados, como propõem Freud, a partir da sua leitura sobre o inconsciente privado, e sobre o conjunto do socius, ao que Lacan e Jung chamou de inconsciente coletivo, todo o conjunto de relações não escapam a eles (os esquizofrênicos),

no sistema, não aparam dentro do *socius*, mas pertencem a eles sobre o corpo sem órgão.

“o investimento é coletivo, é o de um campo coletivo; e mesmo uma só partícula tem uma onda associada como fluxo que define o espaço coexistente de suas presenças. Todo investimento é coletivo, todo fantasma é de grupo e, neste sentido, posição de realidade. Mas os dois tipos de investimento distinguem-se radicalmente, conforme um incida sobre as estruturas molares que subordinam as moléculas a si, enquanto, que o outro, ao contrário, incide sobre as multiplicidades moleculares que subordinam a si os fenômenos estruturais de multidão.” (1972, p.370)

Com Deleuze e Guattari, podemos perceber que molar e molecular operam juntos, apesar de entre eles haver uma diferença de presença e de ações, os dois estão presentes juntos, a obsessão da sociedade pela poder, cria suas políticas castradoras de desejos, de liberações, prendedora e renunciadora da sensibilidade, e ainda assim não detém o controle em sua totalidade, pois dentro dela sobre o corpo sem órgão o esquizofrênico e o paranoico deliria, sente, busca sua liberdade, na dobradiça entre o molar o molecular. A sociedade é refém da reprodução, o corpo do sujeito na mesma proporção também é, se no fluxo da reprodução do real mediante aos mecanismos de controle existe algo que escapa e delira, algo que sobre o corpo sem órgão grita? Podemos dizer que no corpo individualizado de cada sujeito castrado pelo sistema existe um órgão, uma partícula esquizofrênica adormecida, talvez localizada, no estômago, coração, cérebro ou na pele, um lugar que guarde a sensibilidade, um corpo nu, livre de automotivos, e funções de aprisionamento mediante as regras e as normas. É possível pensar que exista algo que escapa desse sujeito individualizado?

Artaud, no espaço da sensibilidade, nos diz que nesse local acontece o entre os dois mundos, do corpo e do espírito, porém é um lugar que opera a falsa sugestão por condicionantes externos — a razão, falso porque remete a ilusão de um sistema que sempre tem algo a escapar, porém o tempo-rápido a serviço da racionalidade impede que a verdade seja revelada, é um jogo de interesses, os desejos e as relações sempre são deixadas de lado, a não ser quando convém ao sistema e as máquinas.

Esquizofrênico e por isso distante do tempo-rápido, Artaud foi atravessado por forças externas, seu corpo foi violentamente afetado pela razão condicionante-regulada-autoritária-única, seu corpo caiu.

“A paralisia me possui e me impede cada vez mais de voltar-me sobre mim mesmo. Não tenho mais ponto de apoio, não tenho mais base... me busco não sei onde. Meu pensamento não pode mais ir aonde minha emoção e as imagens que se erguem em mim o carregam. Sinto-me castrado até em meus mínimos impulsos. Acabo por ver o dia através de mim mesmo, de tantas renúncias em todos os sentidos de minha inteligência e de minha sensibilidade. É preciso que entendam que é de fato o homem vivo que é atingido em mim e que essa paralisia que me sufoca está no centro da minha personalidade usual e não dos meus sentidos de homem predestinado. Estou definitivamente à margem da vida. Meu suplício é tão sutil, tão refinado quanto ele é áspero. Preciso de esforços insensatos de imaginação, multiplicados pela pressão dessa sufocante asfixia para conseguir pensar o meu mal. E se me obstino assim nessa busca, nessa necessidade de fixar de uma vez por todas o estado de meu sufoco...” (1948, p.10)

Não viver a sensibilidade é um sufocamento, efeito morte, Artaud vivenciou a decomposição, a diminuição da potência em seu corpo, em Deleuze e Guattari (1972), os afetos, as emoções intensivas são ao mesmo tempo, comum e princípio de diferenciação dos delírios e aluminações, tudo se mistura, as possibilidades que escapam são as quais dão energia motora as máquinas desejanter. A libido que assim como os afetos são diminuídos e renunciados pelos sistemas e recalcados, para ter acesso às relações afetadas é preciso também o caráter sexual dos movimentos que afetam os grupos e os membros, “E tudo nos diz que muitas vezes nós também conservamos a plena sexualidade do afeto; sabemos perfeitamente de que se trata sem termos sido psicanalisados.” (1972, p.229), a sexualidade anda livremente por toda parte do socius, na forma que burocrata acaricia os seus dossiês, no homem de negócios e sua relação com o dinheiro, e na burguesia quando enraba o proletariado, porém essa sexualidade amarga, não corresponde ao fluxo libidinal livre, pois o sistema recorre à libido para também controlar pelo medo, como, por exemplo, o medo da fome ou de não ter o prazer, a energia sexual temperada por libido no apoio das grandes massas que sustentam seus fetiches capitalistas, essa relação não pertence ao campo da sensibilidade disposta por

Artaud, que assim como Spinoza, também encontrava-se preocupado com a liberdade, a libido como afecção do corpo, causando modificações pelo encontro de outros corpos, e a mesma que tende a marcar, e quando marcado são imagens que permanecem dessa relação por “afetamentos”, pode só se pode associar quando afetado, não cabe a imaginação ou uma racionalidade institucional da norma, o abandono dessas marcas só acontece descobrimos a essência singular que pulsa no corpo. Podemos chamar essa essência de sentimentos?

O sentimento é uma informação capaz de expressar o que sentimos, ele não é único, é plural, a existência de diversas sensações que se articular entre si podendo manifestar diferentes formas no sujeito, se o afeto é a relação de afetar os corpos os sentimentos tem algo na experiência processado pelo sistema límbico²⁰, comum a todos em um processo inicial particular e depois sua expansão (que conferiremos a frente), estar atento aos sentimentos é um grande poder de autoconhecimento, a identificação e fundamental para nesse momento de ser afetado conseguir expressar a pureza do sentimento vivido, existe uma relação com a verdade transpassada pelo corpo no ato sensível, Freud refere-se a ambivalência dos sentimentos, quando o conjunto de sentimentos presentificam ao mesmo tempo, como, por exemplo, em Édipo, que sente tristeza e alívio ao mesmo, tristeza pela perda, alívio pela recompensa, para Deleuze e Guattari (1980), importa em uma ambivalência dos sentimentos, qual a decisão do sujeito a partir de suas relação, pois a relações afetivas iram determinar e diferenciar os nômades dos sedentários, afetos e sentimentos são itinerantes e atravessam os corpos de ambos os grupos. Os afetos no corpo da lei do Estado respondem a uma aceleração que não deixa espaço para reflexão, assim os afetos são desmunidos — não existe tempo para essas relações, se chorou ou riu, se aprume e volte ao trabalho.

“Do mesmo modo, os sentimentos são arrancados à inferioridade de um “sujeito” para serem violentamente projetados num meio de pura exterioridade que lhes comunica uma velocidade inverossímil, uma força de catapulta: amor ou ódio já não são em

²⁰ O sistema límbico, também conhecido como cérebro emocional, é um conjunto de estruturas localizado no cérebro de mamíferos, abaixo do córtex e responsável por todas as respostas emocionais.

absoluto sentimentos, mas afetos. E esses afetos são outros tantos devir-mulher, devir-animal do guerreiro (o urso, as cadelas).” (1980, p.18)

Deleuze e Guattari, na sustentação que os afetos, na leitura da máquina capitalista e da máquina de guerra, como projéteis, de rápida ação, são armas usadas a favor e também contra ao próprio sistema, em seu membros, se o sentimento absoluto não existe nessa leitura, a libido será a responsável por essa transe de sensações e emoções no presente do sistema, não como arma e sim como descoberta de uma essência abstrata. Então, podemos pensar a essência como um devir-libidinal? Esse combustível que move o desejo, potencializa a máquina do sexo, não ao sexo que busca uma racionalidade, como o sexo do juiz com a justiça, e sim o sexo animal que contamina, e rende frutos, o sexo do rato de prolífera a “praga²¹” em ninhadas recorrentes em pouco tempo de gestação, a libido na sexualidade, é nômade, libera o desejo e com ele o prazer, o prazer o drogado anestesiado, o masoquista e seu prazer na dor, o *voyeur* com sua masturbação, a libido libera o inconsciente na atualização do consciente, são sensações e emoções puras que afetam os corpos, por intensidades externas, o drogado precisa da droga, o masoquista do chicote, o *voyeur* de ver a transa aleia, todo esse prazer liberado pela libido, ocasiona o gozo, esse que tende a nunca ser o mesmo, existem múltiplas formas do gozo, com diferentes sensações e reconhecimentos das relações, o gozo da libido não conversa com o gozo do juiz, a diferença, na razão, na dor, na anestesia, no corpo e não deve ser reduzida a uma simples interpretação condicionada a banalidade, como indica Artaud é cruel, ataca os valores e o sagrado.

²¹ Os ratos em alguns contextos são considerados pragas, quando danificam e destroem plantações e silos de armazenamento de grãos, onde também causam danos estruturais danificando fiações, estruturas, além de ser um vetor para diversas doenças, na maioria das vezes transmitidas pelas suas fezes ou através de seus parasitas que com seus hospedeiros como a *Yersinia pestis*, causam doenças como a peste bubônica. Além disso, doenças como salmonelose, tifo murinho, escabiose e leptospirose também podem ser transmitidas pelas fezes dos ratos.

4.2 A LEITURA NÃO-RACIONAL

O entendimento sobre o que é um corpo, desdobra na filosofia antiga e moderna, como algo que realiza ações errantes, pecaminosas e irracionais, o corpo deve ser controlado pela razão e nesse caso a razão divina a qual interpassa as escrituras sagradas como norma e moral, a voz transcendente na terra. Porém, na Idade Moderna, a figura imagética de Deus passa e ser questionada, a ponto de ser enterrada, e em seu velório o homem foi endeusado, saindo da posição de joelhos e ficando em pé. O homem por meio das forças da ciência desvendou o mundo em sua menor partícula, chegando a sua totalidade, um abandona as formas místicas e religiosos de apresentar as respostas do mundo, uma vez que o cristianismo apresenta códigos já prontos e inquestionáveis sobre as verdades da vida. Esse homem, com a matemática, não deixa espaço para interpretações, ele o homem descola da produção passiva de conhecimento, para se apresenta ao exato matemático e destrincha um símbolo sagrado — o corpo — a casa de Deus. Se deus foi enterrado e o homem passou a ser o capaz de desvendar os mistérios da vida, Spinoza, no calor das fragmentações das coisas, questiona o que pode um corpo? Onde, para responder, o que pode, precisou se opor a filosofia dualista proposta por Descarte, e uniu o corpo e a mente, sendo causa e sustância ao mesmo tempo.

Um corpo separado da mente não entende a natureza da vida, preso a uma leitura do mundo equivocada, sem separar as causas e seus efeitos dos movimentos da vida refém da razão. Pensando sobre a liberdade, contra os movimentos da máquina de guerra, contra a tolice, os medos e os fantasmas, e contra também a servidão humana, Deleuze e Guattari (1980) ao descrever qual seria o aspecto material e maquínico de um agenciamento:

“não nos parece remeter a uma produção de bens, mas a um estado preciso de mistura de corpos em uma sociedade, compreendendo todas as atrações e repulsões, as simpatias e as antipatias, as alterações, as alianças, as penetrações e expansões que

afetam os corpos de todos os tipos, uns em relação aos outros.” (1980, p.33)

Se de certo modo, se pensarmos a razão a partir desse conceito, ela se torna um agenciamento que potencializa ações do Estado, não somente para legitimar suas atividades como também utilizada na prática da política subordinada a máquina de guerra. Vladimir Safatle (2016) aproxima-se desse pensamento quando descreve que a forma social política, alimentam um certo ritmo de nossos desejos, onde circulam em nossas formas de sofrer, em nossas fantasias e em nossas sensibilidades reprimidas, pois para Safatle entende que a política como utilizadora da razão para controlar e individualizar o corpo do sujeito, mesmo no âmbito da sociedade, a qual tem como fundamento o composto pelo conjunto na atuação coletiva de funções relacionais, ou seja, por meio da razão, ela sintetiza as relações e classifica as formas de afetar e de sermos afetados. A razão do Estado, determina causando nossas ações e cria seus próprios julgamentos, manipula como somos afetados, o que vemos e o que percebemos como também o que não vemos e não percebemos. Então, segundo Safatle, nas ações de políticas do Estado reverberando no sistema social encontramos a racionalidade, a qual é um efeito da consciência, mas que afeta a consciência de fora — maneira pela qual leva a reflexão, pensamento e ideia. Todo esse efeito da razão, marginaliza as relações individuais do corpo num sujeito, a partir da violência da razão, as relações e os afetos são classificados numa irracionalidade que de certo modo pertence ao um dogma metafísico. Por essa forma de interpretação do Estado e de suas políticas, passamos a tratar a presença de uma *não-razão*, para atender a uma teoria da multiplicidade com espaços de importâncias para as relações e os afetamentos que sofremos, e diferenciar o conceito de uma redução negativa nas relações e nos afetos que faz o corpo sofrer.

A leitura *não-racional*, foge dos mediadores formais ou legais, os quais Luiz Fuganti, indica ser os legitimadores de “nossos modos coletivos de entrar nas relações” (2021,p.14), ligado ao pensamento deleuze-guattariano sobre a multiplicidade, sendo singular e afirmativo do plural na consistência produzindo realidades autônomas singulares, a leitura dar-se-á na abertura de zonas onde

as sensibilidades afetadas no corpo, não se resumem em somente questões de irracionalidades mais sim de potências, sensibilidades que muitas vezes conhecemos, mas ao grifo da razão somos condenados a esquecer ou até mesmo dar outros nomes e marginalizas em nossos corpos, reconhecendo a autonomia e a liberdade no processo de produção e na máquina desejante. Quando pensamos a razão imposta pelo Estado-político a autônima está diretamente liada a servidão e não a pura liberdade, com uma leitura *não-racional* do mesmo conceito, Safatle (2016) endente a autonomia como uma capacidade que o sujeito tem de relacionar dentro de sua própria lei, uma casualidade da vontade pura, e a causa do que nos afetas sempre vem de fora, um fluxo de realidade que sempre flui constantemente em:

O real flui. Os dois aspectos do processo se juntam: o processo metafísico que nos põe em contato com o “demoníaco” na natureza ou no seio da terra, e o processo histórico da produção social que restitui às máquinas desejantes uma autonomia em relação à máquina social desterritorializada. (DELEUZE; GUATTARI, 1972, p. 54)

A política cria certas cadeias de descodificação e de desterritorialização, a fim de Legitimar o Estado, e estabelecer uma ordem e a norma com uma heteronímia maior que controla por meio da servidão e da sujeição seus indivíduos na sociedade, pelo medo, nesse momento temos a primeira utilização política de um afeto, o medo que será o controle a serviço da servidão. Uma aplicação simples dessa utilização no sistema capitalista está presente no CsO do capital na figura do próprio capital — o dinheiro, ele alimenta a máquina desejante e o sistema na totalidade, porem aquando o fluxo do capital e rompido, pela perca, falta, ausência ou quantidade inferior, aparece um movimento paranoico na relação da presença de um mau, ou seja, o fantasma da falta do dinheiro, sem o capital o sujeito não alimenta o sistema capitalista, que exige de sua estabilidade para se manter operante, o sujeito tende a sujeitar-se e se dispõem a sempre servir, pois sem o capital será marginalizado e lançado para fora da linha reguladora. Existe outra representatividade do

efeito paranoico do medo no sistema, que também desencadeia a sujeição, a ameaça e o medo na relação, uns com os outros, que de certo modo difere ao composto de conjunto acerca da coletividade, também suprimido pelo fantasma da falta, agora em relação à perda de um espaço ou de uma substituição, o medo aprisiona a liberdade e razão mascara a autonomia. A liberdade e autonomia são trabalhadas no sistema em um sentido transpassado ao gozo — esse que por direito é consumado no contra mercantil, o gozo torna-se um produto de troca, de venda ou compra à presença da servidão, como, por exemplo, o contrato de férias do trabalhador, o qual realiza suas atividades remuneradas durante um período e ao cumprir mensalmente suas funções no sistema é compensado como gozo e uso de objeto, o qual é de direito, podemos dizer que o gozo dentro da jornada trabalhista é o CsO, do trabalho. Desse modo, pelo gozo o sujeito tem suas relações sistematizadas pelo contrassenso de suas próprias relações, e onde existe o espaço para reconhecer o involuntário e ser realmente livre num sistema de sujeições? Qual é o espaço para ler as relações que o afeta?

A política buscou na racionalização a desterritorialização dos afetos, marginalizando-os e os reduzindo a uma irracionalidade, que não serve para o Estado e nem para a máquina capitalista, legitimou a vida social assombrada pelo medo, pelo castigo e pela recompensa e também alimentou uma paranoia do medo, ameaça e perseguição, a fim de controlar espaços e sempre continuar dominante, mas se Spinoza, “ não há medo sem esperança e nem esperança sem medo” (2021), afirma que não existe a presença de um sem o outro, do medo sem esperança e vive versa, como o política alimenta a esperança? Talvez esse o movimento de crueldade maior dentre tantas outras que circunda a *linha reguladora*, a esperança de que algo de bem no futuro aconteça, cruel porque utiliza da projeção da imagem do futuro para normatizar o presente. Para Spinoza, medo e esperança pertence a mesma temporariedade, e se a racionalidade imposta pela política em suas ações não cria espaços para a percepção de nossas experiências com o tempo, as relações do medo e da esperança potencializada pela presença paranoica da falta e dos fantasmas, essas relações desdobram na expectativa a qual sem a leitura *não-racional* das

relações, a expectativa gerada traz consigo a possibilidade do nada, e, de nada acontecer, preservando o sujeito no mesmo ponto, o da servidão eterna.

O controle e a paranoia que atinge o indivíduo no campo social, ataca sua identidade, e pela busca de uma afirmação constante de uma identidade o indivíduo acaba se destruindo, a identidade acaba sendo transcendente, algo de fora (o Estado político) que age em mim, a reprodução constante dessa busca tende a gerar uma residência fixa imanente, ou seja, a paranoia, o medo e a esperança territorializa no corpo e assim mantêm o sistema vivo, mesmo que custe a destruição do ser. Origem da paranoia e do controle, surge na educação, como desenvolve Safatle (2021), em primeira estância na educação da mãe, pauta no triângulo edipiano, cúmplice do sistema de regras sociais, ainda na primeira infância, a criança em desenvolvimento, está aberta para a multiplicidade, para afetos, aventuras e descobertas do mesmo, a partir da educação e a inclusão da criança no social, essa vai se fechando a ponto de esmagar sua vida para que a máquina funcione, uma educação centrada na obediência não deixa espaço para o pensamento.

“Uma educação centrada no pensamento não prescreve regras absolutas nem proibições definitivas. Ela orienta e desperta a vida, estimula as multiplicidades, não para esmagá-las, mas para exercitar o corpo e o pensamento a vivenciarem seus limites e ultrapassá-los. Uma tal educação deseja que a vida seja forte, que o corpo e o pensamento aumentem suas potências de agir e pensar e aprendam quanto antes a conviver com os perigos e a desejar o desconhecido. Ela lapida as potências da vida para expandi-las. Exercita o corpo e o pensamento para conhecer cada vez mais o que podem e superar o que ainda não podem. Tal prática pedagógica, se é que ainda a podemos chamar assim — pois em nada se assemelha à prática educacional estabelecida —, tem em vista afirmar as diferenças, criando o desejo e o amor pelo distante, amor pelo devir, amor pelas aventuras, pela viagem nômade que se faz não no espaço, mas no tempo.” (SAFATLE. 2021, p.117)

Com a leitura não-racional sobre a educação, existe um espaço afirmativo ao pensamento, se o controle destrói até a morte, e para Artaud, tudo que é vivo move-se pela crueldade, o vivo e o real na educação também desenvolvera por meio de uma educação cruel — por estar no corpo, no espírito, não para destruir, mas para fortalecer, animar, e dar a verdadeira

liberdade pelo acontecimento do pensar. A leitura racional da educação, proposta pela máquina da morte no ocidente, abrange uma pedagogia da piedade que afasta o desejo, o pensamento e vai aprisionando lentamente o indivíduo ao sistema e por consequência — é destruído beirando a morte. A prática pedagógica da crueldade, distanciada do controle e da obediência, educaria seres livres capazes de pensar e refletir sobre tudo o que os afeta, colonizando em si outros afetos para além do medo e da esperança somente, relançando verdadeira realidade, a verdade imanente atribuída da relação e dos “*afetamentos*”, guardadas em si, e por isso devolvendo a identidade ao indivíduo no coletivo social, em um corpo sensível e não mais paranoicos e assombrados.

O corpo comedido, produzido pela ação racional do estado, não reconhece o que é involuntário, é preso a imagens, reforçadas pela máquina capitalista e pela máquina social, a fim de limitar a se perder na ilusão do tempo, desarticula a experiência do tempo e da possibilidade que a multiplicidade pode contemplar, o bem e o mau, a esperança e o medo, e a exceptiva do futuro não expressa a liberdade e nem a relação imanente dos afetos, o plural da multiplicidade manifesta sobre o acontecimento, sem permissão simplesmente acontece, a leitura racional na colonização social, não somente limita o desejo como pensamento e principalmente estabelece uma gramática dos afetos, cria modelos de relação povoando o inconsciente do indivíduo, o que não se reduz a sua leitura, desmembra na leitura irracional das relações, voltamos a binaridade, do certo e do errado, a moral e a lei. “Não somos iguais perante qualquer lei nem tampouco semelhantes uns aos outros” (FUGANTI. 2021, p.121), pois a leitura não-racional reconhece a autonomia do indivíduo quando ele tem condições de criar e seguir suas próprias leis, o corpo que cria suas lias é um corpo que utilizou o tempo, para desconfiar que tudo aquilo que foi aprendido atrás do medo e da esperança, no plano da organização (dos afetos e criação, imanente por pensar sobre as causas e seus efeitos, sem elogios ou prêmios por estar preso a obediência, e sem o castigo ao desobedecer — sem culpa. O livramento das correntes da razão, dar-se-ão pelo caminho do conhecimento, distante da dialética... que não cria espaços para a multiplicidade, pois o caminho pela imaginação, pelos encontros com

outros corpos, pelo aumentando da potência de agir, e agora pelo contentamento e não pelo assombramento. O ser que busca sua liberdade, busca pela verdade não-racional, é um acontecimento, um puro devir.

Spinoza, um pensador da liberdade, buscou em sua *Ética*, alcançar um pensamento de uma vida melhor por meio da liberdade, se o homem está condenado a sofrer pela ignorância, passa a ter medo ou esperança das causas que foram ensinadas, Artaud, que viveu o engendramento da razão europeia, e por mais que já tenha dado indícios de uma mudança pela arte, pois o artista é o que faz, o que cria o novo, Artaud, buscou refúgio no místico, no fantástico, no primitivo, para também ser afetado por uma ideia *não-racional* nas coisas, para se conectar com uma potência maior, descobrir a verdadeira essência do corpo, da alma e da natureza, testou uma educação reversa aos moldes da razão, busco uma leitura do delírio, para espantar a consciência, brindou *O Rito De Peyotl*²² *Entre Os Tarahumaras*²³. No contato inicial como os Tarahumaras, descobriu a leitura sobre o corpo, difere da percepção europeia, ao olho do indígena o corpo do branco, é um corpo mentiroso, alimentado de uma maldade, um corpo inibidor de sensações naturais, em um segundo momento, o corpo do indígena tornou-se um inimigo de seu próprio corpo, como — “ter feito a Deus seu próprio sacrifício” (1947b p.11), orientado pelo Peyotl o qual fez irradiar todos os sentimentos preso no corpo do indígena, função que o corpo do branco, desconhece, em prol da leitura racional das coisas assim como das causas, o branco-europeu-colonizador (dono da razão), nunca aceitou o diferente daquilo que lhe foi apresentado, essa relação do que foi apresentado que advém da educação e o momento castrador do desejo, do pensamento e do acontecimento, desconfigura a potência do corpo, e com isso realiza a *leitura irracional* das emoções que o afetou, não sabe o que viveu ou

²² O Peyotl é uma medicina sagrada usada em rituais desde os primórdios pelos povos nativos da América do Norte. Um cacto que vem de regiões desérticas do México e do Sul dos Estados Unidos, que tem como princípio ativo a mescalina, ingerida com o propósito de reconhecer aptidões e talentos, confrontar nossos temores, e caminhar em direção a tudo aquilo em que estamos nos transformando. O aspecto principal do ritual do Peyotl é a religação ao Grande Mistério dentro da Cerimônia Sagrada.

²³ Tarahumara ou Rarámuri designa um grupo de povos nativos de México originalmente habitantes do território do estado de Chihuahua, habitando posteriormente as regiões altas de Sierra Madre Ocidental após o contato com europeus. Chamam-se a si Rarámuri, transformado em "Tarahumara" pelos espanhóis, termo que também denomina a língua falada por estes povos.

o que sentiu, pois só sabe sobre o castigo e a morte. O Peyotl, é o liberador do corpo, livre da consciência, abre passagem para o inconsciente atualizar no real desejante, primitivo e natural.

“Em meio a todas as ideias que passam pelas nossas cabeças há aquelas que aceitamos e aquelas que não aceitamos. — No dia em que nosso eu e nossa consciência foram formados, estabeleceu-se nesse movimento de incubação incessante um ritmo distintivo e uma escolha natural, que fazem com que só nossas ideias próprias sobrenadam no campo da consciência, enquanto o resto se esvanece automaticamente. Talvez precisemos de tempo para talhar nossos sentimentos e deles isolar nossa própria figura, mas aquilo que pensamos das coisas em seus pontos principais é como o totem de uma gramática indiscutível que entoa seus termos palavra por palavra.” (ARTAUD. 1947b, p.12)

Artaud, buscava uma verdade que escapa de realidade europeia, ou uma diferente da verdade em que foi conservada pela razão, “o mundo no começo era completamente real” (1947b, p.21) e agora não se encontra, mas o coração e nem a alma porque Deus foi retirado, não o deus criado pelo socius para doutrinar, ensinar e obedecer, mas o deus primitivo o naturante primeiro, o que efetua a luz, e corpo afetado pelo corpo da luz desconhece o deus-castrador criado. Após o rito do Peyotl, o que para Artaud é o responsável por devolver o eu a sua nascente, a ideia de mentira e verdade passa a ter outro sentido, a leitura não racional passa a ser operante. “vimos de onde viemos e quem somos, e não duvidamos mais do que somos” (1947b, p.25), e o que somo? Para Artaud somos, corpo, órgãos, emoções e o que importa é o inconsciente, lugar onde durante o rito, está localizada no fígado, alarme para que a experiência completa aconteça, o corpo precisa estar alimentado, não de verdades insuportáveis, não consciência que não correspondem com o real, mas de vontade, a fome do desejo, o devir. No post-scriptum do rito, Artaud descreve seu estado, envenenado, isolado, afastado e castrado de tudo, ressoa em Deus na figura do padre, o feiticeiro da cruz, que emancipador da razão e do estado de servidão continua.

4.3 UMA ABERTURA PARA O MÚLTIPLO

Após entendermos que a leitura não-racional tem a utilidade de desconfigurar todas as bases que cultural, familiar e socialmente, foram impostas sobre os grupos e seus membros dentro da sociedade, precisamos agora pensar como desprender do conceito de razão sobre a leitura das máquinas capitalistas e como é possível libertarmos do complexo de Édipo, entender quem é deus, o pai e a natureza, fora dessa leitura que a psicanálise sempre pauta na associação da castração do desejo reprimido, do medo e do ódio, para Guattari, o processo psicanalítico é insuficiente para lidar com questões individuais e também com a clínica institucional, pois o processo de re-vivência de questões passadas, castrações, aprisionamento, não discutem a urgência da relação dos afetos e dos sentimentos vivido no corpo, na psicanálise a cena analítica, muitas vezes fica centrada na figura do psicanalista, por meio de interpretações, reconstruções e repetições transferencial, que opera na vivência do inconsciente, para seja percebido e ressignificado no consciente como real e lei, ou seja, por um método no sentido de educar o paciente, o analista presentificado na figura do pai, de modo a corrigir “erros”, os quais o verdadeiro pai não teve a chance de “corrigir”. Deleuze (2006, p.342) ao relatar uma consulta, de uma mulher o qual sua queixa, seria as ações externas, como o meio de transporte utilizado, a guerra do Vietnã, a bomba de Hiroshima..., entretanto sem interesse o analista segue ouvindo, a mulher comete um ato falho e no meio dos seus relatos solta o nome de um homem, nesse momento, o analista passa a analisar tão somente quem seria esse homem, desconsidera todo o sofrimento e angústia da mulher, que não suporta as relações externas vivenciadas em seu corpo, para então forçar a mulher a falar de seu pai e de sua mãe. Toda a dimensão social, e desacreditada na figura do psicanalista, tudo se resume no pai e na mãe sempre? Para Freud a frustração advém da relação pai e mãe, que gera o receio da perda, a punição do desejo — castração. Simonini e Romagnoli (2018,), descrevem que tal castração individualiza no sujeito ainda criança, não reprimi somente o desejo, como o desenvolvimento desse sujeito no social, inibe também a capacidade de percepção daquilo que afeta.

“Igualmente funda as condições psíquicas para uma vida em sociedade, uma vez que, para viver em comunidade, são necessários o reconhecimento da existência de limites; o reconhecimento de que não se pode tudo e que existe outro, uma alteridade, um “não eu” diante do qual há a necessidade de negociação de espaços e ações.” (2018, p.917)

No pensar de Guattari (2004), frustrar a fantasia do sujeito, não resolve o problema, muito pelo contrário, somente priva-o do conhecimento de suas relações e reduz a subjetividade, em questões psíquicas passadas, causando a cegueira.

“se for cego para todas as coisas dessa ordem e pretender que não fazem parte do campo de análise, é impossível o psicanalista ter acesso a certos problemas, não só certos problemas políticos, mas também à axiomática inconsciente que é comum a pessoas que vivem na sociedade”. (2004, p.72)

Transferir o complexo de Édipo, por repetições, fragiliza a percepção da análise autônoma do sujeito, sobre a dimensão social, política, econômica..., o transferencial atende as exigências da máquina capitalista, e sobre as entidades do Estado, da Igreja, da Família — a sujeição, e ainda, pela redução a um psiquismo individualizado não aproxima a relação coletiva na trama social que o sujeito faz parte. A individualização das entidades ou dos sujeitos, o poder e a subordinação não conferem a transversalidade entre as diferentes dimensões de subjetivação. O conceito de transversalidade de Guattari (2004), opera como uma ferramenta conceitual que atende a todos os grupos sejam eles estratificados na hierarquização vertical e binário, como também as dinâmicas horizontais, remete a uma dimensão conectiva entre os grupos, o sujeito amplia e viabiliza a análise das relações entre grupos, a transversalidade consegue observar o funcionamento dos movimentos dentro sociedade, os

quais atravessam os sujeitos e promover uma maior fluidez institucional, sempre alerta ao inconsciente, porem com uma diferente análise, a qual livra-se da base edipiana do inconsciente, pois assim lançado dentro da trama institucional, social e política, a fim de viabilizar uma nova estética sobre a vida, de uma maneira cada vez mais consciente, com o sujeito portador de sua própria voz, criador de sua própria lei.

O grau de transversalidade de um grupo, faz alusão ao estado de cegueira de seus membros, assim podemos entender as limitações do grupo para além dos fatos significados empiricamente estabelecidos nele e para ele, como nos diz Simonini e Romagnoli (2018), cegas, imobilizadas pelas referências estabelecidas na problematização imposta pelo delírio das entidades. A transversalidade conversa diretamente com o estado neurótico, pela repetição, e com o estado da psicose e pela multiplicação, se a psicanálise responde ao campo da ação, a transversalidade responde ao campo da problematização, e/ou da esquizoanálise. A proposta de Guattari, sobre a esquizoanálise, não orienta como uma disciplina fechada em si e sim como uma “análise da incidência de disposições de enunciação sobre as produções semióticas e subjetivas em um contexto problemático dado” (2000, p.32), pela enunciação Guattari, considerou os agenciamentos capazes de forjar novas coordenadas, proposições inéditas, no grupo e em seus membros, nesse momento o conceito de inconsciente é substituído pelo conceito de disposição de subjetivação, não individualizado, mais operante nas ações de interagir, (afetar e ser afetado) dentro da trama social, sem análise e interpretação de fatos já ocorridos, preso ao triangulo edipiano, mas na disposições das relações entre os afetos de sentido e dos afetos pragmáticos. Portanto, a dimensão da esquizoanálise segue os caminhos da subjetivação e de singularização possibilitando transversais que ultrapassam o sujeito ou o grupo, no intuito de gerar novos caminhos, ou outras trajetórias de realidades inéditas, desse modo envolvendo o sujeito não mais individualizado e servo, oportunizando novas formas de ver o mundo, seus afetos e seu sentimento, não existe o “eu” individualizado, mas existe, o corpo, o espaço, o ancestral, colocado não mais como uma interação na base do discurso, e sim integrando-o a uma dimensão da intensidade. Há em Guattari, uma concepção que difere, da ideia de “eu-

sujeito-interiorizado”, a qual afasta a ideia de política, vivências sociais e transversalidade, o “eu” explora campos da dimensão em multiplicidade que compõem o conjunto, o “eu”, pode ser incluído, assim como o grupo, como também, a sociedade, a cultura, a empresa, a escola, a sexualidade... todos contribuem nas composições de transversais.

Deleuze e Guattari (1972), desenvolvem a partir desses grupos, dessas entidades, as quais seus investimentos são coletivos, definem o espaço de suas presenças, e se todo investimento é coletivo, os assombramentos e os fantasmas assolam os grupos e as entidades, desse modo são reais, suas ações aparecem presente no campo da realidade. As estruturas que normalizam os investimentos distinguem entre molares e molecular, os molares subordina as moléculas, as entidades de rigor que castram os sujeitos, já os moleculares incende as multiplicidades subordinados a si, causando fenômenos que rompem a estrutura. A partir disso podemos pensar que Artaud em sua conjuntura, viabilizou por sua arte, por sua profundidade e por sua esquizofrenia, e alertou sobre uma falha nas entidades e assim, articulou um rompimento com a estrutura. “Toda vez que a vida é tocada, ela reage pelo sonho e pelas larvas. Isso quer dizer que o inconsciente geral foi sondado por alguma coisa. Ela dá aquilo que conservou.” (Artaud, 2021, p.18). As entidades molares conservaram em seus discursos e na sua reprodução de valores que congelam os sentimentos, seja eles individualizados ou os de grupos, repudio ao delírio e a esquizofrenia, os colocou em um lugar de não aceitação, de medo e ódio. Porém o delírio e o esquizofrênico não operam sobre o *socius*, e sim no corpo sem órgãos em estado puro, no limite, na dobradiça entre o molar e o molecular, e só o corpo sem órgãos, e capaz que organizar fenômenos de massa e de investimentos esquizofrênicos, contrário do *socius*, que tem seu corpo muito bem-vestido, o corpo sem órgãos despe e se apresenta como corpo nu, ou seja, por esta no limite e não na origem, reconhece os fantasmas, os sonhos, seus afetos e seus delírios.

O delírio, em Deleuze e Guattari (1972), condiz com um investimento no campo social, econômico, político, cultural, pedagógico, religioso, nessas entidades podemos ler a presença do delírio como um investimento capaz de salvar a ordem moral e social, no sentido de fortalecer a máquina capitalista e

o sistema na permanência e detentor do poder, vale lembrar que Hitler desejou o poder e normalizou a morte, dando um falso poder a seus seguidores, legitimando-os. A máquina capitalista também recorre ao discurso, e com isso fornece a legitimidade aos seus seguidores, pelas reproduções que corresponderá a universais leis de controle, abstração e castração. Um grupo onde tem seus membros fechado na individualização em si, não serve para nada, apenas para servir as condições determinadas pelo capitalismo. Uma vida na ignorância, o qual a saída é produzir, consumir, replicar valores e morrer. Nem tudo está perdido, o tratamento da transversalidade desencadeou na esquizoanálise proposta por Deleuze e Guattari (1972), não como uma gramática ou um método, mas uma ação que é capaz analisar a estrutura (linha reguladoras) das entidades, e traçar um novo caminho possível e sensível que acolhe o todo e o múltiplo, fornecendo saídas para os grupos e seus membros, para romper com as estruturas. Colocar os grupos e seus membros no “divã” e interpretar não resolve a urgência, para que essa prática funcione é preciso abandonar a base edipiana das relações, não é possível tratar apenas o órgão sem dar atenção ao corpo, a esquizoanálise é uma terapia para além do inconsciente individual, ela dá uma atenção ao grupo na totalidade, não é uma terapia de grupo e nem uma dilatação do limite, tende a ser uma percepção do espaço, das relações, dos afetos e dos sentimentos, uma abertura para o múltiplo. Se pensarmos em Artaud, o traidor do seu tempo, esse termo carrega uma violência sustentada pela razão nas entidades que controlam, agora se pensarmos na esquizofrenia como processo de libertação, Artaud torna-se um exemplo que como um corpo rompe com as estruturas, se para Deleuze e Guattari (1972) cada sujeito membro de um grupo tem células da esquizofrenia incubas, será por meio da esquizoanálise que poderemos desembaralhar essas relações, consciente na sociedade. Artaud nos deu caminhos de recuperar a igualdade e a libertação pela diferença.

O movimento surrealista, o qual Artaud, fez parte entre 1924 à 1926, surgiu de um desespero e de um desgosto, e nasceu em um grupo, no caso na entidade escolar, o movimento, para além de reunião de literaturas, tendia para uma revolução moral, o grito orgânico do homem, “os coices do ser em nós contra toda coerção.” (ARTAUD, 2021, p.13), uma coerção do Pai, uma

profunda insurreição interior contra todas as formas do Pai, contra a preponderância invasiva do Pai nos costumes e nas ideias. Na leitura deleuze-guattariano, podemos aproximar o que Artaud chama de revolução moral, como a esquizoanálise, as formas do Pai, todas as entidades molares castradoras, as quais prende pelo medo e angustia o sujeito, ou o membro dos grupos. Para Artaud um homem que luta pela pátria e pela família, tende a ser um homem que trai, essa traição é para Artaud a razão de viver e de sempre lutar. A pátria nessa concepção, onde também podemos ler como a máquina capitalista ou a máquina de guerra, “exige do homem seu suor para transformar em canhão.” (ARTAUD, 2021, p.14), desse modo a máquina ou a pátria, faz de seu membro um ser que trai a seu semelhante. A entidade da Família, na interpretação da psicanálise freudiana resumisse ao complexo de Édipo, em Artaud ela é o fundamento inicial de uma repressão, que irá desarticular todas as relações sociais, uma vez que a repressão baseada na autoridade e no desespero individualiza e des-pontencializa o conhecimento, o pensamento e a sensibilidade.

“Os homens, perdidos de angústia, abandonados à miséria e ao extermínio, sem poder compreender suas causas, se insurgirão um dia, exauridos. Eles conseguirão arruinar a velha trilogia patriarcal: fundarão a sociedade fraternal dos companheiros de trabalho, a sociedade da potência e da solidariedade humana.” (2021, p.14)

A trilogia patriarcal, pai, pátria e patrão, (complexo de Édipo, entidades castradoras, máquina capitalista), foi a principal causadora de revoltas de onde surgiu o movimento surrealista, contra todas as formas de opressão. Então foi invocado o espírito das antigas alegorias, o movimento utiliza o vazio como meio de encantado das relações, sinalizar, vestiu-se de imagens. Nesse quesito é possível pensar a complexidade da vida, as tramas sociais, a loucura, a vulnerabilidade, a violência, e a crueldade que assombram os grupos, a arte como criadora do novo, e esse novo, potencializando de novos horizontes, facilitadores de novos regimes relacionais. Recorre às imagens e aos signos, pois o “trabalho” de quebra não distância de realidade, do concreto, a possibilidade precisa ter um ponto de partida, então trazer imagens favorecem

a descoberta de novos caminhos. Surge a ideia de quebrar com o real, perder o sentido, abandonar a moral, os costumes violentamente impostos, o inconsciente é físico e guarda o segredo da vida, Artaud refere-se a uma potência na revolução onde por meio dela será possível mudar as regras e as leis que cercam a sociedade, há urgência em atualizar o novo e livrar-se de todo mau, de toda opressão vindas das entidades castradoras.

“Quando uma mulher concebeu, ela sonha sem saber que concebeu. Quando um homem foi ferido ou fica doente, ou entra em agonia, ele sonha. Ao lado dos sonhos do homem, há os sonhos dos grupos e os sonhos de país. Não saberia dizer quantos de nós, surrealistas — sentimos liberarmos com nossos sonhos uma espécie de ferida de grupo, uma ferida de vida. Ao lado da obsessão pelo sonho, diante do ódio da realidade, o surrealismo tinha uma obsessão pela nobreza, uma fascinação pela pureza. O mais puro, o mais desesperado dentre nós, [...]. Afinal, para nós, só era verdadeiramente puro aquele que estivesse desesperado. O que importa que esse fogo puro tenha se contentado em se queimar sozinho? Ele quis sinceramente ser puro. E procurou essa pureza em todos os planos possíveis: amor, mente, sexualidade.” (2021, p.18)

Em Artaud o desesperado pela busca da pureza, que está liga no “eu”, proposto por Guattari, nos efeitos dessas composições transversais que irão culminar na esquizoanálise com dimensões estéticas da criação-experimentação artística, trazer a luz uma verdade que foi sufocada, empurrada goela a baixo, a obsessão e a fascinação descrita por Artaud refere a abertura a experimentação desejante em Deleuze e Guattari (1972), e não é um desejo individualizado e sim do grupo todo, expor as feridas abertas e se libertar delas, abrindo novos caminhos ao novo que está por vir, reconhecer o Pai inimigo, e ceder desse ódio que o triangulo edipiano traz consigo, “E eu, que sou constrangido pelo meu corpo, compreendi que toda a sua vida ele (o Pai) foi constrangido pelo seu corpo e que existe uma mentira do ser contra a qual nascemos para protestar.” (2021, p.19) Artaud afetado pelo ódio, assimilação da decomposição spinozista acerca das relações afetadas, como o medo e a esperança, ódio e o amor estão presentes na mesma

temporariedade, ambas presentes na sensibilidade celular de cada grupo em cada membro.

Com o rompimento e o banimento do movimento surrealista, Artaud desperta um novo interesse, o qual ela chama de “juventude”, podemos identificá-los como um novo grupo que buscou pelo conhecimento uma reconciliação com a cultura e com o destino, que pretende de antemão conhecer o homem e livrá-lo do aprisionamento dentro de suas necessidades sustentadas pelas entidades na norma e da máquina capitalista. A cultura ou a nova ideia de cultura defendida pela juventude não aceita o homem separado de sua vida como membro dos acontecimentos que o cercam, nessa cultura será preciso entrar na sensibilidade do homem cujo tem relações diretas com os acontecimentos, e reconhecer e findar uma crítica pauta nos fatos e trazer a razão dos fatos, distante de uma somente interpretação, o real é deformar os fantasmas da razão como verdade única imposta pelos regimes das entidades.

Artaud diz que a razão, imposta pela modernidade europeia, é sempre a morte — um simulacro da morte. Nesse sentido, Deleuze e Guattari abordam a morte dizendo que ela:

“é o aspecto pela qual o sujeito, fixado como “eu”, morre efetivamente, isto é, para finalmente morrer, porque ele acaba por morrer na realidade e um derradeiro instante que assim o fixa como “eu” desfazendo totalmente a intensidade, reconduzindo-o ao zero que ela envolve”. (1972, p. 437)

Por mais que conceito de morte diferem, podemos entender que em Artaud está ligado a máquina de morte em Deleuze e Guattari ao local de intensidade zero, nesses aspectos retomamos a aproximação dos pensamentos, como já mencionamos antes o nada e o vazio representam a mesma condição, um lugar de criação e do múltiplo onde qualquer coisa pode acontecer, coexistindo com a intensidade zero, o qual é o início, lugar limpo e desnudo, local do corpo sem órgão, por mais que a intensidade zero também representa o corpo drogado, o efeito é o mesmo, a anulação de regimes externos, zerado, o sujeito torna-se possível de reconhecer os sentimentos intensos, as emoções intensivas, os delírios e as alucinações, e ouvir uma voz

e responder — sintoma da esquizofrenia. Trata-se de a partir da morte ampliar a experiência e o pensamento.

“É preciso que a experiência da morte nos tenha dado, precisamente, uma suficiente ampliação da experiência para vivermos e sabermos que as máquinas desejantes não morrem. E que o sujeito, como peça adjacente, é sempre um "se" portador da experiência, não um Eu, que recebe o modelo, pois o próprio modelo de modo algum é o "eu", mas o corpo sem órgãos. E "eu" não se reúne ao modelo sem que o modelo, de novo, volte-se em direção à experiência. Ir sempre do modelo à experiência, e novamente partir, retornar do modelo à experiência, é isso, esquizofrenizar a morte, o exercício das máquinas desejantes. É isto que as máquinas nos dizem, nos fazem viver, sentir, mais fundo do que o delírio e mais longe do que a alucinação, sim, o retorno à repulsão condicionará outras atrações, outros funcionamentos, a movimentação de outras peças trabalhadoras sobre o corpo sem órgãos, a ativação de outras peças adjacentes no entorno, com tanto direito de dizer se quanto nós mesmos.” (DELEUZE; GUATTARI, 1972, p. 54)

A razão inventou o desespero e separou os elementos do mundo, e desarticulou a cultura, ou melhor, articulou a seu modo, por interesses próprios, — sujeição. A cultura vista pela máquina capitalistas e os governos, pensam nela, na ação de aberturas de escolas, na construção de gráficas, Artaud critica essas ações e propõem o contrário “para amadurecer a cultura seria preciso fechar as escolas, queimar os museus, destruir os livros, quebrar as bobinas das tipografias.” (2021, p.26), essa ação anárquica da destruição refere ao engendramento dos valores, costumes, normas e leis impostos por essas entidades, destituindo e viabilizando novas forma de uma razão. Contra a racionalização da existência, Artaud, insere a representatividade do sujeito, em suas ideias e por elas. O pensamento dialético e técnico contribuiu para um pensamento fechado e não ao múltiplo e sensível. Por isso a morte, a intensidade zero ou vazio tem importância na esquizoanálise.

“Como a vida, como a natureza, o pensamento vai de dentro para fora antes de ir de fora para dentro. Começo a pensar no vazio e do vazio vou em direção ao pleno, e quando atinjo o pleno posso recair no vazio. Vou do abstrato ao concreto e não do concreto ao abstrato. Barrar o pensamento no exterior e estudá-lo naquilo que ele pode fazer é desconhecer a natureza interna e dinâmica do pensamento. É não querer sentir o pensamento no movimento de seu destino interno, que nenhuma experiência consegue captar. Eu chamo de poesia, hoje em dia, o conhecimento desse destino interno e dinâmico do pensamento. Para reencontrar sua natureza profunda, para senti seu pensamento, a vida rejeita o espírito de análise onde a Europa se perdeu.” (2021, p.30)

O esquizoanalista como mecânico opera ferramenta a fim de verticalizar grupos em condições de resolvermos problemas pelo condimento dos afetos e suas relações com os corpos (grupos e membros), Artaud indica que pelo pensamento devemos traçar uma ideia de uma geometria, orgânica, harmoniosa, o qual reconcilia o sujeito com a natureza e com a vida. A intenção é, e se faz no seguir, compor e criar novos produtores de realidades, nômades na sua enunciação da multiplicidade, inéditos na busca de novas formas de existir.

*O essencial da guerra é a
destruição, não necessariamente de vidas
humanas,
mas de produtos do trabalho
humano.
A guerra é um meio de despedaçar,
ou de libertar na estratosfera,
ou de afundar nas profundezas do
mar, materiais que de outra
forma teriam de ser usados para
tornar as massas demasiado confortáveis e,
portanto, com o passar do tempo,
inteligentes.*

George Orwell

5. A IMANÊNCIA DO SENSÍVEL

5.1 CAOS SIVE NATURA, UMA NOVA ESTÉTICA

Considerando as indicações de Artaud para a produção de novos modos de existir, de fazer o novo, precisamos agora descobrir como os fatores psicológicos coletivos agem, já descobrimos que as relações dos afetos e dos sentimentos são individualizados e presentificam o inconsciente no consciente, que o externo contribui nos afetos dos sujeitos membros e nos grupos que fazem parte, que a esquizoanálise, como ferramenta, não abre as portas para as interpretações e sim para ações que são capazes tanto de validar o conhecimento do sujeito sobre as coisas que os afetam, como também com o grupo traçam caminhos para fora da linha reguladora do horizonte. Passamos a desenvolver como pensar sobre imanência contribuiu para a produção de subjetividade, uma condição ainda abstrata, porém de alcance amplo.

A produção de subjetividade proposta por Guattari(1992), implica na múltipla forma de enunciação, sobre o grupo e dentro do grupo, em seus membros que correlacionam a própria forma de se ver, refletem sobre disposição de papéis na sociedade, por meio de interlocuções, falam sobre os

acontecimentos, suas relações o que lhe castram, o que os liberam, o que é bom e ruim e o que deve mudar, essa performance, já não interiorizada, se torna possível, pois a reflexão sobre a potência ou diminuição de agir, já não é um recorte, assim como no teatro clássico, que representa a verdade, é a própria verdade na sua voz, na sua pele, na sua estrutura. A máquina capitalista e a máquina de morte, esfacela a vida e o sujeito, não existe espaço para essas ações, pois o transcendente passou a ver o mais valioso, o deus-pai-todo-poderoso (ao seu próprio modo de criação). Onde fica a imanência nesse contexto? É possível pensar uma imagem do eu dentro dessa leitura? Guattari, ironiza que por meio de uma convulsão contemporânea, exigem aceleradamente a emergência de um futuro, os desenvolvimentos de novas práticas sociais e de novas estéticas, porém, a resolução acontece por meio da desvalorização da vida, uma contradição, a própria esquizofrenia do sistema que quer assegurar o futuro sem dar a devida importância a imagem do sujeito que o mantém vivo. “Mas somente o Louco está bem calmo.” (ARTAUD, 2021, p.59), a partir da “calmaria” do esquizo, aspiramos pensar o virtual sobre o funcionamento do inconsciente dentro desse processo.

A serviço de uma ordem e da norma, o inconsciente é assegurado e protegido (na base da negação), Guattari considera um inconsciente esquizo, volta a uma práxis atual ao invés de regressões passadas, obediente à estrutura, para supor os múltiplos estratos de subjetivações e fugir da triangulação edipiana, o inconsciente precisa ser considerado um fluxo e pertencente a máquina abstrata, para ser formulado uma nova estética na dimensão da autonomia, a psicanálise considera as categorias de liberdade e de desinteresse só contribuiu ativamente na psique, ou seja, relação interna, que não avalia as múltiplas problematizações do mundo e suas interverias não somente na psique como no corpo do paciente, a esquizoanálise contra a essa forma, propõem um aperfeiçoamento da ampliação da pulsão o do corpo que cubra o conjunto dos grupos-sujeitos, na produção de subjetividade, nas entidades, como a igreja, a escola, o hospital, o museu, o teatro, uma espécie de autor e contemplador da obra, ao comentar Duchamp, Guattari descreve: “nesse movimento, para ele, os consumidos se torna, de algum modo, cocriador.” (1992, p.25), o que podemos pensar, que dê certo tipo, o

autor/produtor pertence ao todo, já inicia o processo de liberação das linhas reguladoras, e enuncia uma nova estética imanente, “do sentimento da atividade verbal do engendramento ativo de um som significativo que comporta elementos motores de articulação, de gesto, de mímica, sentimento de um movimento no qual são arrastados o organismo inteiro, a atividade e a alma da palavra em sua unidade concreta.” (1992, p.26), a sensibilidade vista uma ética da subjetivação parcial. Os surrealistas em suas primeiras instâncias, realizaram por meios da arte, ou pelo novo formato da arte, um rompimento libertador capaz de trazer o sujeito ao diálogo, e expor seus medos, suas angústias e criar o novo, o que para Artaud condizia com sua realidade de incômodos ao sistema e as formações sociais desconexas do primitivo, da natureza e da vida, Guattari indica que a arte, e em especial a poesia tenha mais a nos ensinar do que as ciências econômicas e as ciências humanas, em escala molecular, a sensibilidade da arte, pode mudar uma atividade política, uma instalação, o funcionamento da escola, a sensibilidade que nos toca nos faz tocar.

Como seria trazer a normalidade na mesa da autópsia do delírio? Trazer o caos para desequilibrar as dominações e viabilizar subjetividades, para indicar novas linhas virtuais de singularidades, de emergência e de renovação, a esperança não conversa com o esquizo, sem interesse, constata a vertigem caótica, a loucura e a psicose, que passam a revelar o essencial do sujeito. As compleições reais, o sonho, o delírio, a depressão, a rotina, não são todas da mesma ambivalência ontológicas, por não serem causadoras passivas de sofrimento no sujeito, não se reduzem a uma única consistência ou em um único corpo.

“A prática da psicoterapia institucional nos ensinou a diversidade das modalidades de aglomeração dessas múltiplas estases reais ou virtuais: as do corpo e do soma, do eu e do outro, as do espaço vivido e dos ritornelos temporais, as do socius familiar e do socius artificialmente elaborado para abrir outros campos de possível, as da transferência psicoterapêutica ou ainda as de universos imateriais referentes à música, às formas plásticas, aos devires animais, vegetais, maquínicos...” (GUATTARI, 1992, p.26)

A experiência limite desses modos privilegia a produção ontológica de fatos que revelam o aspecto do excesso, a psicose, a neurose e a perversão habitam todas as formas de normalidade, o esquizofrênico no centro do caos, o corpo sem órgão na fenda e no limite, manifesta o delírio paranoico na complexidade do próprio caos. Em uma trama ontológica e imanente o caos, que não constitui um grau zero, nem um ponto negativo, passivo, mas um grau de intensificação, o caótico é uma modulação que outra coisa torna-se possível, outra coisa distante e fora das linhas estruturantes, o caos promovido por modos anárquicos no esquizo, é o meio de apercepção das máquinas abstratas na produção de “*autoalteridade*” como indica Guattari: “Eu é um outro, uma multiplicidade de outros encarnados no cruzamento de componentes de enunciação parciais, extravasando por todos os lados a identidade individuada.” (1992, p.97), o curso desse agenciamento não busca sintetizá-los em um eu transcendente, pois o imanente deve ser exaltado e exposto.

“não devemos nos deter aí onde corremos o risco de ser engolidos: na loucura, na dor, na morte, na droga, na extrema paixão... Todos esses aspectos da existência são certamente objeto de uma consideração funcional pelo socius dominante, mas sempre como correlato de um desconhecimento ativo de sua dimensão caótica.” (1992, p.98)

A produção de uma nova compilação, sempre criará uma ruptura com o sentido das significações, das repetições, dos não reconhecimentos das diferenças, contudo a produção confere uma remodelação de territórios e *despetrificar* componentes semióticos no sujeito, realizar “um mergulho na imanência homogenética que dependem de suas possíveis conquistas de coeficientes suplementares de liberdade heterogênicas, seu acesso a Universos de referências mutantes e sua entrada nos registros renovados de alteridade.” (1992, p.100) a problemática em Guattari busca no caos, no passeio do esquizo, uma saída do aprisionamento significativo, e uma necessidade da construção assignificante do discurso, uma perspectiva pragmática de eficácia

ontologia, a cura na proposição freudiana, congela os problemas em um impasse, na esquizoanálise, aconteceu a abertura de novos caminhos a partir da virtualidade. Ao seu modo, Artaud nos leva a um caminho a reconhecer o problema.

“Não renuncio a nada daquilo que é o Espírito. Quero somente transportar meu espírito para outro lugar, com suas leis e seus órgãos. Não me entrego ao automatismo sexual do espírito, mas, ao contrário, nesse automatismo eu procuro isolar as descobertas que a razão clara não me dá. Eu me entrego à febre dos sonhos, mas é para retirar daí novas leis. Eu procuro a multiplicação, a fineza, o olho intelectual no delírio, não o vaticínio arbitrário. Há uma faca de que não me esqueço.” (2021, p. 58)

No distanciamento dos automatismos, a história, a filosofia e arte, desencadeiam uma função norteados para a saída da organização, em especial arte, que no Ocidente, demorou para separar-se de uma teoria relacionada a valores morais, que regulam o comportamento humanos, a arte estava presente nas apresentações religiosas, o grande palco do teatro católico, a utilização de elementos semióticos e de práticas multirreferencial de modo a prender o sujeito na aliança com a Sagrada Trindade. A arte esteve a serviço das soberanias estabelecidas. O corpo de Cristo é maquiado de todas as maneiras — a hóstia, o corpo pleno sem órgãos, lugar do desejo da sadomasoquista, da alegria e da tristeza, ser consagrado ou castigado, do pecado e da pureza, e no corpo do artista é refém da própria alegria consumada em arte sagrada. Todos os órgãos são potências diretas que articulam com o corpo sem órgãos, a potencialidade perde efeito quando os órgãos deixam de ser codificados e descem do altar da hierarquização coletiva, Artaud contesta o sagrado, quando refuta o Papa, quando “ofende” Deus, abre novos caminhos para arte realmente autêntica, que segundo Deleuze e Guattari:

“consiste unicamente em libertar o que já estava presente na arte de todos os tempos, mas que se encontrava oculto sob objetivos e objetos, ainda que estéticos, sob as recodificações ou as

axiomáticas: o puro processo que se efetua e não para de se efetuar enquanto se processa, a arte como experimentação.” (1972, p.492)

A Arte e a Ciência, pertencem ao polo de investimento reacionário em uma organização paranoica edipiana, e como fazer a arte assumir sua grande grandeza? Os surrealistas se perderam em suas bases e seus caminhos futuros, as ligações não se conectaram, o fluxo tomou outra proporção, porém Artaud, com seu fluxo próprio, o devir-artista, o devir-anárquico, abre uma ruptura não somente com o movimento mais com a arte sujeitada, a exclusão ou o “autoexclusão”, exemplificam a experiência esquizoanalítica que será desenvolvida constantemente, ainda sem a referida denominação, mas, na prática, que segue conceituada e teorizada por Deleuze e Guattari. Seria essa a imanência o esquizo? Seria uma proposta de um *Novo Paradigma Estético*? Antes de remetermos a essas questões precisamos firmar alguns pontos sobre a esquizoanálise, em suma, a abordagem não resume na simples separação do positivo pelo negativo, todas essas relações são conduzidas ao mesmo, e vale ressaltar que também não funciona por etapas ou por fase, assim que conquista algo, e avança para o próximo nível, acontece diferente, ao mesmo tempo que o sujeito descobre suas feridas internas marcadas pelo externo, ele no grupo expõe suas feridas e recebe as marcas de outros membros do grupo, e juntamente, formulam possível saída não de cura, mas, de movimentos, de gritos, de caos, de Caosmose, que surgirá a maneira em que reconhece as diferenças e inventa o novo, lembrando, tudo ao mesmo tempo, sem tarefas ou exercícios de casa. Descobrir a natureza dos sujeitos, suas formações, suas máquinas desejantes abolindo as interpretações, o esquizoanalista tem unicamente um desempenho funcional no processo, desse modo o inconsciente não pode ater-se a aferição das máquinas sociais e da máquina capitalista, essas máquinas são ainda muito representativas e correspondem as grandes unidades do socius, por isso a importância defendida por Deleuze e Guattari, do corpo sem órgão, ele desencadeia as atividades do desejo e condicionam a potencialidade da libido (combustível do desejo), entretanto sua função é contrária da produção, ao modo capitalista de produzir,

o corpo sem órgão assume também a função da anti-produção, repelindo os órgãos objetos, dentro desse organismo corpo sem órgão e órgãos objetivos se contrariam constantemente onde ambos seguem, apesar apropriarem do fluxo desejante, seguem caminhos opostos em suas funcionalidades, já os órgãos parciais que são contribuidores, próximo ao corpo sem órgão, que no projeto Caosmose, representam a mesma potente articulação:

“No fundo, os órgãos parciais e o corpo sem órgãos são uma só e o mesmo, uma só e mesma multiplicidade que deve ser pensada como tal pela esquizoanálise. Os objetos parciais são as potências diretas do corpo sem órgãos, e o corpo sem órgãos é a matéria bruta dos objetos parciais. O corpo sem órgãos é a matéria que preenche sempre o espaço com este aquele grau de intensidade, e os objetos parciais são esses graus, essas partes intensivas que produzem o real no espaço a partir da matéria como intensidade = 0. O corpo sem órgãos é a substância imanente, no sentido mais espinosista da palavra; e os objetos parciais são como seus atributos últimos, que lhe pertencem justamente porque são realmente distintos e não podem, assim, excluir-se.” (DELEUZE; GUATTARI. 1972, p. 432)

Os dois são máquinas desejantes esquizofrênicas, e nessa ação contraria aos órgãos objetos que o corpo sem órgão aprece como modelo de morte, na intensidade zero, nem boca, nem língua, nem dentes... uma mutilação, todavia não só posiciona contrária a realidade, sua única oposição é com o organismo molar, as entidades castradoras, a lei. Sobre a morte, Deleuze e Guattari, dizem que “não é desejada, há somente a morte que deseja, enquanto corpo sem órgão ou motor imóvel, e há também a vida que deseja.” (1972, p.436), contudo a experiência de morte é a coisa mais ordinária do inconsciente, pois, ela se faz na vida e para a vida, a morte de algo que não faz parte do agora, Artaud pensou na morte do teatro (clássico, realista, mimese da vida cotidiana) como possibilidade de um novo teatro ressurgir, um teatro cruel contra o recorde perfeito da realidade proposto pelos órgãos objetos, nesse sentido é fácil entender que a experiência de morte, deu uma ampliação da própria experiência de vida e sempre lembramos que as máquinas desejantes nunca morrem. Importante ressaltar a experiência do drogado, que alucina, deliria, goza, se derrete e desmaia, acorda de ressaca e volta a se drogar. O retorno as pulsões irão condicionar outras atrações, outras formas de afetos surgiram, outros movimentos resplandeceram sobre o corpo sem órgãos.

O passeio do psicanalista, nada tem a ver com a experiência de morte, na psicanálise, a morte priva toda a sexualidade, uma limitação que aprisiona a libido, ou melhor, condiciona-a a servidão e a justificação, que culminará ao desejo de Édipo, a sexualidade nos diz Deleuze e Guattari, ela como desejo deixa de animar uma crítica social da civilização, porém a psicanálise utiliza do desejo de morte para resumir em uma cultura só de sentimento de culpabilidade, um julgamento da vida, uma energia neutra esse desejo sustenta, ao mortificar a vida, em função da própria vida.

“E esta neutralização, este voltar-se contra a vida, é ainda a última maneira pela qual uma libido depressiva e esgotada pode continuar a sobreviver, e sonhar que sobrevive: "O ideal ascético é um expediente da arte de conservar a vida. Sim, mesmo quando esse mestre destruidor, destruidor de si próprio, se fere, é ainda a ferida que o constringe a viver". E Édipo, terra pantanosa que exala um profundo cheiro de podridão e de morte, e é a castração, a piedosa ferida ascética, o significante, que faz desta morte um conservatório para a vida edipiana. Em si, o desejo não é desejo de amar, mas força de amar, virtude que dá e que produz, que máquina (pois, como poderia desejar a vida o que está na vida? quem quererá chamar desejo a isso?).” (DELEUZE; GUATTARI. 1972, p. 432)

A conduta humana, a vida e a arte defronta-se com coerções, com resistências que questionam os limites impostos, por meio de códigos, dos ensinamentos, da história, esses agenciamentos contribui para abrir e para fechar algumas portas, existe aqui uma condição do infinito de possibilidades diferentes, como, por exemplo, na arte, “a finitude do material sensível torna-se um suporte de uma produção de afetos e de perceptos que tenderá cada vez mais a se excentrar em relações aos quadros e coordenadas pré-formadas.” (Guattari, 1992, p.115), a potência estética de sentir, esteja em vias de ocupar uma posição privilegiada no campo dos agenciamentos coletivos de enunciação, onde na loucura ou pela loucura, ou na Caosmose podemos, assim referir-se a Artaud, a criação de uma arte autêntica, e não a uma arte institucionalizada, divina ou que remeta a triangulação edipiana, Guattari fala sobre a dimensão da criação, onde a potência da emergência traz o ser do

universo em um novo horizonte, desterritorializado capaz de sobrecodificar, os valores e pela criação habitar ou povoar de afetos estéticos esse campo dos sujeitos e dos grupos, pelas linhas de fugas dos estratos finitos que conseguiremos visualizar a direção do infinito incorporal. Nesse estante conseguimos fugir do mito e do herói, e sem ressentimentos os heróis também morrem, se a disciplina da psicanálise pretende como ciência trabalhar processualmente os paradigmas processuais e éticos na forma do mito, a esquizoanálise, sem ambição, sendo apenas uma ferramenta, trabalha na figura do traidor, do esquizo, do louco (uma breve referência a Artaud), na intenção que movimentar a máquina estética, a qual é capaz mostrar suas dimensões ainda desconhecidas, o ser do conhecimento é o que inventa o novo no sentido spinozista.

A urgência da implementação de um novo paradigma estético, vem para pela necessidade de alterar as relações que o sujeito é afetado, na necessidade de criar um novo trado ético-político, com responsabilidades sociais pela criação, falar de criação no meio do caos é enfrentar demônios e assassinar anjos, se bem que pela mitologia bíblica Lúcifer era um anjo e inclusive o mais lindo dentre os outros, o anjo da luz, reconhecer a história faz parte da criação, como novo paradigma, não surge do nada, aspectos outros e partículas de vivências, histórias, colaboram no movimento do novo paradigma, é como o ser no espaço no rizoma, cercados de várias linhas, e se elas linhas não lhe representas o sujeito foge, vai povoar outro espaço, porem essas linhas que os cercam o atreveram, o fato de fugir, não elimina as marcas sofridas no corpo por elas, relatar essa imanência, na criação sobre o paradigma estético sem lugar para um lugar o mito e o trágico, sem esse endeusamento de figuras que não fazem nada, dentro dessa oposição ao transcendente, Craia, nos indica que “de fato pudesse operar como condição de fenômenos reais, e onde o campo de imanência entre condição e condicionado efetivamente se concretize.” (2009, p.317), seria então corresponde ao campo da sensibilidade? A sensibilidade, em Artaud, quer dizer “apropriação, mas apropriação íntima, secreta, profunda, absoluta de minha dor para mim mesmo, e, por consequência, solitária e única dessa dor.” (2021, p.55), a relação da dor preza ao corpo não corresponde a transcendência, a percepção da sensibilidade,

assim como o corpo sem órgão estão no campo imanente e por isso inseparável do ser.

Se buscamos aquilo que é inerte a alguém e se faz unido e inseparável ao mesmo tempo, na base de sua essência, podemos dizer que o corpo sem órgão é isso que buscamos? Se no corpo do sujeito, existe algo de supremo, algo intrínseco a um ser, findado em si, podemos chamar de sensibilidade? Quando algo não é transitório e quem nunca deixa de existir, podemos atribuir a uma ação da mudança? Existe um plano que é possível explicar a vida? Como resolvemos ontologicamente a criação de uma estética como ética? A presença interior de algo, de uma qualidade ou de uma ação como parte do Ser ou como ser, como parte, iniciado, desenvolvimento e tem efeito no próprio ser, podemos chamar de imanência. Deleuze e Guattari, no corpo de Artaud, descrevem suas ações ao passo que toda a sua essência, sua vivência passa a ser encarada como base da formulação teórica da esquizoanálise, a arte desencadeia por meio do caos toda uma liberação anárquica, contra um sistema, a vida possível só acontece contra os órgãos, assim vivemos a esquizofrenia de um corpo sem órgãos, voltando a arte, ela tem uma função de romper com a estrutura dos sentimentos e trazer átona a mais pura sensibilidade de ser, o conhecimento, o corpo sem órgão, a arte e o caos são agenciamentos que podem mudar a forma de pensar e de interagir dentro do socius, se Kant propõem uma imanência ou um plano da consistência (ao modo deleuziano), dentro dos limites da experiência possível, Artaud contraria o possível, focado, fez tudo explodir, no limite, ele buscou o impossível, existiu e permaneceu na essência da própria experiência, vida e morte no mesmo plano, fiel aos seus desejos e contra os regimes de castração. A esquizoanálise, o caos e estética não são projetos do plano mental, são gritos de denúncia, contra os problemas das formas, contra as formações dos sujeitos e contra a estruturas de leis, e estruturas ou formações na gênese.

5.2 PRUDÊNCIA, DEVO USAR?

Artaud de modo a operar uma verdadeira revolução na ordem dos valores, se considera morto, a um mundo que considera vazio por seguir regras de conservações, o Teatro da Crueldade, é a proposta de contra-homem, na busca da verdadeira razão do ser. Sua revolução vai à direção a morte, de uma Europa estratificada pelo comando da razão e pela noção de justiça e de moral, o princípio de contradição está na natureza do ser, onde os deuses não tomam o poder, o mundo está destruído por podres leis, há uma urgência em reabilitar a força mística, primitiva, voltar a se relacionar com natureza. Pelos questionamentos propostos por Artaud em tom de apelo, será preciso quebrar as consciências que o mundo moderno venera, só assim será possível recuperar a força do absoluto, fazendo uma política da revolução cultural onde o corpo ocupa o lugar de destaque, sem engendramentos, livre, e sem cortes, ao qual Deleuze conceitua de corpo pleno, o corpo sem órgãos, a anti-produção. Se na base conceitual a esquizoanálise pode dar conta dessas mudanças, poderia existir um limite, um ponto de chegada? Qual é o limite da experiência de ordem anárquica?

Colocar a prova, seus limites e suas vontades, investigar ou verificar suas possibilidades, realmente conhecer suas ações, são características que o movimento da experiência pode propor ao sujeito, o que acontece quando absorvermos destemidamente os limites da experiência? É possível dizer que a experiência não tem limite, mas para Deleuze e Guattari, é preciso estabelecer um nível, o qual denominaram no processo esquizoanalítico de prudência. Essa qualidade que o sujeito em discernir à sua maneira, quais são os perigos ou quais seriam as consequências ruins, então, a prudência não é uma castradora de desejo ou da experiência, muito pelo contrário a prudência consiste em sempre provar o novo por meio da experiência.

O conceito de prudência, aparece como botão do pânico no processo da esquizoanálise, Deleuze e Guattari descrevem que:

“Em sua tarefa destrutiva, a esquizoanálise deve proceder com a maior rapidez possível, mas também só pode proceder com uma grande paciência, uma grande prudência, desfazendo sucessivamente as territorialidades e as reterritorializações representativas pelas quais um sujeito passa na sua história individual. Isto porque há várias

camadas, vários planos de resistência vindos de dentro ou impostos de fora. A esquizofrenia como processo, a desterritorialização como processo, é inseparável das estases que a interrompem, ou então que a exasperam, ou que a fazem girar em roda, [380] e que a reterritorializam em neurose, em perversão, em psicose.” (1972, p.420)

Para viver é necessário passamos por várias experiências, isso compõem o ser, à medida que para experimentar é também necessário tem prudência. Sem a prudência, é possível fracassar e o objetivo da experimentação pode acabar em uma “tentativa de suicídio” (Deleuze, 2003, p.140), Vinci (2022) compõem que para compreender essa relação complicada entre as noções de experimentações e da prudência, “será preciso não apenas elucidar os modos como cada tomo (membro ou grupo) operacionalizou suas empreitadas de pensamento, mas também trazer à baila alguns elementos metodológicos do trabalho conjunto de Deleuze.” (2022, p.5), entretanto, a esquizoanálise não corresponde a um método fechado em si, desconfigurando totalmente ao processo ou o passeio do esquizo, a experiência seria como um aporte nas ferramentas outras da esquizoanálise, a busca de novas maneiras de sentir e de pensar, experimentando novas imagens diferentes das já conhecidas e sempre caminhar a frente, gradativamente para visualizar o abismo e voltar. Artaud teve contado com a experiência fora da vida com o ópio.

“Um estado fora da vida e que, para a medicina dos homens, monstruosa excrescência da imbecilidade fixa dos homens, é hieroglífico e não pode se exprimir senão por um hieróglifo, um dia me fez recorrer ao ópio. Daí não saí e não sairei. [...]

Sei que daí não sairei, como reconheço em mim a fatalidade que me fez nascer o que sou, tal como sou, quer dizer, eu [moi] e não um outro. Com esse véu de diferenças ínfimas, mas desesperadamente ressonantes quando se a toca, que resulta no som do eu [moi].

Eu me opiomano, na medida em que eu sou eu sem me curar de mim.⁵⁵ Parar de me drogar é morrer. Quero dizer que somente a morte pode me curar do paliativo infernal das drogas, de que somente uma ausência razoável, e não extensa demais, não frequente demais, me permite ser o que sou.” (2021, p. 93)

A experimentação, tomada como sinônimo do próprio pensar e de como é apresentado o ser como sujeito, membro ou grupos, nessa concepção para Artaud, seria uma expressão de constância experiencial, ao ser necessário o pulo no abismo, um pulo que corresponde a outra ordem, Para Deleuze, o pensamento é coagido, pressionado por um signo violento que arrasta e nos leva a pensar, a experimentação segue a mesma coação, a retomada da castração do desejo desempenha o limite, a marca onde não se deve ultrapassar, porem o corpo nu, o esquizo, o corpo sem órgão, recorrem à partícula “SE”, “e se eu ultrapassar o limite”, o que acontece? A partícula não obedece ao plano da racionalidade ou do raciocínio, ela é fator surpresa na experiência, a relação do que foi afetado acontecera tempo depois, na volta do efeito, ou da ação realizada. O que atravessa o corpo corresponde com o agora, pois, para Deleuze e Guattari, “A experimentação é sempre o que se está fazendo” (1992, p. 143), a experiência não acontece no passado e nem condiz a algo que irá acontecer, é o ato no ato, de certo modo é de bom-tom tomar cuidado, a abertura que a esquizoanálise condiciona ao sujeito e ao grupo, tendem levar a experimentação vital a um campo mortífero.

“A experimentação vital tem lugar quando uma tentativa qualquer que empreendemos se apodera de nós e instaura cada vez mais conexões, nos abre a outras conexões: esta experimentação pode implicar uma espécie de autodestruição, pode utilizar produtos auxiliares ou estimulantes, tabaco, álcool, drogas. Não é uma tentativa suicida desde que o fluxo se volte sobre si, desde que sirva para conjugação de diferentes fluxos, sejam os riscos quais forem. A tentativa suicida, pelo contrário, ocorre quando tudo se volta sobre esse único fluxo: “minha” dose, “minha” seção, “meu” copo. Isto é o oposto da conexão, é a desconexão organizada. Em um lugar de um “motivo” que serve para verdadeiros temas e atividades, temos o desenvolvimento único e plano, como em uma história de investigação estereotipada, onde a droga só é para drogar-se, conduzindo a um suicídio cretino.” (p. 140)

A morte em Artaud seria pela overdose social e de valores, já a experimentação... aceitar o eletrochoque? Qual seria sua dose de segurança? É um tanto curioso pensar em ações mortíferas que atacaram o corpo sem

órgãos, contudo, ele é passível de sofrer ousadas investidas perigosas dentro de seu movimento de experimentar, esses riscos são expostos no corpo do esvaziado, o sem relações conhecidas, sem base de comparação, sem noção, o lúgubre, o sem propósito, perdendo totalmente o controle.

“Mas por que este desfile lúgubre de corpos costurados, vitrificados, catatonizados, aspirados, posto que o CsO é também plano de alegria, de êxtase, de dança? Então, por que estes exemplos? Por que é necessário passar por eles? Corpos esvaziados em lugar de plenos. Que aconteceu? Você agiu com a prudência necessária? Não digo sabedoria, mas prudência como dose, como regra imanente à experimentação: injeções de prudência. Muitos são derrotados nesta batalha.” (p. 11)

A esses corpos, Deleuze e Guattari, consideram de extrema necessidade uma certa prudência como regra imanente à experimentação. Passamos a devolver essa consideração. O julgamento social quando não marginaliza a experiência, como, por exemplo, a droga, ou remete à situação de válvula de escape, o que a dada medida possa concordar, pois, o corpo do drogado se entorpece para escapar dessa realidade que o aprisiona, a diferença está sobre o efeito, sobre os mundos outros que se tem acesso pelo efeito da droga, estar no absoluto e ter noção de liberdade é um vício, por isso a prudência cabe nessa situação, para além dos julgamentos, o corpo orgânico não suporta tal noção, a paranoia do vício perde o controle, inclusive do corpo que se esfacela em espuma e perde a potência de vida. O corpo sem órgão faz parte e/ou está presente em qualquer lugar, seja em membros ou em grupos, as práticas de experimentações ao ponto de se desorganizarem não condiz com o propósito da experimentação. O corpo do masoquista, organizado corresponde a toda a sua função necessária para continuar vivo, o corpo sem órgão está na potência de suportar a dor a ponto de sentir prazer, há um limite na dor, se o prazer pela dor está na penetração de objetos diversos em seu órfico anal, a prudência corresponde ao limite que o corpo suporta, ao tamanho de tal objeto introduzido, a um pouco de decidir se

aguenta mais ou menos, se for menos é a hora de voltar, a experiência do agora no prazer da dor está encerrada por hora, se for mais o corpo orgânico pode sofrer alterações podendo culminar na falência e na impotência de permanecer vivo.

Avaliar os riscos e compreender que esses fatores existem podem acontecer no processo da experimentação, neste sentido, que a prática deve ser prudente, confrontar o limite absoluto e intrínseco sem destruir completamente o limite relativo e extrínseco, o qual estão fixados as regras, as leis as normas, desse espaço surge a violenta afirmação de que o absoluto é um lugar que não se deve habitar. Ao dissertar sobre o aprendizado da experimentação, Lemos (2019):

“O CsO do ponto de vista da teoria da aprendizagem, no seguinte sentido: a ética do cuidado, da prudência, é igualmente uma ética da aprendizagem. É necessário aprender a criar o CsO, aprender a cuidá-lo e povoá-lo, aprender a conectá-lo com os outros CsO. Em tudo isso, o aprendizado “mais difícil”, como dizia Dom Juan, era sustentar a relação paradoxal entre o tonal e o nagual. É que se o nagual é o plano de consistência, certamente este plano não é dado, e mantém um liame com todas as forças do caos que o envolvem e o ameaçam. Só se atinge o CsO por essa relação paradoxal com o caos: de aliança e, ao mesmo tempo, de inimizade. O caos é um aliado, porque contém as velocidades infinitas necessárias à criação, e um inimigo, pois ameaça desfazer toda consistência. Não há receita quanto a isso: há que se experimentar, cada um como pode, a cada vez. O caos é então o “aminimigo” de todo experimentador.” (p.186)

A critério da existência, salienta, a seleção das relações afetadas na vida proporciona um estado de organizar os encontros, e desse modo a prudência é a arte da consistência, critério da composição das potências, facilitadora da abertura do novo, do nunca visto ou vivido.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Artaud, em seu último estado, representa um corpo que se deteriora em vida, marcado pela relação entre as coisas em si e as coisas nas coisas, o que o torna capaz de continuar nesse estado final, onde a construção e a produção de sua obra não cessam, apesar das contravenções que o impedem. No seu tempo e no seu espaço, sua leitura se tornou inapropriada, pois esse ser se debruçou sobre os limites e as limitações das relações sociais, consigo mesmo, com seu corpo e com sua arte como potência de existência.

“Mas quem sou eu em meio a essa teoria da Carne, ou melhor dizendo, da Existência? Sou um homem que perdeu sua vida e que procura por todos os meios lhe fazer retomar seu lugar. Sou de algum modo o Excitador de minha própria vitalidade: vitalidade que me é mais preciosa que a consciência, pois aquilo que, nos outros homens, não é senão o meio de ser um Homem, em mim é toda a Razão.

No percurso dessa pesquisa enfiada nos limbos de minha consciência, acreditei sentir explosões, como a colisão de pedras ocultas ou a petrificação súbita de fogo. Fogos que seriam como que verdades insensíveis e, por milagre, vitalizadas.

Mas deve-se seguir a passos lentos sobre a estrada de pedras mortas, sobretudo para quem perdeu o conhecimento das palavras. É uma ciência indescritível e que explode por lentos impulsos. E quem a possui não a conhece. Mas os Anjos também não conhecem, pois todo verdadeiro conhecimento é obscuro. O Espírito claro pertence à matéria. Quero dizer, o Espírito em um momento dado, claro.

Mas é preciso que eu inspecione esse sentido da carne que deve me dar uma metafísica do Ser, e o conhecimento definitivo da Vida.” (ARTAUD, 2021, p.54)

Com esse poema, podemos considerar que o conceito corpo sem órgãos não deve ser fechado em um modelo, mas sim subordinado à razão, a ponto de substituir um pelo outro. Pensar dessa forma confere a relação de uma linha dura que marca seu território como lei. A esquizoanálise não é um método e não está subordinada a um manual. O conceito não se enquadra em um campo extrínseco. A proposta abstrata que confere Deleuze e Guattari, vem para desenquadrar tudo e permanecer nesse movimento absoluto na eternidade. Estamos questionando os modelos e as formas que nos foram apresentados. A pesquisa não articula todo o seu processo à criação de uma forma, método ou lei. A importância foi compreender que o modelo criado é apenas uma forma de

se relacionar com o corpo sem órgãos, dentre tantas outras possibilidades que a pesquisa não explorou. O corpo sem órgãos, que pode liberar ações sobre a sensibilidade no plano da imanência, não substitui os conceitos já estabelecidos e estabilizados. A simbiose desses conceitos, bem como as experiências e a forma como o trabalho seguiu seus passos, podem ser apresentadas aqui como uma ferramenta que nos auxilia a compreender e alcançar esse corpo sem órgãos, sem julgamento ou leitura da norma, que rejeita qualquer tipo de obstáculo que o atrapalhe, negativamente. Nossa percepção é positiva quanto à necessidade de liberar ou acordar o Corpo Sem Órgãos. A Arte e Filosofia, as quais são dois agenciamentos que atuam em conjunto, sempre estiveram presentes e complementaram-se mutuamente. Dessa forma, foi possível demonstrar a contribuição de Artaud no plano de fundo dos textos de Deleuze e Guattari.

Conseguimos perceber, que além daquilo que nos foi dado como referências de criação de conceitos a partir de Artaud sobre o compor sem órgãos, outros elementos, mesmo que timidamente, contribuíram no pensamento deleuze-guattariano, as sugestões propostas por Artaud, e sua relação durante a permanência no Movimento Surrealista e posterior a sua saída ou expulsão, corresponde exatamente com as indicações para alcançar a mudança por meio da esquizoanálise, durante as linhas que descrevem a prática, podemos comprar e criar uma aproximação fiel sobre a nova estética revolucionária anárquica que Artaud viveu em sua própria pele. Deleuze inicia um processo que nos foi muito rico, ao apresentar a presença do Corpo sem Órgãos em corpo distintos, como na linguagem, no governo despótico, na civilização primitiva e no capital, essa apresentação tomou possível pensar e compreender que sim o Corpo sem Órgãos faz parte celular de todos, e que precisamos descobrir seu momento, sua intensidade e, as alimentar para considerar o diferente daquilo que nos é enfiado goela abaixo. Os pontos da vida e obra de Artaud tem uma passagem na filosofia de Deleuze e Guattari, como a doença do espírito (fluxo de criação de não confere a razão), metamorfose (processo revolucionário que atende a mudança), modo artificial (que somos refém e escravos do sistema), A peste (indicação que o teatro deve ser igual à pandemia, mortal) o Teatro da Crueldade (uma resposta a moral e

contra os valores), corpo-fome (contra a ganância e acumulação), o elixir da vida, (harmoniosa relação coma natureza e com a alma), o teatro de Bali (rompimento com a forma estrutural que somos apresentados), o suicidado (quem não obedece ao sistema morre), juízo de deus (novos modos de criação, deixado de lado a razão, e liberar o corpo sem órgãos), a obra de Artaud e vasta e tem um nível alto de complexidade, entretanto a leitura simultânea de Deleuze e Guattari, facilitaram uma pequena parte da visceralidade que Artaud escreve.

Consideramos que a vida de Artaud é um exemplo real das ações violentas cometidas pelo sistema, a marginalização, colocar a margem, foi esse movimento marcado em seu corpo, aqui, a linha reguladora do horizonte, conceito que atribuímos, pelo conjunto de outros componentes como o sistema normatizante (refém ao senso comum, bom senso e ao hábito); sistema pré-estabelecidos (aquilo que nos é dado como verdade); semiótico (as imagens que nos alimentamos e reproduzimos), e o Corpo sem Órgãos (rompimento com a organização), essas atribuições desenvolvem nosso entendimento sobre como o sistema é cruel e não aceita a diferença, que o que sujeito que sofre e marginalizo, existe o juízo de pertencem no sistema seguido suas regras ou ser colocado para fora, esse espaço no rizoma que estabelecemos, é marcado pela linha reguladora do horizonte, entender esses movimentos nos foi preciso para expor qual a causa dessa reputa e a importância dela como criadora do novo e multiplicadora da diferença. Avaliamos que os movimentos a serviço da norma potencializam o Corpo sem órgão, e desse modo foi possível apresentar a percepção de algo particular no sujeito, as trocas dentro e fora das linhas, seus caminhos, suas vivências, todo contribui para o conhecimento daquilo que o afeta, suas sensações e sentimentos ganharam nossa atenção, a ponto, que, podemos dizer que os sentimentos são o produto energético do Corpo sem Órgãos (no recorte que pesquisamos) assim a libido é para o desejo, os sentimentos não existem sozinho, é ambivalente e todas os seus polos são necessários para contribuir na potencialidade do sujeito como ser, entrado não confere uma leitura racionalizada, e, só opondo a razão e todas as suas estruturas, chamados de leitura não-racional, todas as potências, intensidades e relações que corpo sofre, a irracionalidade não teve força para

suporte em nossas portas, pois, se a usássemos iríamos acatar a todas as suas regras, e esse foi nosso propósito, por isso a substituição do entendimento por outro conceito, que consiga dar a devida atenção, com isso, nos foi possível apreciar toda forma abstrata de expressão, entender a diferença, a força que nos move, ao caminho do múltiplo e nesse campo foi possível cole racionar a transversalidade das coisas que nos afetam e todo esse processo é pautado antes de tudo no conhecimento do sujeito.

Foi preciso conhecer o caos, plano onde algo pode acontecer, potencializador da criação, Deleuze e Guattari no meio do caos, viabilizam a saída do esquizo, pela esquizoanálise, a prática como ferramenta, após todos os processos e conceitos, passa a não individualizar o sujeito, e faz com que sofrimento a repulsa de oposição ao sistema, seja vista pelo olhar do grupo, aqui conseguimos entender a articulação esquizoanalítica e o papel na arte nessa possibilidade, Artaud o esquizofrênico no caos, no grau zero, morto, conduziu a pesquisa a uma estética da diferença, do novo, da experimentação, anárquico e também perigoso, e nos perguntamos sobre os riscos, e conseguimos visualização um freio (em certa de medida), Artaud indicou queimar os museus, A inquisição ordenou queimar as bruxas, e se agora queimássemos os padres? (condiz a uma hipotética a partir do pensamento de Artaud), desmedidamente e sem controle a experiência pode levar ao suicídio, a morte, temos o exemplo de Van Gogh, porem essa experiência ao descontrole total não pertenceu a Artaud, a prudência consideramos não ser uma inibidora da experiência, da vivência, do limite absoluto, olhamos para ela como uma porta ao retorno e nesse momento todas as experiências vividas passara por um filtro à qual (as experiências) só alimentaram o ser e esse fluxo constante surgira novas possibilidades de criação do novo. A subjetivação foi crucial para defendermos que a sensibilidade presente no corpo do ser humano, bem como toda forma de liberação, deve ser aceita como uma estética da diferença ou uma potência da criação. Além disso, compreendemos que a imanência pode ser um tratado político que defende a construção ontológica do novo.

A questão central, que conduz à dissertação, é a utilização de ferramentas conceituais que permitem a liberação do corpo sem órgãos. A

utilização do termo sugere o domínio do corpo no social, contribuindo para um novo modelo estético, que questiona aspectos da racionalidade que os sistemas usam para nos manter presos à servidão. A simbiose dos conceitos nos dá a possibilidade de pensar como um novo tratado de ética sobre as experiências e as formas válidas de expressão no sistema, quando o Corpo Sem Órgãos é operado pela sensibilidade, uma virtude que está presente em todos os seres vivos.

7. REFERÊNCIAS

ABRAMOVIC, Marina. **Pelas paredes**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017;

AGAMBEM, Giorgio. **O que é contemporâneo?** E outros ensaios, Chapecó, SC: Argos, 2009;

ALVES, Leonardo Marcondes. O signo: elementos semióticos de Peirce. **Ensaio e Notas**, 2016. Disponível em: <https://wp.me/pHDzN-38G>. Acesso em: 20 jan. 2022;

ARTAUD, Antonin. **Oeuvres complètes**, Tome IV. Paris: Gallimard, 1978;

_____. **Oeuvres complètes**, Tome IX, Paris: Gallimard, 1979;

_____. **Oeuvres**, Paris: Gallimard, 2004;

_____. **A preda de si**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004;

_____. (1923) **Correspondência com Jacques Rivière**. Belo Horizonte, MG: Moinhos, 2020;

_____. **Escrito místicos-políticos I**. Rio de Janeiro: Via verita, 1 ed. 2021;

_____. (1947) **Linguagem e vida**. São Paulo: Perspectiva, 2008;

_____. (1948) **Para acabar com o juízo de deus**. Belo Horizonte, MG: Moinhos, 2020;

_____. (1964) **O teatro e seu duplo**. São Paulo: Martins fontes, 3 ed. 2006;

_____. (1947b) **Os Tarahumaras**. Belo Horizonte, MG: Moinhos, 2020;

_____. (1924) **Texto surrealistas**. Belo Horizonte, MG: Moinhos, 2020;

_____. **Mensagens Revolucionarias**. São Paulo: n-1 edições, 2021;

BARBOSA, Mariana de Toledo. **A ética em Deleuze: um corpo que avalia e experimenta**. Tese de Doutorado em Filosofia, PPGF/IFCS-UFRJ/ École Doctorale 139: Université Paris Ouest Nanterre La Défense, 2012;

_____. “Um corpo que experimenta e avalia: a ética em Deleuze à luz da “grande identidade” Spinoza-Nietzsche”. **KRITERION**, Belo Horizonte, n. 141, dez./2018, p. 867-890;

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahur, 2004;

_____. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahur, 2001;

_____. **Arte da vida**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahur, 2009;

CAMUS, Albert. (1947) **A Peste**. Tradução de Valerie Rumjanek. 25ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2019;

CRAIA, Eládio C. P. Arte y filosofía: esteticismo, pensamento y acción política. **AISTHE**. 2012, n. 10. V. I, p. 138-154;

_____. Lo que nos fuerza a ser :Deleuze y la subjetividade. **EIKASIA**, 2013, p.149-158;

_____. Entre a ontologia e o transcendental: Deleuze, uma apropriação de Kant. Kant e-Prints. Campinas, 2009, n. 2, v. 4, p.307-321;

DELEUZE, Gilles. O atual e o virtual. In: Éric Alliez. **Deleuze Filosofia Virtual**. (trad. Heloísa B.S. Rocha) São Paulo: Ed.34, pp.47-57,1996;

_____. (2003). **Dois regimes de loucos**: textos e entrevistas (1975-1995). São Paulo: Editora

_____. **O vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Editora

Relume Dumará, 2004.

_____. **A ilha deserta e outros textos**. São Paulo: Iluminuras, 2006;

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. (1969) **Lógica do sentido**. 5. Ed. São Paulo: Perspectiva,2009;

_____; _____. (1972) **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010;

_____; _____. (1980) **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011;

_____; _____. (1980) **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 2. São Paulo: Editora 34, 2011;

_____; _____. (1980) **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 3. São Paulo: Editora 34, 2011.;

_____; _____. (1980) **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2011;

_____; _____. (1980) **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 5. São Paulo: Editora 34, 2011;

_____. (1991). **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

Guattari, Félix. **Revolução molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense,1987.

_____. **Soft subvertions**. New York: Semiotext(c), 1996;

_____. **El devenir de la subjetividad**. Santiago de Chile: Dolmen, 1998;

_____. **Cartografias esquizoanalíticas**. Buenos Aires: Manantial, 2000;

_____. **Psicanálise e transversalidade**: ensaios de análise institucional. Aparecida: Ideias e Letras, 2004;

_____. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 2012;

GUERON, Rodrigo. **Capitalismo, desejo e política**: Deleuze e Guattari. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2021;

DUMOULIÉ, Camille. **Nietzsche et Artaud**: Pour une éthique de la cruauté. Paris: PUF, 1992.

FELÍCIO, Vera Lucia. G. **A procura da lucidez em Artaud**. São Paulo: FAPESP, 1996;

FOUCAULT, Michel. Prefacia in: Gilles Deleuze e Félix Guattari. **Anti-Oedipus**: Capitalism and Schizophrenia, New York, Viking Press, pp. XI-XIV, 1977;

FUGANTI, Luiz. **Saúde, desejo e pensamento**: as origens da filosofia nômade. São Paulo: Instituto Mojo, 2021;

KIFFER, Ana. Meu corpo a vossa fome. In **Revista Periferia**, Rio de Janeiro, v.3, n. 2, jan/jun. 2011;

_____. **Antonin Artaud**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2016;

LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. São Paulo: n-1 edições, 2015;

LEMOES, Frederico Pacheco. **A vertigem da imanência**: Deleuze e Guattari diante dos riscos da experimentação. Dissertação de Mestrado em Filosofia, PPGF/UFF, 2019;

MELO, Danilo. Experimentação e prudência no pensamento rizomático de Deleuze e Guattari. **Texto Digital**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 3-19, 2020;

MÈREDIEU, Florence de. **Eis Antonin Artaud**. São Paulo: Perspectiva, 2011;

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009;

MUNHOZ, Marcelo Puppi. **A performance cênica como acontecimento**: um diálogo entre a estética do performativo e a filosofia de Gilles Deleuze, orientador: Eladio Constantino Pablo Craia. Curitiba, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das letras, 2017;

_____. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das letras, 2017;

NODO50. **Manifesto do surrealismo**. Disponível em: https://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/manifesto_surrealista.pdf Acesso em: 19 ago. 2021;

PAVINI, Renan. **As máscaras de Artaud**. Curitiba: PUCPRESS, 2021;

RAUTER, Cristina. Clínica transdisciplinar: Afirmção da multiplicidade em Deleuze/Spinoza. **Revista Trágica**: estudos de filosofia da imanência, 2015, v.8 n. 01;

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho, SIMININI, Eduardo. Transversalidade e esquizoanálise, **Psicologia em revista**, Belo Horizonte, 2018 n. 3, v. 24, p. 915-929;

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desemparo e o fim do indivíduo. Belo Horizonte: Autêntica, 2021;

SANTOS, William Moreira. O conceito de geofilosofia em Deleuze e Guattari. **Revista Pandora Brasil**, Campinas, v. 34, p. 155-169, set. 2011;

SARTRE, Jean-Paul. (1948) **Que é a literatura?** Curitiba: Vozes, 2019;

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Org. Charles Bally, Albert Sechehaye. Col. Albert Riedlinger. Trad. Antônio Chelini, João Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2006;

SIMONINI, Eduardo; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. Transversalidade e Esquizoanálise. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 24, n. 3, p.915-929, dez. 2018;

SÓFOCLES. **Édipo rei**. Tradução: J. B Mello e Souza. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997;

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. São Paulo Editora USP, 2021;

STANILISLAVSKI, Constantin. **A preparação do Ator**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2015;

VINCI, Christian F.R. G. A prudencia e o abandono da crítica em Capitalismo e Esquizofrenia. **Argumentos**, Fortaleza, n.17, jan/jun. 2017, p.107-122;

_____. “A problematização e as pesquisas educacionais: sobre um gesto analítico foucaultiano”. **Filosofia e Educação**. Campinas, v.7, n.2, junho-set. 2015.p. 195-219;

_____; REGINA, Cintya R. Das missivas aos modos: Experimentação e prudência como ethos de pesquisa **Revista Portuguesa de Educação**, vol. 35, no. 1, 2022, January-June, pp. 189-207;

VIRMAUX, Alain. **Artaud e o teatro**. São Paulo :Perspectiva, 1978;

ZOURABICHVILI, François. **O Vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

_____. **Deleuze**: uma filosofia do acontecimento. São Paulo: Editora 34, 2016.